

# O Livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária



Canuto Abreu

LUZ ESPÍRITA

[www.luzespirita.org.br](http://www.luzespirita.org.br)

# **O LIVRO DOS ESPÍRITOS E SUA TRADIÇÃO HISTÓRICA E LENDÁRIA**

**Canuto de Abreu**

Versão digitalizada em 2017

Distribuição online:

***[www.luzespírita.org.br](http://www.luzespírita.org.br)***



[www.luzespírita.org.br](http://www.luzespírita.org.br)

# Sumário

Notas biográficas do autor - pag. 4

Prefácio - ***Um século depois!*** - pag. 7

Capítulo 1 - pag. 13

Capítulo 2 - pag. 23

Capítulo 3 - pag. 35

Capítulo 4 - pag. 48

Capítulo 5 - pag. 59

Capítulo 6 - pag. 78

Capítulo 7 - pag. 89

Capítulo 8 - pag. 103

Capítulo 9 - pag. 117

Capítulo 10 - pag. 124

# Notas biográficas do autor

## **Dr. Carlos Alberto Quirino Ferreira de Castro Cotti**

O **Dr. Silvino Canuto de Abreu**<sup>1</sup> nasceu em Taubaté, Estado de São Paulo, em 19 de janeiro de 1892, e faleceu em São Paulo, Capital do Estado, em 2 de maio de 1980.

Em Taubaté, onde nasceu, de pais brasileiros e radicados por seus ascendentes ao torrão paulista, estudou desde os cinco anos com professores severos, entre os quais os doutores Antonio Quirino de Souza e Castro, Euzébio da Câmara Leal, Gastão da Câmara Leal e Monsenhor Nascimento Castro, afamados educadores taubateanos. Completou em Jacareí, Estado de São Paulo, aos 15 anos os cursos preparatórios no Ginásio Nogueira da Gama, pelo qual passaram numerosos intelectuais seus contemporâneos.

Aos 17 anos formou-se em Farmácia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na qual também concluiu o curso médico. Bacharelou-se em Direito pela antiga Escola de Ciências Jurídicas e Sociais, hoje Escola de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Aperfeiçoou conhecimentos gerais na França, onde estudou Teologia e Ciências Religiosas. Viajou quase todo o mundo e, autodidata, adquiriu o trato de diversos idiomas, demorando-se particularmente no estudo do grego, hebraico e aramaico.

No campo jurídico a que se dedicou como profissional, principiou a advogar aos 22 anos, no Contencioso do Banco Hipotecário do Brasil e da Caísse Commerciale et Industrielle, de Paris, ao lado de Francisco de Castro, Rivadavia Correa, Afrânio de Meio Franco e outros advogados renomados, sob a orientação consultiva de Rui Barbosa, Clovis Bevilácqua, Alfredo Bernardes e outros. Especializou-se em Direito Comercial, Assuntos bancários e econômicos, trabalhando com Carvalho Mendonça, no Banco do Brasil, até 1932.

---

<sup>1</sup> Encontramos o nome do referido personagem grafado com as duas versões: **Silvino Canuto Abreu** e **Silvino Canuto de Abreu**. Sem estarmos seguros do nome oficial, optamos pela primeira versão, especialmente em

Precursor, entre nós, de ideias sociais que se agitavam em outros países, propagou-as como articulista e conferencista, elaborando diversos anteprojetos, alguns dos quais convertidos em leis. Desempenhou vários encargos particulares do Governo Federal, examinando leis mercantis e trabalhistas e nelas colaborando intensamente. Atuou na solução de problemas nacionais, entre outros, o da imigração asiática, o do café, o do açúcar, o do câmbio, o do carburante, etc. Esteve no extremo oriente cerca de um ano estudando, in loco, a conveniência da imigração amarela, dando parecer que foi executado pelo Governo. Solucionou a questão canavieira, que ameaçava de falência numerosas usinas, sendo o autor do projeto apresentando ao Governo pelo Banco do Brasil, e convertido, sem emendas, na Comissão do Açúcar. A Comissão do Açúcar mais tarde foi transformada no instituto do Açúcar.

Ideou, em escala menor, o Reajustamento Econômico, que mais tarde foi realizado em amplitude. Colaborou em diversos planos de natureza financeira relativos à exportação, especulação de produtos nacionais e câmbio. Projetou Leis sobre carburantes, que entraram em vigor, e agitou a questão de refinarias de petróleo cru importado, lutando contra a oposição oculta de interesses estrangeiros e contra o pavor administrativo de ver diminuída a renda aduaneira, e dando, praticamente, como industrial, a prova da eficácia de seus planos. Pugnou para que a exploração do petróleo brasileiro, ainda oculto no subsolo, ficasse exclusivamente com os brasileiros, sob o controle das Forças Armadas, trabalhando, assim, contra seus interesses particulares de industrial.

No campo da medicina, cuja ciência amou e estudava constantemente, foi precursor de muitas ideias de socialização, algumas consideradas avançadas, outras aproveitadas no Congresso Nacional e corporações científicas. Emitiu numerosas ideias trabalhistas ligadas à Medicina Social, escrevendo mais de cem artigos sobre teses diferentes. Colaborou com o Ministro Collor, sob os auspícios de Getúlio Vargas, na organização do Ministério do Trabalho. Teve ação em congressos nacionais e no exterior; fez parte de bancas examinadoras de escolas superiores; estagiou em hospitais no exterior; colaborou em inúmeras revistas médicas e farmacêuticas. Fundou com outros colegas a Associação Paulista de Homeopatia, tendo sido seu primeiro Presidente e depois Conselheiro. E nunca, como clínico, recebeu direta ou indiretamente qualquer retribuição pelos seus serviços médicos.

Na esfera teológica, empolgado desde os dezoito anos pelos estudos bíblicos, empreendeu, entre outros estudos bíblicos, e ainda inéditos, a versão direta dos Evangelhos gregos, tomando por base o mais antigo manuscrito do

Novo Testamento descoberto. Estagiou, para esse fim, nas melhores bibliotecas especializadas do mundo, sobretudo Museu Britânico, Museu do Vaticano e Biblioteca Nacional de Paris. Fez a revisão dos velhos textos com os manuscritos mais recentes, restaurando quanto possível as lições anteriores ao concílio de Nicéia, anotando variantes inúmeras.

Traduziu vis a vis a primeira edição da obra de Allan Kardec — ***O Livro dos Espíritos*** — sob o título *O Primeiro Livro dos Espíritos de Allan Kardec* — 1857, em homenagem ao primeiro centenário daquela obra; publicou o livro ***Bezerra de Menezes***, com várias edições da Federação Espírita do Estado de São Paulo; publicou, em separatas, o opúsculo ***O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária***, que o Lar da Família Universal ora edita em forma de livro, e algumas obras, ainda inéditas, mas que brevemente serão publicadas, postumamente, pela família.



# Um século depois!

**Dr. Paulo Toledo Machado**

No dia 18 de abril de 1957 se iniciaram, no Estado de São Paulo, as Comemorações do Primeiro Centenário do Espiritismo. Na cidade de São Paulo a sua abertura se deu no Ginásio do Pacaembu que estava à cunha, com quase dez mil participantes, que foram comemorar o Primeiro Centenário da publicação de ***O Livro dos Espíritos***. Nem todos, infelizmente, encontraram lugar. Centenas de confrades amargaram um triste retorno. Outros, da capital e do interior do Estado, acompanharam a festividade pela transmissão da Rádio América em conexão com a Rádio Progresso.

Eram componentes da mesa os confrades Dr. Luís Monteiro de Barros, presidente da USE — União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo e presidente da Comissão Central das Comemorações do 1ª Centenário da Codificação; Dr. Paulo Toledo Machado, presidente do Conselho Metropolitano da USE e secretário geral da referida Comissão Central; Carlos Jordão da Silva, membro e representante do Conselho Federativo Espírita Nacional, órgão da Federação Espírita Brasileira; Dr. José Freitas Nobre, Vereador e representante da Câmara Municipal de São Paulo; Dona Matilde de Carvalho, também edil da Câmara Municipal de São Paulo; Abraão Sarraf, vice-presidente da USE; jornalista José Herculano Pires, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo; João Teixeira de Paula, redator do jornal ***Unificação***; professora Luisa Peçanha Camargo Branco e Dr. Eurípides de Castro, ambos membros da Comissão Central acima citada.

O orador oficial dessa histórica quinta-feira, uma noite outonal da chamada semana santa, foi o Dr. Silvino Canuto Abreu.

O Dr. Silvino Canuto Abreu merecia essa honraria. Era espírita convicto, idealista e excepcional cultura.

O seu interesse pelos estudos doutrinários e bíblicos, pela pesquisa da história do Espiritismo, da vida e da obra de Allan Kardec, e pela dedicação como divulgador e expositor espírita, tornavam-no um respeitável vulto no meio espírita.

Em 1956 o Dr. Silvino Canuto Abreu residia no bairro dos Campos Elíseos, em São Paulo. Ele publicara, pelo jornal *Unificação*, órgão da USE — União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, no período de abril de 1953 a junho de 1954, como folhetim, o seu trabalho ***O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária*** (agora publicada pelo L.F.U como livro), uma história romanceada que retrata, um século depois, no tempo cronológico de um dia, o dia 18 de abril de 1857, com uma riqueza de detalhes e brilhantes lições doutrinárias, os dados históricos que começaram no alvorecer do século XIX, no dia 3 de outubro de 1804, e que, então, naquele dia tem o seu ponto culminante. Ainda, o Dr. Silvino Canuto Abreu já nos tinha anunciado que no dia 18 de abril de 1957 lançaria ***O Primeiro Livro dos Espíritos de Allan Kardec — 1857***, edição comemorativa do Primeiro Centenário do Espiritismo, sem dúvida uma contribuição valiosa, por reproduzir um documento histórico e raro, estampando, em bilíngue, português e francês, o texto primitivo e ao lado o traduzido.

Era realmente o orador credenciado.

Assim, em fins de 1956, nós, Dr. Luís Monteiro de Barros, Carlos Jordão da Silva e eu fomos à Residência do Dr. Silvino Canuto Abreu convidá-lo para ser o orador oficial na abertura das Comemorações do Primeiro Centenário do Espiritismo em São Paulo. Ele aceitou e no curso das nossas conversações nos contou o esforço enorme que desenvolvera objetivando a versão dos Evangelhos de João, inclusive do Grego arcaico, para o Português. Uma das grandes dificuldades era conseguir, mesmo na Grécia, uma máquina de escrever com os caracteres em grego arcaico. Mas os obstáculos e as dificuldades não o intimidavam. João, o evangelista, a que Canuto Abreu se referia como testemunha presencial do *logos*, porque “viu, ouviu, tocou, sentiu e entendeu como homem (usando os sentidos naturais) e como médium (empregando o sexto sentido)” (Canuto Abreu, ***O Evangelho por Fora***, editora LAKE, tomo II, págs. 28/29), influenciava-o sobremaneira. E que, no auge desse trabalho, numa sessão espírita doméstica, o seu Guia Espiritual o advertira, indagando-lhe: “Quantas pessoas você supõe que irão ler esta obra?”. E que, quando ainda refletindo, aquela mesma entidade completou: “Duas, três ou quatro?”. Mas essa sua obstinação reflete o vigor do seu ideal.

Um outro episódio revela o seu ardor idealístico.



Canuto Abreu fundara em 1935, com uma plêiade de valores, entre os quais muitos espíritas que se tornaram nossos conhecidos, como Américo Montagnini, Dr. João Baptista Pereira, Dr. Augusto Militão Pacheco, Dr. C. G. Schalders, Prof. Romeu de Campos Vergal e outros, a Sociedade Metapsíquica de São Paulo, da qual foi o seu primeiro Diretor Geral. Não era uma sociedade espírita, embora objetivasse o estudo dos fenômenos psíquicos e fosse de iniciativa de espíritas. Ele e seus companheiros entendiam que a Metapsíquica era uma ciência, e não uma doutrina e muito menos uma seita. E ciência “como ciência é a Sociologia, a Economia Política, a Finanças, a Astronomia, podendo, assim, concorrer para esclarecer doutrinas e dogmas”. O objetivo desses companheiros transparece. A Metapsíquica seria um campo neutro e puramente científico, onde a pesquisa do fenômeno psíquico poderia ser aprofundada por católicos, muçulmanos, livres pensadores e mesmo materialistas, sem se afastarem um instante de seus credos religiosos, filosóficos ou científicos. O Metapsiquismo não é, porém, Espiritismo, no rigor técnico, diz o artigo Programa, na revista **Metapsíquica**, Ano 1, Número 1, de Abril-Maio de 1936. Curioso, no entanto, é verificarmos, folheando os exemplares do Ano 1, de números 1 a 6 de abril de 1936 a março de 1937, que o conteúdo textual produzido é quase integralmente de matéria espírita, pois Allan Kardec, Bezerra de Menezes, Gabriel Delanne, Gustavo Geley, Francisco Cândido Xavier e Camille Flammarion são temas centrais, juntamente com Metapsíquica e Espiritismo, Espiritismo e Kardecismo. Nos Domínios do Espiritismo, etc. E, por irrefreável destinação, a Sociedade Metapsíquica de São Paulo fundiu-se, anos depois com a Federação Espírita do Estado de São Paulo.

\* \* \*

O Dr. Silvino Canuto Abreu aceitara o convite. Ele seria o orador oficial. E o tema que abordou, de que não há registros (salvo os apontamentos do próprio orador e que deverão estar com seus familiares e os que consegui anotar na ocasião), é desconhecido do meio espírita, especialmente nos dias de hoje. Nós, no entanto, dada a circunstância atrás referida e ao nosso desejo de editar esta obra, não temos dúvida de que o tema da histórica conferência do dia 18 de abril de 1957, foi condensado, pelo orador, de **O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária**. Canuto Abreu na sua peça oratória quis retratar, um século depois, todo o acontecimento do dia 18 de abril de 1857.

\* \* \*

Esta edição de *O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária*, por essa razão, é enriquecida com os apontamentos da solenidade de abertura das Comemorações do Primeiro Centenário do Espiritismo, em São Paulo, e com a reprodução dos textos iniciais da histórica palestra. Não nos pareceu despropositado fazermos daquele evento e daquela conferência o preâmbulo da obra, pois ainda repercutem em nosso espírito o cintilar das palavras vibrantes do orador.

O tema desta palestra não foi escolhido pelo orador mas a ele designado em carta pela Comissão que organizou esta solenidade. A escolha do tema e do orador se deve, talvez, à circunstância de constarem ambos de um folhetim novelesco publicado em 1953, no jornal espírita Unificação, órgão oficial da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

Nesse folhetim desprezioso escreveu-se uma passagem histórica ocorrida em Paris, no dia 18 de abril de 1857. E de supor-se, portanto, que a ilustre Comissão ao determinar o tema tivesse em mira solicitar que nesta noite santíssima, em que a cristandade comemora a cena final da sublime e gloriosa missão do Cristo, rememorem, em alguns instantes de prosa, o essencial do acontecido na capital francesa, há precisamente um século, na noite para nós espíritas também santíssima, em que os espíritos comemoram a cena final da sublime e gloriosa missão do Espírito Verdade.

O orador não teve ensejo de consultar a respeito a ilustrada Comissão, mas crendo interpretar acertadamente o pensamento dela vai procurar desempenhar-se do encargo como simples repórter:

"Convido, pois, os senhores e senhoras, que me dão a honra de me ouvir, a uma fuga para o passado, a uma rápida digressão retrospectiva, a uma viagem regressiva no tempo e no espaço, a uma curta visita a antiga Paris do Imperador Napoleão III, e permitam-me servir-lhes de repórter nessa excursão mental...

"Atenção. Estamos em 18 de abril de 1857.

"É um sábado de primavera na Europa.

"Vamos passar um fim de semana num velho recanto parisiense.

"Tomaremos nosso avião de fantasia e impelido a jacto pela força do pensamento imaginemos ter chegado à França.

"Eis-nos, pois, voando sobre Paris da metade do século XIX.

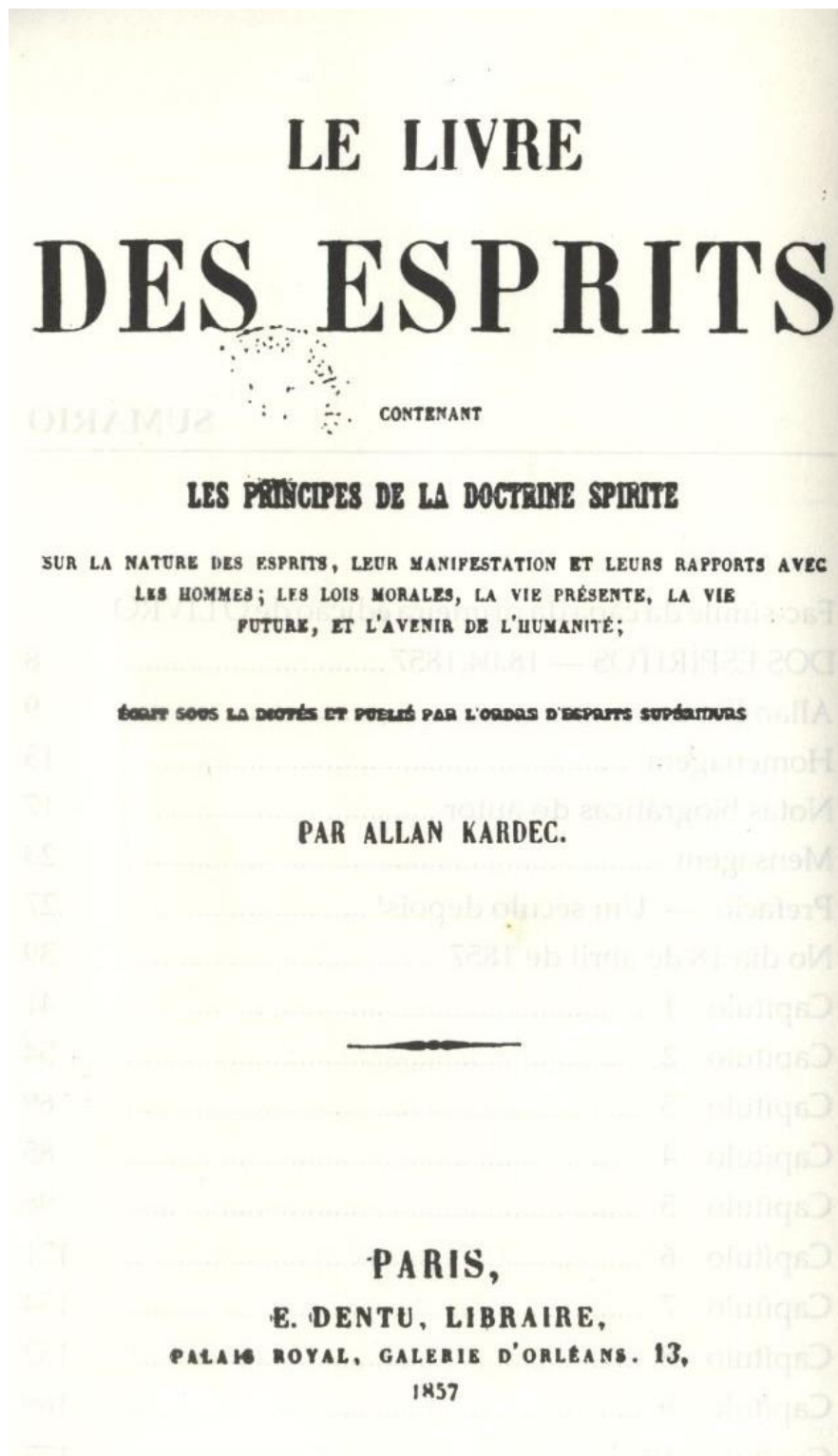
"Desçamos no Boulevard des Italiens...

"A rua que desce ao largo, por essa curva, é a dos Martyrs, justamente a que procuramos. Daqui podemos ver o prédio número 8 desta rua, mas, para melhor observá-lo, atravessemos a praça e fiquemos um instante na calçada fronteira, em frente dele. E um prédio velho, no alinhamento da rua, construído

no século XVIII, na época em que o bairro de La Lorette foi modernizado e em que a primeira igreja da Virgem Mãe com o seu menino ao colo se transformara na imponente basílica atual. O velho prédio tem três andares. No telhado de asbesto, duas águas furtadas com janelinhas verdes. No rés do chão à esquerda há um botequim de duas portas. Atravessemos a rua dos Martyrs e entremos nela para tomarmos uma canequinha de café horroroso. Na parede interna e esverdeada, por trás do balcão está um letreiro florido com a data da fundação do estabelecimento comercial — 1840."

"Na França, os edifícios de pedra e cal, nas cidades principais, se immortalizam e se perpetuam. São construídos no gabarito máximo e no espaço total. Seria, por tanto, inútil alterá-los para aumentar os cômodos. Não é de estranhar que hoje, um século depois, se lá formos realmente, ainda se encontre o mesmo castelo La Lorette, onde os moradores desse prédio como os transeuntes bebiam seu bourbon com leite e brioche, ao tempo de Allan Kardec. Conhecido o prédio por fora e visto o botequim por dentro, subamos agora ao segundo andar. Entremos por esta porta, sobre a qual se encontra, numa tabuleta preta de 30x20cm., o número 8 pintado a óleo, branco. Não se usava placa esmaltada em 1857, apesar do esmalte em ferro haver sido descoberto muito tempo antes por um francês. E ninguém em Paris pensa, absolutamente, em trocar a placa antiga, que adquiriu o direito de tradição..."

Fac-símile da capa da 1ª edição de *O Livro dos Espíritos*



## 1

No dia 18 de abril de 1857, pela manhã, um *camion à chevaux*<sup>2</sup> se deteve na Rue Montpensier, em frente da Galeria d’Orléans, no Palais Royal, Paris. O ajudante de cocheiro, trajando uniforme cinzento, amarrotado e sujo, saltou da boleia e dirigiu-se à Livraria Dentu, situada na entrada do peristilo. Empurrando a porta de vidraça, atrás da qual conversavam dois homens, o moço dirigiu-se a um, que era o gerente:

— Bom dia, Senhor Clement!

E apresentou-lhe um papel.

— Bom dia, Maurice! — respondeu-lhe Clement. Um pouquinho atrasado, não?

— Fizemos o possível, mas fomos despachados com demora na última barreira.

O gerente leu rapidamente a nota de entrega, remetida de Saint-Germain-en-Laye pela Tipografia de Beau, e gritou uma ordem:

— Bittard! Recolha, por favor, essa mercadoria.

Não tardou a atender-lhe um empregado magro e alto, de avental azul, puxando, por uma corda, uma carreta de quatro roldanas pequenas. Aparentava vinte e cinco anos. Arrastou o carrinho até à porta da Rue Montpensier, saindo por ali com Maurice, seu velho conhecido. Conversando futilidades, auxiliado pelo cocheiro e o ajudante, Bittard carregou para o interior da loja, em dois lotes, vários pacotes cúbicos envoltos em papel grosso e tendo, numa das faces, uma etiqueta branca com o frontispício impresso dum livro. A rua tinha, a essa hora matinal, poucos transeuntes. Na maior parte, crianças com suas amas em busca do parque real. O homem que conversava com o gerente era um freguês amigo. Vendo entrar literatura nova, seguiu Clement ao fundo da loja espiou o letreiro dum dos pacotes. Depois disse, despedindo-se:

— Bem, meu caro. Você agora tem afazeres. Vou importunar um pouco o

---

<sup>2</sup> Espécie de carruagem movida a cavalo, normalmente destinado a transportar carga — N. D.

Senhor Dentu.<sup>3</sup>

— Até logo, Du Chalard.

O freguês subiu a escadinha da sobreloja examinando, de passagem, as lombadas dos livros, alinhados em prateleiras e bem espanados. O gerente começou a conferência da mercadoria chegada. Contou primeiro vinte pacotes. Depois, abriu um deles, verificou em duas colunas unidas, sessenta brochuras. O bilhete de entrega rezava o total de mil e duzentos volumes. Dando o resto da mercadoria como conferido, rubricou o canhoto da nota e despediu Maurice com um sorriso e uma gorjeta de prata. Em seguida, apanhando um dos exemplares cuja capa cor de cinza leu com interesse, pôs-se em posição de falar com alguém da sobreloja:

— Senhor Dentu, acaba de chegar ***O Livro dos Espíritos***.

— Suba um exemplar, por favor! — respondeu de lá, um homem, com cerca de trinta anos, louro, de estatura mediana, que estava num birô repleto de papéis e tinha ao lado, numa poltrona maple, seu amigo Du Chalard, jornalista de profissão, aparentando a mesma idade.

O ascensor manual, empregado pelo gerente para remeter o livro à sobreloja, fez tilintar uma campainha ao chegar perto da mesa duma mulher cinquentona, vestida de preto, que examinava uns papéis. Ela apanhou o volume, mirou-lhe o verso e o reverso e mandou o rapaz Adrien, que trabalhava numa escrivaninha a seu lado, aparar-lhe as folhas numa pequena guilhotina manual. Era a viúva Mélanie Dentu que, havia pouco mais dum ano, confiara ao filho Edouard-Henri Justin-Dentu a direção do estabelecimento tradicional da família, dirigido por ela desde o falecimento do esposo. Continuava porém a trabalhar com o filho, não só pelo hábito, adquirido desde o casamento, como para ajudar o Edou, segundo explicava aos fregueses. Espontadas as páginas, Adrien correu o polegar no corte para despregar as folhas e trouxe o livro à diretora. Esta, depois de rápido exame da composição tipográfica — durante o qual manifestou no semblante sinais de descontentamento — levou o volume ao filho, dizendo-lhe:

— Prometi ao Senhor Rivail remeter-lhe um pacote logo que a obra nos chegasse. Não seria bom mandar o mensageiro deixar, de passagem, alguns pacotes consignados com Didier e Ledoyen, que responderam ao nosso prospecto?<sup>4</sup>

<sup>3</sup> C. Du Chalard, jornalista do *Corrier de Paris*.

<sup>4</sup> Didier e Lédoyen, o primeiro editor e o segundo livreiro. Didier Et Cie., Libraires-Editeurs, 33, Quai des Augustins e Ledoyen, Libraire, Galeria d'Orleans, 31 au Palais-Royal (em Paris, França) editaram, em 1860, a segunda edição de ***Le Livre des Esprits***, inteiramente refundida e consideravelmente aumentada, por Allan Kardec, conforme os ensinamentos dados pelos Espíritos superiores com a ajuda de diversos médiuns. Esta segunda edição é que se nos tornou conhecida, popularizada, constituindo raridade exemplares da primeira edição, de 1857. O Dr. Canuto Abreu, desencarnado em 2 de maio de 1980, em São Paulo, por ocasião das



— Certamente, Mam. Queira mandar, também, um pacote a Aumont e outro a Savy. Paris já está repleta de turistas ávidos das novidades da primavera. Distribuiremos o resto, na próxima semana.

E, pegando o exemplar aparado, voltou-se para o jornalista:

— Este é o trabalho mais sério até hoje publicado na França, sobre os Espíritos.

— Mais sério do que o maçudo livro dos Espíritos de De Mirville?<sup>5</sup> — atalhou Du Chalard, com ar de crítica.

— Doutro gênero. *O Livro dos Espíritos* de De Mirville é um repertório confuso e enfadonho de fatos, visando a prova da existência de Satã. Este, que editamos, é uma obra edificante e serena.

— Vejo que você leu o manuscrito antes de mandá-lo à tipografia.

— Não li senão algumas páginas do prefácio e uns tópicos do texto. Mas lembro-me bem de que por um triz, essa obra não foi parar à mão doutro editor.

— Questão de preço?

— Não; pelo título. Vou contar-lhe o fato. Quando o autor me procurou, no fim do ano passado, eu estava, justamente verificando, pelo inventário, o encalhe de várias obras sobre o Espiritualismo. Clement apresentou-mo, dizendo: “O Professor Rivail tem uma importante obra espiritualista para publicar?” O efeito não podia ser pior. Antes de qualquer explicação do autor, que se sentara aí, onde você está, manifestei-lhe má vontade, declarando-lhe que, naquele momento, não nos interessava editar nenhum livro sobre Espíritos, por mais importante que fosse. O homem encarou-me complacente, como se estivesse acostumado a aturar livreiros e ia falar-me qualquer coisa, quando lhe disse, com enfado: “Esse assunto, meu caro Senhor, não nos interessa mais. É batidíssimo e está fora de voga. A França não se importa mais com o Espiritualismo, Nosso depósito está repleto de ‘mesas que rodam’, ‘mesas que dançam’, ‘mesas que falam’, ‘mesas que adivinham’, ‘mesas’, enfim, que ninguém mais lê.<sup>6</sup> Essa brincadeira já passou da moda!” O homem, porém, continuava

Comemorações do Primeiro Centenário de Espiritismo em São Paulo, em 18 de abril de 1957, publicou *O Primeiro Livro dos Espíritos de Allan Kardec* — 1857, reproduzindo, em bilíngue, aquela primeira edição.

<sup>5</sup> M. de Mirville foi um dos primeiros a afirmar e provar o fato da existência dos Espíritos e de suas manifestações; seu livro pioneiro *Manifestações Fluidicas*, precede *O Livro dos Espíritos*, e contribuiu sistematicamente para a propagação da ideia que abriu caminho à doutrina que floresceria logo mais. Por isso é equivocado certas pessoas considerarem o autor como um antagonista; ele é opositor à doutrina filosófica do Espiritismo no sentido de que, conforme à opinião da Igreja Católica, ele vê nesses fenômenos a obra exclusiva do demônio. À parte essa conclusão, suas obras, e especialmente a primeira, são ricas em fatos espontâneos e muito instrutivos, apoiadas por provas autênticas (*Allan Kardec, Catalogue Raisonné des Ouvrages Pouvant Servir à Fonder une Bibliothèque Spirite*, 2<sup>a</sup>. ed., 1869) O Museu do Livro Espírita em organização pelo Lar da Família Universal (São Paulo, Brasil) possui, em seu acervo, um exemplar, de 1854, *Des Esprits et de leurs manifestation fluidiques - Pneumatologie*.

<sup>6</sup> Kardec assinala esse período como “o da curiosidade” (*Revista Espírita*, setembro, 1858).

sereno e sorridente, a ouvir-me com atenção, como se já esperasse pela minha recusa. Respondeu-me, delicadamente: “Desejava apenas seu orçamento tipográfico, pois vou editar a obra por minha conta e risco. É possível?” Embaraçado com sua impassibilidade e querendo, sinceramente, vê-lo pelas costas, disse-lhe que havíamos vendido a tipografia e estávamos dando serviço em concorrência a várias oficinas. E tínhamos tantos manuscritos para remeter ao prelo que, mais um, naquele fim de ano, seria bem embaraçante. E acrescentei: “Por que o Senhor não consulta diretamente uma tipografia, se quer editar a obra por sua conta?” Nesse instante subiu mamãe, que estava chegando à loja. Cumprimentou afavelmente o autor e, sem conhecer minha atitude, perguntou-lhe interessada: “Trouxe afinal seus cadernos Professor?” E, com espanto meu, continuou: “É uma honra para nós editar seu livro. Estamos ultimando o inventário para balanço, mas espero ter tempo, no próximo domingo, de examinar seu manuscrito para um cálculo aproximado do custo. Far-lhe-emos um orçamento razoável”. Intervi, dizendo a Rivail, haver recusado editar-lhe a obra por ignorar a existência dum entendimento anterior com mamãe. E acrescentei, constrangido: “Se não tem muita pressa, deixe conosco seus cadernos. Quantos exemplares pretende?” Mamãe fez-me perceber, com um olhar, que ela se incumbia de tratar da impressão e convidou autor a descer até a loja. Lá ficaram conversando com Clement e passei a cuidar do inventário. Poucos dias depois encontrei, sobre meu birô, para assinar, um memorando remetendo o trabalho à Tipografia De Beau com o aviso, em vermelho, do punho de mamãe: “Urgente e preferencial”. Perguntei a ela: “Sempre vamos editar esta droga?” Respondeu-me: “Droga não, querido. Comecei a correr os olhos sobre as laudas para um cálculo do custo e só abandonei a leitura quando cheguei ao fim da ‘Introdução’, que é enorme. Não fiz outra coisa, nestes últimos dias, senão ler e meditar essa obra verdadeiramente impressionante. E como me fez bem essa leitura, filho! Examine-lhe uma ou outra página, ao acaso, e verá que não estou exagerando”. Enquanto ela falava, risquei, com forte traço azul, o aviso de urgência, não vendo, comigo mesmo, motivo para preferir aquele manuscrito a outros de entrada mais antiga. E, a contragosto, por dever de ofício, examinei a fachada que é, em geral, a única página que o editor lê para organizar os prospectos e anúncios da obra. Depois, atendendo aos pedidos de mamãe, deitei a vista sobre as primeiras linhas do prefácio. Aí, de início, se me deparou uma lição de Filologia, que é meu fraco. Quando me dei conta, estava afundado na leitura, aceitando, plenamente, os argumentos do autor. E como diante de mim se achava mamãe a convidar-me para o almoço, confessei-lhe: “Mamãe, você tem razão. A obra parece esplêndida!”

— Ela tem sempre razão — interveio Du Chalard lisonjeiro, olhando, sorridente, para Madame Dentu.

Edouard prosseguiu:

— Faltando-me o tempo e não gostando de ler manuscritos, examinei, perfunctoriamente, as passagens para as quais minha mãe me chamou a atenção e remeti a obra à tipografia com a recomendação de ‘urgente e preferencial’ restaurada por mim. Era eu, então, o mais apressado a lançar o livro. E afirmo-lhe, com a minha hereditária intuição de livreiro: Se essa obra não fizer sucesso entre os espiritualistas não sei o que mais poderá animá-los. Quer lê-la?

— Certamente, e com prazer.

— Pois tome este exemplar; já está aparado. Dirá, depois, seu parecer aos leitores do *Courrier*.<sup>7</sup>

— Obrigado, Edouard. Vou ler, com satisfação. Não sou, porém, competente para um exame crítico do Espiritualismo, mormente depois de tanta gente categorizada haver dito muito contra e a favor. O que lhe posso assegurar é ser o assunto bem atraente e não estar, como você pensa, fora de moda. Os Espíritos ainda constituem, em muitas rodas sociais, sobretudo elegantes, o entretenimento predileto e impressionante.

Intervindo na palestra, perguntou a viúva:

— Gosta do Espiritualismo, Senhor Du Chalard?

— Sim, madame. Tenho atração por ele. Fui dos primeiros, em Paris, a verificar o fenômeno quando a ‘Mesa que roda’ surgiu entre nós. Afirmo-lhe, porém, que o Espiritualismo não veio modificar minha velha convicção...

— Supõe seja mistificação?

— Não, Madame. Não me fiz entender. Creio ser o Espiritualismo, uma doutrina verdadeira. Para mim os Mortos se comunicam com os Vivos. Mas...

— Acredita, então?

A atitude confiante da interlocutora e o olhar perscrutador de Edouard exigiam-lhe uma resposta clara e sincera. Contudo, o jornalista achou conveniente justificar sua crença:

— Quando eu era menino, ainda em minha província natal, um estranho acontecimento, surgido de improviso, me fez acreditar na existência das Almas de defuntos. Um vizinho falecera. Curioso, vi o cadáver já vestido e no caixão. Ficando em casa, de noite, enquanto meus pais faziam o velório, ouvi alguém

---

<sup>7</sup> No *Courrier de Paris* de 11 de junho de 1857, Du Chalard deu seu parecer estampando extenso artigo, do qual destacamos: "**O Livro dos Espíritos** do Senhor Allan Kardec é página nova do próprio grande livro do infinito e, estamos persuadidos, uma marca será posta nesta página. Seria lamentável que pudessem pensar que aqui estamos a fazer reclame bibliográfico; se tal se pudesse admitir, preferiríamos quebrar a pena. Não conhecemos o autor mas proclamamos, bom som, que gostaríamos de conhecê-lo. Quem escreveu aquela introdução que abre O Livro dos Espíritos deve ter a alma aberta a todos os sentimentos nobres." (*Revista Espírita*, janeiro, 1858).

abrir a porta da sala. Pensando serem eles, saltei da cama e fui ao seu encontro. E dei de cara com o defunto, pálido e triste, a sorrir para mim. A visão durou segundos. Podem imaginar o susto! Corri ao quarto da arrumadeira, uma velha que nos servia há muitos anos, e contei-lhe, nervosamente, o fúnebre encontro. Só voltei a meu quarto, acompanhado dela, quando meus pais regressaram de madrugada. Desde então, fiquei absolutamente convicto, de que as Almas aparecem e podem sorrir aos Vivos...

— Influência talvez da sua educação religiosa — insinuou Dentu.

— Não, respondeu-lhe o jornalista. Minha mãe, apesar de católica, primava em tolerância pelas ideias avançadas de meu pai, materialista, Fui até os dez anos instruído por um tio positivista, amigo pessoal de Littré<sup>8</sup> e diretor duma escola particular. Em mim a crença nas almas resultou dum fato: Vi. Não proveio da influência doméstica nem colegial. Ao contrário: Em casa, com meu pai, e na escola, com meu tio, muita vez me disseram, a propósito da visão, que acreditar em Almas era ser supersticioso. Antes de eu ver o fantasma, minha mãe falava-me de Deus, dos Anjos, dos Santos e dos Demônios, nunca porém, de Almas de defuntos. E, depois que vi o fantasma, explicou-me que a visão não passava dum sonho. Aos quinze anos, querendo extirpar a minha suposta superstição, passei a ler os enciclopedistas, abundantes na biblioteca de meu pai. Procurei, nesses livros antirreligiosos, abafar, sob o sarcasmo dos incrédulos, a lembrança da minha visão. Mas, essa cultura balofa, jamais venceu a minha crença. Desde aquela noite do defunto fiquei, para sempre, um místico. Por isso falei-lhe que o ‘Spiritualisme’ não me veio abalar a convicção antiga. A ‘Mesa’ me demonstrou que a minha crença repousava numa realidade objetiva e não numa superstição.

— E escreveu a respeito? — indagou Edouard.

— Sim. Antes de aparecer a ‘Mesa’ eu havia esboçado um trabalhinho filosófico à moda de Lamennais<sup>9</sup>. Minhas conclusões, um tanto avançadas para a época, não ficavam longe da solução dos Americanos. Se tivesse publicado o ensaio, seria hoje, precursor em vez de adepto. Mas, temi a opinião pública..., e as autoridades.

— Por que não o lança agora, adaptado à teoria americana?<sup>10</sup> — insinuou

<sup>8</sup> Maximilien Paul Emile Littré — Filósofo, filólogo e político, falecido em Paris a 18 de janeiro de 1881. Foi membro da Academia Francesa, eleito em 1871. Célebre positivista e discípulo de Augusto Comte.

<sup>9</sup> Lamennais (ou La Mennais) (l'abbé Félicité-Robert de) — Filósofo e místico, nascido em S. Malo em 1788 e falecido em Paris em 1854. Publicou *Sur la lutte de bons et mauvais génies* (*Da Luta entre os bons e maus guias*), condenada pela Congregação do *Index*. Censurado pelo Papa, afastou-se da Igreja. Foi membro da Assembleia Nacional Francesa em 1848.

<sup>10</sup> A *Revista Espírita* (abril de 1869) reproduz do *Salut*, de Nova Orleans, a declaração de princípios aprovada na quinta convenção nacional, ou assembleia dos delegados dos espiritualistas das diversas partes dos Estados Unidos. A comparação das crenças sobre essas matérias, entre o que se chama escola americana e a escola europeia, é uma coisa de grande importância, de que cada um poderá convencer-se. A recomendação é de Kardec, vale a pena reportar-se à fonte.

Dentu.

— Pensei nisso. Mas o insucesso de Hennequin<sup>11</sup>, nosso desditoso amigo, me deixou apreensivo. Por outro lado, um publicista profissional precisa, para viver tranquilo, estar em dia com todos os acontecimentos, sem se deixar empolgar por nenhum deles, quando o assunto é controvertido.

— Poderia subscrever o trabalho com um pseudônimo — sugeriu Edouard.

— Como fez o professor Rivail — aduziu Mélanie.

— Seria logo descoberto. Meu jornal poderia considerar-me suspeito de frequentar sociedades secretas, que a polícia vem considerando reuniões de inimigos do regime.

— Tem razão, concordou Dentu. Seu jornal apoia o Governo. Hoje, toda cautela é pouca para quem deseje viver em paz. Quem está com a vara é a Igreja e ela não perdoa inimigos nem suspeitos.

— E Você, Edouard? Crê no Espiritualismo? — indagou Du Chalard.

— Comigo o caso foi diferente: Criei-me num meio místico. Meu pai era amigo pessoal de Puysegur<sup>12</sup> e Deleuze<sup>13</sup> e correspondia-se com De Barbarin, Billot e outros magnetizadores da Escola Espiritualista. Mamãe e papai entregavam-se, com entusiasmo, ao estudo e à prática do Magnetismo transcendente. Por isso, a crença nos Espíritos, me foi transmitida com o leite do peito...

— Nosso lar — interveio Mélanie — era, de fato, o cenáculo dos grandes Magnetistas, quando vivia meu marido. Reuniam-se, em nossa casa, uma vez por semana, para palestrar sobre o Magnetismo ou ensaiar alguma sonâmbula. Nestes últimos quarenta anos, nenhuma livraria editou mais obras sobre o Magnetismo e ciências correlatas do que a nossa.

<sup>11</sup> Hennequin (Victor-Antoine), nascido em Paris em 1816, e nesta cidade falecido em 1854. Advogado, deputado, publicista e singular iluminista. Publicou *Sauvons le Genre Humain*, ditado pelo Espírito Ame de la Terre, em 1853. Tendo enlouquecido, o acontecimento foi muito explorado pelos opositores do Espiritismo. Falam muito do caso Victor Henequim, porém esquecem-se que, antes de se ocupar com os Espíritos, já ele havia dado provas de excentricidades nas suas ideias (Allan Kardec, *O que é o Espiritismo* — FEB, Rio de Janeiro, 1945, 9ª. ed. — pág. 68).

<sup>12</sup> Puységur (Armand Marie Jacques de Chastenot, marquis de), continuador de Mesmer, em 1787, ao assistir o camponês Victor Rasse, com os recursos do magnetismo, produziu o sono hipnótico, que denominou de “Sonambulismo Artificial”. Assim, casualmente, Puységur descobriu a um só tempo o sonambulismo a sugestão mental e a transmissão do pensamento. (Michaelus, *Magnetismo Espiritual* — FEB, Rio de Janeiro, 3ª. ed. 1977, pág. 10)

<sup>13</sup> Deleuze (Joseph Philippe François), naturalista, bibliotecário do Museu de História Natural em França, célebre magnetizador e diretor da Escola Naturista (de Magnetologia), nascido em Sisteron, em 1753, e falecido Paris, em 1835. Iniciou seus estudos e suas observações sobre o magnetismo em 1785. Publicou *Mémoires sur le faculté de prevision* (Memórias sobre a Faculdade de vidência) de 1836, *Histoire critique du magnétisme animal* (História Crítica sobre o Magnetismo Animal) de 1849. *Instruction pratique sur le magnétisme animal* (Instrução prática sobre o Magnetismo Animal) de 1850 e *Correspondence* (Correspondência) em dois volumes, de 1838 e 1839, com Billot (Dr. G. P.)



— Eu sei — interveio Du Ciialard — e lembro-me de ter sido sua casa que lançou, entre nós, o primeiro livro sobre o Espiritualismo.

— De fato, logo que surgiu, em Brémen<sup>14</sup> o caso da ‘Mesa Magnética’, como então, se dizia na Alemanha, enviei para lá, o Senhor Clement. Com os dados por ele colhidos *in loco* e as informações por mim obtidas, de nosso correspondente em Londres, pudemos lançar o primeiro livro escrito na Franca sobre o Espiritualismo americano.

— Foi a pioneira desse movimento literária — sustentou Du Chalard.

— Naquele tempo — falou Dentu —, eu ainda não dirigia a Livraria, mas acompanhava as nossas edições com grande interesse. Ferdinand Silas<sup>15</sup> era meu amigo de escola e se incumbiu de coordenar os dados obtidos por mamãe e Clement. Conseguimos um formidável êxito de livraria, O Livro, lembra-se?, foi lançado no mesmo dia em que a imprensa parisiense, pela primeira vez, tratou da ‘Mesa Magnética’. Num só mês largamos três edições melhoradas. Na segunda, demos um velho ensaio de Balzac<sup>16</sup>, apropriado ao caso, para mostrar que os Alemães não andavam adiante de nós. Na terceira, acrescentamos um prefácio de Delaage<sup>17</sup>, provando que nós, os Magnetistas, já havíamos previsto o Espiritualismo americano. Lançamos assim, em trinta dias, dez mil exemplares, esgotando-se as tiragens.

— E, ao mesmo tempo, imprimimos várias obras particulares, tratando de tal assunto — aduziu a Viúva.

— Minha atenção para o fenômeno — disse Du Chalard — foi despertada, justamente, pelo folheto de Silas.

E, após um instante:

— Mas, a minha pergunta, Edouard, ainda não foi respondida: Você crê nos Espíritos?

<sup>14</sup> Em abril de 1853, ecoa de Brémen, importante cidade (alemã) à margem do Rio Weser, a notícia da primeira manifestação da ‘mesa girante’, ‘com a qual não se sonhava antes da chegada do vapor de Nova Iorque, o Washington... O novo fenômeno é importado da América (Zêus Wantuil, *As Mesas Girantes e o Espiritismo* — FEB, Rio de Janeiro, 1ª. ed. pág. 26)

<sup>15</sup> Silas (Ferdinand) publicou *Instruction explicative et pratique des tables tournantes* (Instrução Teórica e Prática sobre as Mesas Girantes) (Paris, Houssiaux et Dantu, 1852 (1ª ed.) e 1853 (2ª e 3ª ed)).

<sup>16</sup> Balzac (Honoré de), romancista francês, nascido em Tours (1799-1850). É vasta a sua produção bibliográfica, Destacamos a *Comédie Humaine* (*Comédia Humana*), uma série de romances, dentre os quais *Ursula Mirouet* e *Seraphite*, este traduzido para o português por Wallace Leal V. Rodrigues, sob o título *O céu em nossas almas* (LAKE - livraria Allan Kardec Editora, São Paulo -1952, 1ª ed.)

<sup>17</sup> Delaage (Henri), magnetista e magnetizador, autor de livros místicos e magnéticos, amigos de Alexandre Dumas, de Rigobolche e outros, com uma conversação embaraçada, por um vício de linguagem e, no entretanto, como homem do mundo, muito gentil, delicado e simpático. Nasceu em Paris em 1825. Dentre outras obras publicou *Initiation aux mystères du magnetisme* (*iniciação aos Mistérios do Magnetismo*) (Paris, Dentu, 1847); *Le monde occulte ou Mystères du magnetisme dévoilés par le somnambulisme* (*O Mundo Invisível ou Mistérios do Magnetismo Desvendados pelo Sonambulismo*) (Paris, P. Lesigne, 1851); *Le Monde prophétique* (*O Mundo Profético*) (Paris, Dentu, 1853) e *L'éternité dévoilée ou vie future des âmes après la mort* (*A Eternidade revelada ou Vida Futura das Almas após a Morte*) (Paris, Dentu, 1854)



— Como lhe ia dizendo, eduquei-me num ambiente místico. Para mim eram, um fato, a imortalidade e o aparecimento da Alma, quando evocada magneticamente. Minha crença porém, ao invés de consolidar-se com a ‘Mesa’, como aconteceu a Você, arrefeceu-se diante dela. Explico-lhe. Estreando-me na direção da livraria, coube-me editar ‘As Mesas Girantes’ do Conde Agénor De Gasparin<sup>18</sup>. As conclusões desse ilustre Protestante, resumidas verbalmente por ele, em nossos colóquios, durante a impressão da obra, deixaram-me confuso, incrédulo, cético. A dúvida na veracidade de minha crença penetrou-me o espírito e, como um incêndio, devorou toda a minha fé na Espiritualidade. Fiquei largo tempo, sem saber se acreditava nos Espíritos, como meus pais e os amigos Hennequin e Delaage, ou numa ‘força’ de natureza ‘material’, como afirmava De Gasparin.

— Meu filho — sustentou Mélanie — inclinou-se francamente para os negadores. Sua atitude, quase de hostilidade contra nossa crença, entristecia-me, pois eu ‘sabia’ a verdade.

— Na vida comercial intensa em que logo me encontrei — desculpou-se Dentu — não era possível, como queria mamãe, aprofundar o estudo a fim de chegar, experimentalmente, a uma conclusão pessoal. Era assim, forçado a considerar as hipóteses mais prudentes dos experimentadores. Fiquei, como De Gasparin, crendo nas Almas imortais mas duvidando da sua comunicação pela ‘Mesa’. E assim me mantive, até o dia em que li o prefácio deste livro.

— Bravos! — exclamou contente Du Chalard. Posso então chamá-lo ‘irmão em crença’. Eu já desconfiava disso, dada sua intimidade com Delaage, Silas e nosso infeliz Hennequin.

— Sim, de fato, sou hoje um crente convicto. Mas como é Delaage. Para mim, o Espiritualismo americano serve apenas de prova da verdade religiosa revelada por Jesus. Continuo na minha velha fé cristã.

— O importante — respondeu o jornalista — é crer. Podemos divergir em matéria doutrinária. Mas negar a comunicação dos mortos, nesta altura dos fatos, é negar a luz do Sol em pleno meio-dia.

— Na comunicação dos Mortos eu creio — repetiu Dentu.

— Graças a ***O Livro dos Espíritos*** — aduziu Mélanie.

— Considero De Gasparin — falou o jornalista — uma pena brilhante que

---

<sup>18</sup> De Gasparin (Agénor Etienne comte), francês nascido em Orange (1810) e morto em Genebra (1871). Político e literato, foi um dos observadores e pesquisadores que iniciaram, em França, o estudo dos novos fenômenos que a abalaram no século passado e que deram origem ao movimento espiritualista moderno. É autor de *Des Tables tournantes, du sur Naturel et Généralet des Esprits (Das Mesas Girantes, de sua natureza e generalidade dos Espíritos)*. O autor tem procurado e constatado a realidade dos fenômenos, mas buscou a explicação desses efeitos para explicá-los sem o concurso dos Espíritos. (Allan Kardec, *Catalogue Raisonné des Ouvrages Pouvant Servir à Fonder une Bibliothèque Spirite* — Paris, 1869)

só tem rival em Renan<sup>19</sup>. Mas julgo ‘As mesas Rotantes’, apesar de seu estilo maravilhoso e de seu fundo experimental, uma obra insincera e tendenciosa, escrita visando mais á defesa de Satã do que à Ciência. E tão profundamente sectária que, apesar de De Merville e Des Mousseaux sustentarem a mesma tese satânica, De Gasparin os ataca de rijo por serem escritores católicos.

— Eu diria mais — interveio Mélanie. É uma obra parcial, pois só tratou duma parte do fenômeno, o movimento, sem cuidar das manifestações inteligentes e sobre-humanas que a ‘Mesa’ produz e ele testemunhou muita vez.

— Estou de pleno acordo com mamãe — apoiou Dentu. Na realidade De Gasparin procurou, dum lado, ignorar a inteligência do fenômeno e, doutro lado, defender a teologia protestante. Seu móvel, porém, não foi somente sectário. Agenor é um sábio, um verdadeiro cientista.

— Sem dúvida! — sustentou Du Chalard. Mas seu ataque aos Unitaristas americanos<sup>20</sup>, que aderiram ao Espiritualismo e o propagam como um aviso divino, é prova de seu sectarismo.

— Tenho agora a certeza — atalhou Dentu — que você vai apreciar este livro e dizer em seu jornal alguma coisa boa sobre ele.

— É possível. Vou lê-lo com atenção. E poderei desancar o autor, se a obra não me agradar?

— À vontade! Assim esgotaremos a edição mais depressa... Mas olhe: Nada publique sem eu primeiro registrar o livro. Como sabe, a nova Lei de Imprensa é severa e exige que, antes de comentada ou anunciada nas gazetas, a obra esteja aprovada pela Censura e arrolada no *Boletim Bibliográfico do Journal de la France*.<sup>21</sup>

— Sei disso, concordou o jornalista.

---

<sup>19</sup> Renan (Josef Ernest), filósofo, filólogo, crítico e historiador francês,. Nascido em Tréguier (Côtes du Nord), morto em Paris (1823/1892). Escritor de excepcional habilidade, historiador audacioso e erudito, escreveu, entre outras obras, *Histoire des origines du christianisme (História das Origens do Cristianismo)* (1863-1881), que compreende *Vie de Jésus (A Vida de Jesus)*, *Lês Apôtres (Os Apóstolos)*. *L' Ecclésiaste Chretienne (A Igreja Cretense)* e outros. A respeito de a Vida de Jesus há extenso comentário de Kardec na *Revista Espírita* (maio-junho de 1864) e em *Obras Póstumas* (2 p. título 26).

<sup>20</sup> Partidários do Unitarismo, doutrina que não reconhece senão uma pessoa em Deus, como os socinianos.

<sup>21</sup> Napoleão III (Carlos Luiz Napoleão Bonaparte), nascido em Paris (França) falecido em Chiselhurst (Inglaterra) (1808/1873), imperador da França, na época — de 1852 a 1858 — exercia um poder absoluto.

## 2

De partida, passando de novo por dentro da Livraria, Du Chalard viu Clement pelas costas, curvado para o interior da larga vitrine da Galeria Montpensier. Estava colocando ali, alguns exemplares d'O Livro por sob o letreiro vermelho Vie de Paraitre. Estando com pressa, pois tinha encontro marcado, Du Chalard não quis interromper o trabalho do gerente e saiu para o Peristilo d'Orléans. Parou um instante defronte da vitrine a fim de acenar um adeus ao amigo e, sobraçando O Livro e outros papéis, entrou no parque real já pleno de Sol primaveril e de crianças que palravam e corriam. Ia apreensivo. Por instantes, na Livraria, durante a palestra, esquecera sua preocupação. Agora, aproximado o momento do encontro, a angústia o retomava, torturante. Dirigiu-se a um banco de madeira e ferro que se vagara naquele instante e ficou sentado à sombra de um plátano de folhas novas e protetoras, em frente da estátua do "Menino Brincando". Pôs, sobre o banco, os jornais e O Livro e deixou o pensamento evolir-se em suposições: — "Ela virá só, como me prometeu ontem? — Duvido! Provavelmente arranjará, na forma do costume, um pretexto para vir acompanhada". Esta hipótese o afligiu. Para distrair-se, abriu O Livro indiferentemente. Leu certa pergunta e a respectiva resposta. Achou o tema empolgante. Leu o parágrafo seguinte, outros mais e os comentários do Autor postos na segunda coluna, ao lado de cada questão. De repente, assaltado por um pensamento, recorreu ao "Índice" e, encontrando o ponto procurado, foi à página indicada e engolfou-se na leitura. Sua preocupação dissipou-se. Dominado pelo assunto, alheou-se completamente do ambiente barulhento. Nem a traquinada das crianças à beira do lago fazendo andar os barquinhos, ou em volta das árvores em pega-pega, ou no pátio, junto à estátua, em jogo de bola, nem qualquer outra agitação lhe embargaram a leitura. Mergulhado em meditação, não viu uma elegante mocinha atravessar o Peristilo d'Orléans segurando a mão dum menino de cerca de oito anos. Caminhava esbelta, em *tailleur* e chapéu cinzentos, blusa e luvas brancas, pisando firme e graciosamente

com sapatos de cetim preto. Vendo o jornalista absorto na leitura, dispôs-se a pregar-lhe uma peça de brincadeira. Achegando-se na ponta dos pés e por detrás, disse-lhe ao ouvido, de súbito, com voz disfarçada, imitando gendarme:

— Que romance é esse, Cavalheiro?

Virando-se surpreso e alegre, o jornalista segurou-lhe a mão gentil. Mas logo o semblante se lhe alterou, vendo o garoto atrás da moça. Puxou-a para sentar-se a seu lado, festejou amável o menino que lhe estendia a mão e, voltando-se para a namorada, disse-lhe com ar desconsolado:

— Tubo bem? O Jean não pode ir brincar com os meninos?

A moça dirigiu-se ao irmão:

— Jean, pode ir brincar, mas por aqui perto, ouviu?

O menino correu para o grupo que jogava bolinhas de gude perto do lago.

A moça, livre das vistas do irmão, sorriu, corada, para o companheiro carrancudo e disse-lhe, acariciante:

— Nem pude dormir esta noite, pensando na minha promessa.

— Não tem mesmo confiança em mim, ou melhor, em você própria?

— Não é questão de confiança, René. Vou explicar-lhe. Não vi, a princípio, nada de mal num encontro a sós, como você me pedia. Mas, na cama, refletindo, meu coração entrou a pular assustado. Cheguei a ouvir-lhe a palpitação debaixo do travesseiro como locomotiva, quando perguntei a mim mesma: “Que dirá mamãe quando der pela minha ausência? E eu, que direi a ela quando voltar? E poderei dar em casa uma explicação sincera, leal e razoável ao meu regresso?” Tais pensamentos me torturaram o coração. Velei até madrugada. Tenho a impressão de haver dormido de cansaço e de ter sonhado e sofrido em sonho. Mas acordei disposta a vir e, sabendo que você me compreenderia e me perdoaria, pedi a mamãe para me deixar trazer o Jean a um passeio pelo parque.

— As mulheres são assim mesmo — sentenciou o jornalista.

— Minhas desculpas não podem ser outras, pois lhe falo de coração aberto — respondeu a moça sem tirar os olhos de sobre a face sisuda do companheiro.

— Fez bem, querida, em seguir o impulso do seu coração. E folgo em ver que é ajuizada. Seu Anjo da Guarda merece parabéns.

Aquela linguagem diferente da habitual parecia um disfarce. A moça jamais o ouvira falar assim. Surpresa e desconfiada, mirou bem o namorado, procurando ler-lhe o pensamento no olhar um tanto abstrato, adivinhar-lhe a segunda intenção. De repente, agarrando-o fortemente pelo braço, perguntou com funda angústia na voz e no olhar:

— Ficou zangado, querido?

— Não, ao contrário! Fiquei contente.

— Não creio! Você está hoje diferente.

— Sim, estou diferente...

— Que fiz de mal? Seja sincero como fui para Você!

Mostrando-lhe O Livro, o namorado disse:

— Esta obra modificou-me de súbito e radicalmente. Eis por que estou diferente. Não porém indiferente contigo.

Intrigada, testa franzida, a moça pegou O Livro repetindo a pergunta feita de início por brincadeira:

— Que romance você está lendo?

— O romance da Vida Espiritual.

Vendo o título, a moça devolveu o volume com um gesto brusco e o olhar de espanto, exclamando!

— Meu Deus! Você lendo uma coisa desta!

— Foi este romance, querida, que me tornou de súbito outra pessoa. Ou melhor, me acordou. Até o momento de lê-lo, estava como a deixei ontem, e aguardava aqui sua vinda, nervoso, querendo que você viesse sozinha, como me prometera, e duvidando do cumprimento de sua promessa. Para distrair a excitação da espera, comecei a ler a esmo e o acaso abriu-me de repente os olhos da Alma e vi-me coberto de indignidade perante Deus.

— Não foi nenhum acaso que mudou seu ânimo, René. Foi a presença de Jean. Você me queria só, aqui. Para que? Os homens literatos! Fale-me com franqueza!

— É com sinceridade que lhe estou falando. Quer que jure? Afirmo-lhe, sob palavra, que não foi a presença de Jean, mas este livro que alterou meu sentimento em relação a você. Eu...

— Já percebi de pronto, René. Você não gosta mais de mim. Não sou a mulher que você esperava para tema dum romance. Não importa!

E tentou levantar-se, no que foi obstada pelo namorado:

— Espere, Rosalie. Deixe-me ao menos explicar-me.

— Você já se explicou demasiado, René. Deixe-me ir embora!

— Escute-me, querida. Você precisa compreender meu novo estado de alma antes de me julgar.

— Não preciso. Será melhor ignorá-lo. Você me queria só, aqui. Não era assim? Pois bem! Deixe-me só. Parta!

— Confesso-lhe, meu desejo era esse. Vim para aqui com a esperança de um encontro a sós. Mas aconteceu um fato que reputo provincial...

— Sei disso!

— E que mudou o rumo do nosso destino.

— Outra mulher mais digna do que eu.

— Que nada, Rosalie! Escute-me antes de qualquer outro juízo. Suplicolhe!

— Fale. Quero ouvir o esboço do seu romance.

— Também eu passei a noite em claro.

— Planejando.

— Eu estava amarrado a um desejo insano, seduzido pelo espírito de aventura. Como a pessoa que vem pela primeira vez ao banho de mar, vendo os outros alegres a se atirarem de encontro às ondas, também pensei em lançar-me às águas revoltas da vida para colher sensações. Saí de casa transtornado pela ideia do que podia acontecer-me hoje. Sabia que me ia suceder algo de sensacional. Cheguei aqui muito cedo e, para matar o tempo, passei pela livraria Dentu, ali no canto da galeria Montpensier, onde tenho amigos. Lá assisti à chegada desta obra, que é nova, nem registrada ainda está. Depois de falar longamente com os diretores da Livraria sobre a matéria tratada neste livro, ganhei um exemplar, o primeiro, creio eu, que já saiu da loja, e que devo criticar no *Courrier*. Aqui, ansioso pela vinda de você, mas ainda sob o influxo da conversa com os livreiros, abri este volume a esmo, pois suas folhas já se acham aparadas. E li uma lição de Moral de que me havia esquecido no tumulto de Paris. Considerei-a um aviso de Deus numa hora grave e decisiva para meu destino e...

— Mudou de opinião a meu respeito.

— Antes de mais nada, apelo para sua inteligência. Deixe-me mostrar o trecho que me chocou e argumentaremos depois.

E, folheando O Livro, encontrou e leu em voz abafada esta passagem:

283) Onde está escrita a Lei de Deus?

**"Na consciência."**

— O homem tem então dentro de si mesmo os meios de distinguir o Bem e o Mal?

**"Sim, quando crê em Deus e quer praticar o Bem. Para isso Deus lhe deu a consciência. Qualquer homem, em razão sã, pode discernir o que é bom e o que é mau."**

284) O homem, que está sujeito a erro por ser homem, não pode equivocar-se na apreciação do que é bom e do que é mau, crendo estar a fazer o Bem quando na realidade está praticando o Mal?

**"Jesus ensinou aos homens este preceito: Vede o que quereis que vos façam ou que não vos façam. Tudo está aí. Aplicando essa regra simples, nenhum homem jamais se equivocará na apreciação do que é bom e do que é mau para os outros."**

— Mas, interrompeu a moça, um tanto agastada: Que é que essa história



do Bem e do Mal tem a ver conosco?

— Esta passagem, Rosalie, despertou em mim o desejo de fazer uma consulta íntima a mim mesmo, aplicando o preceito de Jesus. E interroguei a consciência: Gostaria eu, se fosse uma donzela desprevenida, confiante, inocente, que meu namorado me atraísse com o engodo do amor e...? Não pude continuar. Uma voz estranha respondeu-me com energia: "Certamente que não!" Alarmado com a voz que clamara inesperadamente dentro de mim, tive a impressão de ouvir um Espírito...

— Influência da leitura.

— Seja como for, continuei a leitura sobre excitado e topei com esta outra lição que me impressionou:

291) O simples desejo de praticar o mal é tão repreensível perante Deus quanto a sua execução?

**"Conforme. Desejar um mal e resistir voluntariamente à sua execução, é 'virtude'. Mas se, para praticar o mal, só faltou o ensejo, a culpa é grave."**

— Recolhi este novo ensinamento — continuou o namorado — como outro aviso de meu Guia, pois não é só você que tem Anjo-da-Guarda.

— Você está transtornado pela leitura.

— Escute-me sem apartes.

— Fale.

— Envergonhado de meu propósito, que era mau em relação a você, dispus-me ato contínuo a resistir ao mal que me vinha tentando. Estava nessa nova disposição de ânimo, com o intuito de adquirir uma 'virtude', quando você me veio com Jean.

— O Jean foi a minha "virtude".

— A presença de seu irmão tirava-me o ensejo de repelir, voluntariamente, o meu desejo mau. E isso, me deixou pesaroso um instante, permitindo a você interpretar mal o meu sentimento. Mas, a verdade, é que fiquei contente notando, ainda uma vez, que você, apesar de minha insistência, persistia em não vir só.

— Sua confissão me deixa horrorizada. Fere-me profundamente. Preferia a ilusão! Mas me liberta em tempo. Como vê, não sou o que você esperava. Vou-me embora!

E levantou-se bruscamente. O namorado deteve-a, impedindo-a de chamar o irmão. Fê-la sentar-se de novo a seu lado e disse-lhe com carinho:

— Você está sendo injusta comigo, Rosalie, embora com razão de sobra para se revoltar. Eu faria o mesmo no seu caso. Fui grosseiro na minha confissão. Perdoe-me! Mas, pelo amor de Deus, espere justificar-me até o fim!

A moça sentou-se e levou aos olhos o lencinho bordado, desatando a chorar. Entre soluços, balbuciou amargurada mente:

— Sei que me quer abandonar e procura uma desculpa de... jornalista.

Acariciando-a com delicadeza, falou-lhe o namorado junto ao ouvido:

— Escute-me, querida. Não seja injusta! Você é inteligente. Ouça esta passagem mais que me ajudará a explicar-lhe minha atitude relativamente ao Jean.

E leu:

293) Basta-nos deixar de fazer o Mal?

"Não, isso não basta. É necessário fazer espontaneamente o Bem. Deixando de fazer todo o bem que pode, o homem responderá por todo o mal que praticou por omissão."

A moça continuava soluçando, de cabeça baixa, ocultando os olhos no lenço. Ele, um tanto constrangido e com as ideias exaltadas, perguntou:

— Compreendeu, querida? Veja bem "Deixando de fazer todo o bem que pode, o homem responderá por todo o mal que praticou por omissão". Estou absolutamente certo que meu Guia, falando dentro de mim, prevendo que me faltaria o ensejo de ganhar hoje a "virtude" de repelir espontaneamente o mau desejo, me levou a compreender esta nova lição. E não quero perder o ensejo de aplicá-la. Não quero continuar um mal por omissão do bem que posso fazer imediatamente, se Você me ajudar com sua boa vontade.

A moça limitou-se a erguer os ombros em sinal de indiferença.

Percebendo-lhe o amuo, o namorado falou-lhe junto à face cor-de-rosa.

— Já confessei minha culpa, sinal de arrependimento. Depende agora de você, e não de Deus, o perdão de minha falta. Quero entrar no caminho certo. Mas olhe para mim, Rosalie. Mire-me de frente, como costuma. Ajude-me com seu perdão a querer-lhe mais! Não me castigue assim, se é que me ama...

A moça, ao ouvir a última frase, voltou-se rápida, de olhos avermelhados e úmidos, e fitou o namorado de maneira estranha. Ele viu, naquele olhar ardente, intenso e ofuscante, uma extraordinária amostra de amizade que jamais percebera em mulher nenhuma. Era o poder de afirmar e convencer magneticamente. Não teve a menor dúvida de ser realmente amado. Ninguém poderia irradiar tamanha força de sinceridade afetiva se não tivesse, de fato, o sentimento de amor que a gerava. Aquele olhar sublime não podia mentir. Fascinado, vencido, deslumbrado e contente, o jovem balbuciou, afetuoso e comovido, apertando a mão da namorada:

— Rosalie, quer ser minha esposa perante Deus e os homens?

Após a efusão de mútua alegria, querendo mostrar-se reconciliada com O

Livro, Rosalie perguntou ao noivo:

— Que dizem os Espíritos a respeito do casamento?

— Vamos ver.

E ambos recorreram ao Índice Remissivo, encontrando estes pontos:

355) A união permanente dum homem com uma mulher, ou casamento, é conforme a Lei da Natureza?

**"É um progresso moral na marcha ascendente da Humanidade para a perfeição da vida social."**

— Que efeito teria sobre a vida social a abolição do casamento?

**"A Humanidade regressaria à vida bárbara."**

356) Qual das duas, a Poligamia ou a Monogamia, é mais conforme com a Lei da Natureza?

**"Para a Humanidade a abolição da Poligamia marcou um progresso social, repetimos."**

— Em que a abolição da Poligamia constitui progresso social?

**"Segundo a Vontade de Deus, revelada em Sua Lei, a união de dois seres humanos deve ser fundada na recíproca afeição. Na Poligamia não existe afeição mas sensualidade; portanto a Monogamia representa um adiantamento moral."**

— Como vê, querido, a Vontade de Deus é que o casamento seja fundado na recíproca afeição. Você está realmente certo de amar-me?

— Adoro-a.

E será sempre só meu?

— Sim, como espero você seja sempre só minha.

— Um pacto sagrado, pois não?

— Sacratíssimo.

Então beijaram-se. No auge da felicidade a noiva saiu-se com esta:

— Diga-me, René: Se o marido deixar de amar a esposa que permanece fiel e amorosa, o casamento continuara a ser da Vontade de Deus?

— Por que pensa nessa hipótese, absurda para o nosso caso.

— Porque ainda duvido da minha ventura. Se você deixar de amar-me, nosso casamento perderá a condição que agrada a Deus: a mutua afeição. Será então, a contrario senso, um enlace... amaldiçoado.

— Não diga tolice! Seremos felizes neste ponto. Você é a mulher de minha aspiração. Desde pequeno sonhei para esposa uma mulher como você: Loira, rosada...

Meus cabelos são castanhos!

— Não me atrapalhe, querida. Seus cabelos são como gosto. Sempre sonhei com um rosto como o seu, um olhar como o seu, claro e azul, calmante e sincero. Quando você me sorriu pela primeira vez encontrei, em seus lábios, a boca de

meus encantos.

— Toda a sua afeição por mim só lhe vem de meu rosto, de meu olhar, de meus lábios?

— Certamente que não. Isso foi o que me fascinou, no começo. Depois, com a convivência, descobrindo todos os dias suas qualidades... E defeitos...

— Você é terrível! Por que sempre me busca embaraçar quando lhe tento abri meu coração?

— Porque tenho medo dele. Você mesmo me mostrou há pouco ter nele uma fera que este livro abrandou...

— Cruel!

— Sincera.

— Gosto mais de você assim, sempre franca.

— Vamos continuar a ver o que dizem os Espíritos sobre o casamento?

— Se lhe agrada.

E foram conduzidos após outras lições a estes ensinamentos:

470) Se os Espíritos se atraem por simpatia, como se explica que, encarnados, se equivocam tantas vezes, realizando casamentos desventurosos? Por exemplo: como explicar que a viva afeição durante o noivado possa mudar-se depois em recíproca ou parcial antipatia? Ou, o que é pior, o afeto sincero dum cônjuge não ser mais correspondido, ou ser até acolhido com ódio pelo outro?

**"Não percebe você nessas hipóteses uma pena temporária para os cônjuges? O casamento, para ser feliz, precisa ter por base a mútua afeição. Esta, porém, não depende dos corpos que se unem mas dos Espíritos que se atraem. Uma pessoa pode apaixonar-se por outra só pela aparência, julgando que, por ser bela, a pessoa amada deve ter um lindo caráter. Ora, as qualidades e sentimentos não residem na carne. Uma vez na intimidade, os Espíritos se descobrem, e se atraem ou se repelem segunda a lei divina, Por outro lado, quantas uniões venturosas que pareciam no começo do namoro antipáticas! Os cônjuges, neste caso, acabaram bem porque afinaram seus Espíritos."**

— Aí está uma verdade que não devemos esquecer, René. Você pode estar agora enganado com meus cabelos castanhos, pensando serem louros, e depois...

— Você é terrível!

— E descobrirá que não tem afinidade espiritual comigo. Já o mesmo não se dá do meu lado.

— Por quê?

— A primeira impressão que tive de você não lhe foi favorável, comparado com outros pretendentes. Mas quando o vi salvar, com risco de machucar-se, um pobre cãozinho vagabundo. Quando ouvi o debate com De Warren em que você defendeu o espírito de sacrifício pela Humanidade. Quando lhe percebi o carinho

por sua mãe, o estremeamento pela memória de seu pai, a impulsividade em prol das causas boas, a deferência pelos meus parentes e pelos velhos e criancinhas, e outras tantas pequeninas, coisas que, somadas, demonstram bom caráter, não tive dúvida ser você o noivo de meus sonhos, o homem que merecia meu amor. Sei por isso, e agora de acordo com os Espíritos, que o amarei até o fim. Mas posso ficar na primeira hipótese da consulta feita aos Espíritos, se eu não pintar de louro os cabelos...

— Só matando-a... de beijos!

— E o Divórcio? Que dizem os Espíritos a respeito?

— Não azede estes momentos de ventura com ideias de briga!

— Tenho uma tia infeliz, desprezada do marido que ela estremece. Eis a razão de minha pergunta. Insisto: que dizem os Espíritos? Estou quase certa haver você lido este ponto.

— Começo a desconfiar que você é má.

— Então vamos ver depressa o divórcio.

Riram. Folhearam o Índice e nada encontraram na letra 'D'. Disse então o noivo, aparentando conhecer a matéria por intuição:

— Provavelmente os Espíritos não quiseram cuidar desse assunto espinhoso no momento que passa. Se fossem contra, desgostariam os liberais e progressistas; se a favor, O Livro teria contra si a Igreja e o Império, e o Autor poderia ser levado a júri por pregar a amoralidade.

— Que pena! E você? Que pensa do divórcio, no caso da titia?

— Pessoalmente, sempre que tenho ensejo na Imprensa e nas conversas, bato-me pelo restabelecimento do divórcio que a Revolução de 1789 nos deu entre outros direitos, e a Restauração de 1815 nos tirou com muitas outras regalias. Para mim, toda criatura tem o direito natural de buscar a felicidade conjugal. Se for infeliz, não encontrando o Anjo do Lar, mas apenas uma criatura antipática, continua com o direito de tentar segunda vez, terceira vez...

— Pare por aí, querido! Não esqueça que a poligamia é uma volta à barbárie das cavernas...

— Você quis minha opinião. Quer dar-me a sua?

— Se você me trair, não precisarei de divórcio. Mato-o e suicido-me.

— Então nunca se suicidará por essa decepção. Nem pensará em divórcio.

— Mas o caso de titia é diferente. Ela não tem coragem de abandonar duas filhinhas inocentes. Nem talvez pense em outro casamento para ser feliz, apesar de ainda moça. Que pena! Sinto não haver n'ó Livro remédio para o caso dela. Terá que sofrer a vida inteira.

— Não quer ler o resto sobre o Casamento?

— Quero sim. Onde estávamos?

— Aqui:

471) A falta de mútua simpatia entre os seres condenados pela lei matrimonial a viverem juntos até a morte constitui fonte incessante de amarguras, tanto mais cruéis quanto pela certeza de não haver remédio para a desgraça. Qual seria no caso a solução justa?

— Ótimo! Eis o caso da titia. Estava pertinho de nós e andamos atrás dele! Qual é a solução?

— Ei-la:

**"A falta de mútua simpatia é de fato a causa de amaríssimas tristezas. Mas aí está uma desgraça cuja culpa cabe exclusivamente aos homens. São as leis humanas que estão erradas. Pois você pode admitir que Deus adstrinja alguém a permanecer junto dum criatura antipática, tendo estabelecido a Lei de Similitude para reger a união, e dando a cada um livre arbítrio e consciência?"**

— Formidável! — exclamou a moça.

— Achamos a questão do divórcio logo após a do casamento. Mas está disfarçada, quer na pergunta quer na resposta. Sem empregar o nome, que alarmaria a Censura, os Espíritos defendem o divórcio, pois condenam a lei humana que "adstringe" uma criatura a permanecer ligada a outra antipática por um vínculo perpétuo, como consta da legislação atual. Tenho, agora, um novo argumento para minha tese.

— Pobre da titia!

— Pobre, por quê?

— Porque tem consciência e livre arbítrio e os emprega sempre a favor das filhinhas com sacrifício de si mesma.

— Não compreendo Você! Uma mulher, acima das meninas vulgares de sua idade, a rebelar-se contra o espírito de sacrifício maternal.

— Deus não "adstringe"... Formidável! — balbuciou a noiva, meio abstrata.

— Como você vê, a proibição do divórcio é um erro humano, contrário à Lei Divina. Abolindo-o, a França retroagiu em seu progresso social.

— Não "adstringe"... Que bom!

— Interessa-lhe tanto essa questão? Vai argumentar com sua tia?

— Não meu caro. Não tenho tia nenhuma com essa complicação. Argumento comigo mesma. Estou contente com os Espíritos. Deixaram-me tranquila num ponto de capital importância para meus melindres de mulher. Deus não o adstringirá a permanecer a meu lado, com espírito de sacrifício, quando descobrir que não são louros os meus cabelos...



— Não leio mais! Você não está levando a sério O Livro.

— Quero até um exemplar para mim. Tenho muitas perguntas a fazer aos Espíritos.

— Se fala sério, dou-lhe este. Mas diga-me: Já tinha ouvido falar na comunicação dos Espíritos com os homens?

— Meu pai vem fazendo, há mais de dois anos, experiências em casa. Mamãe e eu somos... médiuns.

— Compreendo tudo, agora.

— Eu não sabia, porém, que os Espíritos podiam dar lições tão boas, tão claras, tão simples...

— Tão verdadeiras...

— E você? Começou a crer desde há poucos minutos? Desde pequeno me familiarizei com as Almas dos Mortos. Mas, apesar de algumas sessões bem interessantes, também eu não sabia que os Espíritos podiam dar lições tão boas. Embora crendo neles, eu estava esquecido da Moral cristã, supondo-a obra de homens. Ademais, só hoje, lendo estes pontos de sã doutrina, é que ouvi pela primeira vez falar um Espírito superior.

— Tive a impressão, quando você leu, de ouvir a voz de um Anjo.

— De um Mensageiro de Jesus.

— Como sou feliz neste momento! Estou certa, agora, que você é aquele de quem me falou o Guia Familiar mais duma vez.

— Sim? Que lhe disse ele?

— Que o homem destinado a ser meu esposo será meu marido mesmo depois de morto, e eu serei sua esposa mesmo depois de morta...

— Assim quero e Deus queira.

\* \* \*

Depois de conversarem ainda um pouco sobre o Espiritualismo, disse o jornalista:

— Precisamos comemorar nosso noivado com um pouco de champanha. Concorda?

— Em minha casa?

— Aqui mesmo, no parque. Há vários bares pelas galerias.

— E Jean?

Ficará brincando. Voltaremos logo.

Levantaram-se de braços entrelaçados e, juntinhos e sorridentes, caminharam pela alameda de plátanos verde jantes, em direção ao Peristilo de Joinville. Nem perceberam as mulheres que, sentadas nos bancos vizinhos,

estavam prelibando as cenas de amor com seus olhos maliciosos, e ficaram desgostosas de perder o espetáculo brejeiro.

— Mais outra infeliz quase no papo da serpente — suspirou uma velha.

— Infeliz, ela? Desgraçado do moço, todo babado pela rapariga! — replicou outra mais jovem. Você não viu como a menina é autoritária? Ela é quem o está seduzindo. Tem cara de sabida e ele de trouxa.

No Peristilo de Joinville os noivos pararam, hesitantes na escolha do bar. Por sugestão da moça que já conhecia o estabelecimento de ali vir com seus pais, resolveram entrar no Restaurante Velfour, elegante e discreto. Sentaram-se a um canto. Seus rostos, afogueados pela emoção, exprimiam alegria sã. Estavam sinceramente apaixonados e contentes. E ela disse, com ares de feiticeira:

— Temos um pacto, lembra-se?

— De recíproca fidelidade até a morte.

— Não! De recíproca fidelidade até depois da morte.

— Serei fiel à jura.

— Vamos jurar o pacto numa igreja? Aqui perto há...

— Proponho selá-lo pela moda cavalheiresca, adotada entre os iniciados.

— Como?

— Escrevendo a jura com sangue.

— Como, René?

— Assim.

O jovem tirou a carteira de couro, que trazia no bolso interno da sobrecasaca azul, uma pena de aço nova, de invenção recente, e com ela picou a ponta do dedo anular esquerdo. Mergulhou o bico da pena metálica na gota rubra que aflorou da picada e disse:

— Do dedo anular esquerdo sai uma veia que vai diretamente ao coração. Por isso é que se usa a aliança matrimonial nesse dedo. Com este sangue vou redigir nosso pacto.

E escreveu no topo da primeira página d'O Livro dos Espíritos: "Esta obra providencial determinou hoje nosso destino. Juramos fidelidade recíproca na Terra e no Espaço. Deus abençoe nosso pacto e nos una para sempre". Datou e assinou. A moça fez questão de ela mesma picar, a seu turno, o dedinho anular da mão esquerda e, com o sangue aflorado, subscreveu o pacto. Ele pegou-lhe afetuosamente a mão e chupou o resto do sangue da ponta do dedo. Ela teimou em fazer o mesmo com o sangue dele.

— Agora, O Livro ficará com você — disse o noivo. Contém nossa escritura antenupcial.

E beberam a primeira taça com os braços cruzados e as frentes juntas.

## 3

Quando à tarde Allan Kardec chegou à livraria Dentu, o gerente Clement o abraçou, visivelmente satisfeito, e disse-lhe:

— Já desmanchamos o segundo pacote. Venderam-se mais de cinquenta volumes até agora, fora os que dei de presente, como propaganda. Du Potet,<sup>22</sup> o Barão em pessoa, carregou dois exemplares e perguntou-me, com interesse, quem era o autor. Antes de saber ele, lá em cima, na certa, acabei dando-lhe, eu mesmo, o seu nome e endereço. Está claro que revelei só o nome de guerra com que você é conhecido na Sociedade Mesmeriana.

— H. Denizard, então?

— Justo. Não me leve a mal se fui meio indiscreto.

— Fez bem, meu caro. Era mesmo meu intento enviar um exemplar ao Barão. Apenas pretendia fazê-lo com o pseudônimo de "Allan Kardec".

— Tive em mente o reclamo que ele poderá fazer d'O Livro no *Journal du Magnétisme*, agora em nova fase, depois da briga, e todo consagrado ao Espiritualismo.

— Fico-lhe grato pela intenção. Certamente, haveremos de ter adeptos entre os Magnetistas, principalmente os da nova escola do Barão.

— Sabe? George Sand<sup>23</sup> surgiu hoje, por aqui. Vinha da 'Comédie Française', onde reservou bilhete para a noite, e procurava um *Madame Bovary*,

---

<sup>22</sup> Du Potet (Jules Denis de Sennevoy, Baron), nascido em La Chapelle, Yonne (1796) e falecido em Paris (1881). Estudou medicina na Faculdade de Paris e foi dirigente da Escola Naturista, uma das sociedades de Magnetistas da mesma cidade. Adepto de Mesmer, reuniu, em torno de si, destacado grupo de pesquisadores e discípulos, dentre os quais Rivail, Roustan, Carlótti e outros. Publicou *Coûrs de Magnétisme Animal* (Curas do Magnetismo Animal) (1834), *Essai sur l'Enseignement Philosophique Du Magnétisme* (Ensaio sobre os Ensinaamentos Filosóficos do Magnetismo) (1845), *La Magie dévoilée ou principes des sciences occultes* (1875) entre outras. Foi editor do *Journal du Magnétisme* (1845-1861).

<sup>23</sup> Sand (George) pseudônimo de Madame Dudevant Lucile Amandine Aurore Dupin, esposa de François Dudevant (com quem se casou em 1822, dele se separando em 1830), nasceu em 1804 e faleceu em 1876, descendia, por seu pai, de Augusto II, rei da Polônia. Romancista inspirada e sentimental produziu inúmeras obras (Lélia, Valentine, Spiridion, etc.) J. Maigras a incluiu em *Les Pionniers du Spiritisme en France* (Ed. Librairie des Sciences Psychologiques-1906 pág.123), destacando suas ideias espíritas e reencarnacionistas. *Da Histoire de ma vie* encontramos na *Revista Espírita* (Setembro, 1868) a transcrição de algumas de suas ideias a respeito da migração das almas.

em encadernação de luxo, para presente. Fiz questão de dar-lhe, também, um exemplar d'O Livro. Após rápida inspeção da obra, lendo alguns trechos ao acaso, sem separar as folhas, quis adquirir outro exemplar para enviar a Victor Hugo.<sup>24</sup>

— A Victor Hugo?

— Exato, ao nosso grande poeta exilado. Sand garantiu-me que a 'Mesa Falante' o convertera, há quatro anos, desde que surgiu entre nós. E Hugo lhe tem escrito páginas e páginas, com pensamentos e versos de poetas e escritores mortos, recebidos pela mesa.

— Um poeta genial, como Hugo, não poderia repudiar a teoria espírita, que explica as inspirações. Aliás, sua lira sempre foi, fundamentalmente, espiritualista.

— Tornar-se-á, doravante, um dos nossos?

— Fatalmente!

— Sabe que Lamartine<sup>25</sup> também é crente?

— Sei, sim. Delaage, que o frequenta, mo confirmou. Eu poderia citar-lhe uma vintena de poetas e romancistas de alta classe, que passam por aqui, como Banville<sup>26</sup> e Dumas<sup>27</sup>, que são tão espiritualistas quanto nós.

— Como se vê, o Mundo gira mais depressa do que pensa Le Verrier<sup>28</sup>. Estamos no limiar da Era Nova, meu caro. Os missionários se acham na Terra, por toda a parte.

— Se estão!

— Obrigado por tudo, Clement. Estaremos juntos hoje à noite? Receberei alguns convidados.

— Com certeza, salvo contratempo em casa.

— Leve a Senhora.

---

<sup>24</sup> Hugo (Victor), escritor francês, nascido em Besançon (1802-1885). É vasta a sua produção bibliográfica, que fizeram dele o chefe do romantismo francês. Os anos de 1830-1840 consagraram sua glória. Consagrou-se à política após a morte de sua filha Léopoldine, em 1843, tendo sido eleito deputado em 1848. Após o golpe de estado de 2 de dezembro de 1851 foi exilado até 1870. Madame de Girardin inicia-o no estudo dos fenômenos dos quais todo o mundo, então, começou a se ocupar. *Les Pionniers du Spiritisme en France* (ob. cit. pág. 40-45) publica interessante estudo ditado pelo Dr. Bécour intitulado *Victor Hugo et la table*. Como Espírito, Victor Hugo, através da psicografia de Zilda Gama, nos dá uma coletânea de obras. Sobre esse extraordinário vulto encontramos referências na **Revista Espírita** dos anos de 1863 (*Carta de Victor Hugo a Lamartine*), de 1865 (*Discurso de Victor Hugo junto ao Pé do Túmulo de uma Jovem*), de 1867 e de 1868.

<sup>25</sup> Lamartine (Alphonse de), poeta francês, nascido em Mâcon (1790-1869). É referido na **Revista Espírita** de agosto 1863 e de agosto-1864.

<sup>26</sup> Banville (Théodore de), poeta francês, nascido em Moulins (1823-1891).

<sup>27</sup> Dumas (Alexandre père), romancista e teatrólogo francês, nascido em Villers Cotterêts (1802-1870). *Les Pionniers du Spiritisme en France* (ob. cit. pág. 148-149) registra que as Memórias de Dumas contém fatos de visões de parentes mortos e que Dumas admitia a teoria de reencarnação. Em *Madame de Chamblay* Dumas afirma o princípio da dupla vista a segunda vista, avista da alma, a que se refere Kardec em **O Livro dos Espíritos** — Questão 447 e seguintes.

<sup>28</sup> Leverrier (Urbain), astrônomo francês, nascido em Saint-Lô (1811-1877). Foi diretor do Observatório de Paris.

— Ficaré contentíssima. Então é quase certo irmos. Ela já principiou a ler O Livro, que levei para casa à hora do almoço.

— Almoça em casa?

— Hoje, excepcionalmente, por causa d'O Livro.

— O senhor Dentu está lá em cima?

— Não, mas virá logo. Suba, Professor. A viúva já o viu cá em baixo e terá prazer em falar-lhe um pouco sobre O Livro, nossa novidade do dia.

Rivail galgou a escadinha dos fundos e, na sobreloja, foi acolhido por Mélanie, afavelmente.

— Congratulações, Professor. Queira sentar-se.

— Obrigado, Madame. Já soube da ausência do Senhor Dentu. Subi para cumprimentá-la e agradecer-lhe seus obséquios.

— Cumprimos a obrigação. Gostou do trabalho gráfico? Confesso-lhe: A mim não me agradou nada. Mas apressamos tanto e a tipografia é de segunda ordem.

— Na realidade, o trabalho gráfico, não está impecável. Não se trata, porém, duma edição de luxo para apreciadores ricos e sim dum livro para vulgarização duma nova doutrina. A propósito, Madame: Não acha 3 francos um preço demasia do alto para uma brochura de 180 páginas e mal impressa, como a Senhora foi a primeira a reconhecer?

— Não, na atualidade. Esse preço foi objeto de ponderações entre Edou, Clement e eu A impressão tipográfica, em duas colunas, encarece um pouco a obra, e a tiragem foi pequena. Quer ver seu borderô?

E, antes duma resposta, ordenou a Adrien, que trabalhava perto, lhe trouxesse o dossiê da Tipografia de Beau.

— Não se dê essa trabalhadeira, Madame. Basta dizer-me as razões. O preço pareceu-me exagerado em face do pequeno número de páginas e em comparação com o de minha *Gramática Francesa Prática*, de duzentas e oitenta páginas, in 12, que se vende a 1 franco e 50 centavos e de minha *Gramática Normal*, de quase trezentas páginas e cheia de gráficos, vendida a 2 francos.

— Edição antiga, pois não?

— A *Gramática Normal* é recente, de cerca de seis meses, em 2ª edição. A outra já tem uns dois anos.

O dossiê pedido veio às mãos da viúva. Abrindo-o diante de Rivail, ela lhe apontou algumas das cifras dizendo:

— Veja: Papel, 65 fr. por 100 kg. com 5% de desconto. Parte impressa, em corpo 10 entrelinhado, 40 fr.; em corpo 8, desentrelinhado, 52 fr. Matéria em duas colunas, mais 10%. Aqui, em baixo, está um cômputo feito a lápis por mim:

Cada folha de 16 páginas, in 8º lhe ficou em 31 fr. 65. Calculados 20% de comissão aos distribuidores e nossa porcentagem combinada de 30%, teremos que, para cobrir todas as despesas, perdas eventuais de volumes estragados ou doados, algum reclamo pelas gazetas, e ainda lhe sobrar uma compensação autoral razoável, o preço de 3 francos não é exagerado. Se for feliz, como espero, o Senhor terá afinal um lucro de 600 a 700 francos.

— De acordo. Queira, porém, não ter em conta meu lucro se, para mais rápido escoamento desta edição, que é um ensaio, for preciso aumentar a quota dos distribuidores para 25% ou 30%, e a do reclamo. Não viso a nenhuma vantagem pecuniária com essa obra, nem com a outra em elaboração.

— Vamos ter breve outra no mesmo gênero, Professor?

— Sim, Madame. Pretendo lançar breve um Suplemento, com instruções novas e completivas dos Espíritos e meus comentários em maior extensão. Já está quase ultimado.

— Pois queira trazê-lo a nós, se isso lhe agradar.

— Prometo-lhe, Madame. Era, aliás, minha intenção.

E levantando-se:

— Peço-lhe permissão para ir andando. Verei, amanhã, o Senhor Dentu.

— Não tenha pressa de ir, Professor. Não estou atarefada, neste instante, e Edou não deve tardar. Saiu de propósito para inscrever O Livro. Ele quis tratar pessoalmente deste caso, a fim de evitar mal na Censura.

— Mas, depois do exame prévio, ainda há que temer a Censura, Madame?

— Sim, Professor, desde alguns dias. A licenciosidade estava inundando o mercado com literatura infame, exigindo repressão. O Ministro da Justiça aproveitou esse fato para ir com a censura ao máximo. A pretexto, por exemplo, de fiscalizar a entrada de impressos imorais, geralmente provindos da Itália, o que faz é reprimir a importação de brochuras políticas favoráveis à independência e unificação da península. Alegando-se o intuito de evitar incitações à greve operária, problema realmente sério, dificulta-se a entrada de livros socialistas procedentes da Inglaterra, e de obras protestantes oriundas da Holanda, da Suíça, da Alemanha e da própria Bretanha. O mais grave, porém, está ocorrendo aqui no país. Afirmando-se a necessidade de defender a Moral e os bons costumes, como reza o decreto, o que se quer é impedir ataques políticos ao Imperador e críticas à Religião.

— Falemos mais baixo, Madame. Há fregueses perto da escada.

— Tem razão. O fato é que devemos evitar que O Livro volte aos padres. E o que Edou foi tentar, procurando pessoalmente o Diretor do Departamento de Imprensa. É nosso velho conhecido, amigo de meu marido.



— Quem, por favor?

— Monsier de Salles.

— Tenho um amigo de grande prestígio no Ministério. Seria conveniente procurá-lo para nos coadjuvar ou acha desnecessário?

— Sem dúvida, é Conveniente.

— E não haverá perigo em expor à venda a obra antes de registrada, como estamos fazendo?

— Não, Monsieur. É interdito anunciá-la e comentá-la pela imprensa antes de registrada. Mas, o editor, enquanto não receber a portaria de interdição, pode ir distribuindo e vendendo a obra. É como todos os editores estão interpretando a nova lei.

— Obrigado por suas informações, Madame. Queira desculpar-me não aguardar o regresso do Senhor Dentu, apesar do meu desejo de revê-lo e de minha curiosidade pela entrevista com Monsieur de Salles. Preciso, porém, fazer algumas coisas urgentes pela cidade antes de voltar para casa, e já se faz um pouco tarde. Amanhã voltarei.

— Depois de amanhã, Professor.

— Realmente, amanhã é domingo.

E, beijando-lhe a mão:

— Madame, quero exprimir mais uma vez meus agradecimentos pela boa intenção dispensada a meu manuscrito desde o primeiro instante. A Senhora foi muito gentil, compreensiva e prestou, com sua boa vontade, relevante serviço à Causa dos Espíritos.

— Oh! Professor, eu...

— Minha visita de hoje não foi para tratar de negócios mas para lhe agradecer. Segunda-feira acertaremos nossas Contas.

— Eu é que lhe devo gratidão, Professor. Não por haver escolhido a nossa casa para editar a obra, mas pelo ensejo providencial que me deu de ler o manuscrito num momento em que eu estava mergulhada na angustia e na saudade, e cheia de desgostos por ver o Edou em franco cepticismo, justamente por causa da “Mesa Falante” Já disse ao Senhor Clement quanto O Livro me fez bem, a mim e a meu filho. Tirou-me a tristeza, desvendando-me a verdadeira vida, e livrou o Edou de ficar na descrença depois de tantos anos de fé na imortalidade da Alma.

— Como a obra é dos Espíritos, Madame, não me envaideço com suas palavras. Mas rejubilo-me de ver O Livro produzir tão altos benefícios antes mesmo de ser impresso, e justamente em quem primeiro me facilitou a publicação.

- Tenho certeza de que é uma obra divina.
- Pelo menos, transcendental, Madame.

\* \* \*

Ao fim da escadinha, no fundo da loja, Adrien pediu a Rivail licença para felicitá-lo pela saída d'O Livro. O professor, sorridente e grato, falou-lhe com o afeto dum mestre a discípulo:

— Ainda tão moço e já interessado por uma obra de tal ordem?

— Muito, Professor. Tenho ouvido tantos elogios a O Livro por parte dos patrões, que aproveitei a folga para a leitura de algumas folhas. Estou impressionado com um fato.

— Diga-mo.

— Tenho lido vários trabalhos sobre a 'Mesa Falante'. Nenhum me impressionou tanto como o seu. Ao ler hoje as respostas dos Espíritos tive a sensação de estar apenas 'recordando'...

— Você não será médium?

— Talvez. O senhor Delaage considera-me "sensitivo". Não conseguiu levar-me ao estado sonambúlico, mas, em dado momento, entrei a tremer todo, meu corpo vibrava com tamanha rapidez, que assustei o Senhor Delaage. Faço, porém, a 'Mesa' trabalhar quando estou na corrente.

— Sem dúvida é médium, precisando apenas de desenvolvimento da sua faculdade. Gostaria de fazer algumas experiências comigo?

— Sim, Professor. Muito!

— Dou preferência aos médiuns jovens, pois são predestinados à propaganda e consolidação do Espiritismo.

— Estou convencido, pelo pouco que li, que o Espiritualismo é uma coisa muito séria, e não divertimento. Serei feliz se puder, como médium, tornar-me útil ao Senhor e aos bons Espíritos.

— Avisa-lo-ei da oportunidade. Falarei a respeito com o Senhor Clement. Adeus, Adrien! Obrigado pelo seu Concurso.

Adrien emudeceu de espanto ao ver a destra de Rivail estender-se aberta para apertar a sua. O gesto era absolutamente inabitual entre um freguês e o humilde empregado. Correspondeu, tímido e hesitante, àquele sinal de cavalheirismo que, realçado pelo olhar agudo e magnético de Rivail elevava de repente e por um instante, da sua humilde categoria social. Trêmulo, comovido, seguiu com a vista lacrimosa o Professor notável que o igualava aos chefes da casa. Rivail, acompanhado de Clement, parou um momento, junto à porta

envidraçada para as palavras de despedida. Adrien encostou-se ao corrimão temendo cair, e teve a sua primeira visão: Viu junto de Rivail um grupo de Espíritos, vestidos à moda da época, mas de tecido claro e brilhante. Um deles, voltando-se sorridente para o jovem médium, fez-lhe um aceno familiar de “até breve”.

\* \* \*

Na praça do Teatro Francês, para a qual encaminhou os passos ao deixar a Livraria, Rivail entrou num corredor e parou à vidraça duma porta onde se lia ‘Messagerie Royale’. Vendo-o entrar, veio-lhe ao encontro uma gorducha e amável mulher:

— Já despachei dois estafetas para a entrega de seus volumes, Senhor. Esteja tranquilo: antes das cinco estarão com os destinatários, como prometi a Monsieur Clement.

— Obrigado, Madame. Passei para lhe agradecer a diligência e pedir-lhe o favor de mandar-me, segunda um estafeta para novas entregas.

— A que horas, Senhor?

— Pelas dez da manhã. Obrigado desde já, Madame. Até a vista!

— Até revê-lo, Senhor. Mandarei o estafeta às dez.

Beirando o ‘Théâtre Français’, teve curiosidade em ver qual o espetáculo a que vinha de noite George Sand. E leu no placar fronteiro à estátua de Molière: “Hoje Demi Monde — Dumas Fils”. Estava correndo a vista sobre os nomes dos artistas quando, um cavalheiro encartolado, de sobrecasaca azul com gola de seda e um botão de rosa vermelha à lapela, bateu-lhe afavelmente nas costas:

— Então! Vem hoje ao espetáculo?

— Olá, Monsieur Empis! Prazer em vê-lo! Ia passando e não resisti à tentação de espiar o programa de hoje. Já conheço a peça. E admiro-me de topá-la agora na ‘Comédie’.

— Quer vir comigo aos grandes bulevares? Deixo-o onde quiser.

— Com muita alegria, se não lhe causo enfado.

— Venha!

E conversando, tomaram na frente do teatro, um landô puxado por dois cavalos brancos.

— Então já conhece Demi-Monde?

— Assisti a uma de suas primeiras representações no ‘Gymnase’ vai para dois anos. Foi, justamente, quando comecei a estudar o Espiritismo.

— "Espiritismo"?! Que coisa é essa?

— A filosofia das Mesas Rodantes. Ainda não ouviu falar delas?

— Ah! Compreendo. Sim. Fiz algumas observações em casa de Rachel.

— De Rachel? Não sabia que ela era Espiritista.

— Apaixonada pelos Espíritos! Via-os, ouvia-os, sentia os, segundo nos afirmava. Coitada! Já estava doente. Desenganada pelos médicos, voltara toda a esperança de cura para as Almas dos defuntos... Mas continua perdida, irremediavelmente perdida.

— Pobre Rachel! É pena ver-se tão grande tragédiana condenada irremediavelmente como você diz. Pouco antes dela embarcar em turnê para a América, fiz-lhe a tradução dum drama inglês a seu pedido, do qual ela retirara o frontispício para eu não saber o nome do autor nem o título da obra. Depois não a vi mais.

— Depois da turnê, recolheu-se para tratamento. Está agora na Suíça.

— Gostaria de ter o endereço dela para enviar-lhe meu último livro.

— Pretende ensinar gramática francesa à nossa maior declamadora?

— Meu ***O Livro dos Espíritos***.

— Levou a sério ou à crítica tal assunto?

— Muito a sério. E Você? Nenhuma conclusão tirou da ‘Mesa Rodante’?

— Sim, tirei-a: Falharam-me todos os palpites que ela me deu. Só tive decepções. Aliás, sempre tive reservas perante o Magnetismo.

— Talvez haja pedido à Mesa favores de natureza material.

— E que desejava você pedisse eu? As nuvens? Uma recomendação de São Pedro?

— Soluções morais.

— Não vivo de brisas, meu caro. Sou homem de teatro, ponho em cena algumas ficções, mas eu não vivo de fantasias. Na vida prática, nada de sonhos. Os melões estão caros.

— A Mesa Falante veio para soluções morais.

— A Mesa Rodante foi a maior peta que já nos mandaram os americanos.

— E você vai indo bem, na ‘Comédie’?

— Podia ir melhor, se tivesse temperamento subservil, para capacho de políticos devassos e para concordar com os caprichos dos sócios e artistas. Mas, que fazer, meu caro? Nasci torto e me habituei a seguir à risca a lei e os regulamentos quando estou em função pública ou fora dela.

— E ‘Demi-Monde’? Abandonou o ‘Gymnase’?

— Não. Continuará lá. A representação de hoje é extraordinária. ‘Demi-Monde’ foi escrita expressamente para a ‘Comédie Française’. Mas, por um capricho invencível, Rachel se opôs ao tema. Houssaye cedeu e Dumas Fils foi

para o ‘Gymnase’. Eu porém venho, desde a primeira hora, agindo com absoluta independência, rigorosamente dentro do Regulamento, e de maneira diferente da de meu ilustre antecessor. O Teatro Francês não é uma propriedade particular mas uma instituição nacional. Desde que assumi o cargo, no ano passado, venho pondo em cena, como Você sabe, não só as peças modernas mas também as obras primas antigas. Pretendo fazer representar na ‘Comédie’ tudo quanto há de bom no teatro francês: Ontem, ‘Le Malade Imaginaire’ de Molière, hoje ‘Demi-Monde’ do mais atual e discutido de nossos comediógrafos.

— É boa política agradar a todos.

— A boa política é servir o Povo. A finalidade da ‘Comédie’ é puramente educativa. Como teatro modelo deve representar tudo que o teatro francês tem de bom.

— Não esperava o sucesso teatral de ‘Demi-Monde’. Até o nome pareceu-me infeliz. No entanto...

— Paris ama escândalos, e o nome era sedutor. Por que o julgou ‘infeliz’?

— O neologismo me chocara, por extravagante e dúbio. Já é, porém, palavra corrente e consagrada cuja ‘finesse’ toda a gente aplaude. Não podemos lutar contra o uso dos termos novos, quando aceitos pela sociedade letrada. O uso da boa sociedade é o melhor mestre do francês.

— De acordo. Ela também é a barreira da gíria e do calão.

— Também a tese, à primeira inspeção, pareceu-me demasiado impudente. Mas agora, à luz do Espiritismo, compreendo melhor a finalidade moralista do autor.

— Perdão! A luz de que?

— Da filosofia da Mesa Falante.

— Você me está ficando um tanto... sem luz.

— Se eu fosse juiz no Concurso Faucher do ano passado, teria, sinceramente votado a favor de ‘Demi-Monde’ e deferido o prêmio a Dumas Fils.

— Mas foi o que aconteceu por unanimidade.

— Eu sei. Quero dizer que seria também a favor.

— Com justiça. A meu ver, o Ministro Baroche<sup>29</sup> procedeu... como direi?

— Estranhamente, pelo menos.

— Sim, "estranhamente", suprimindo o prêmio Faucher, no ano atrasado, só para não o conceder a Dumas Fils que o mereceu em júri.

— Teria visto na tese premiada alguma alusão à Corte imperial?

— Nada disso! Ainda aí andou o dedinho imperioso de Rachel contra Dumas Fils. O Ministro não quis desgostar a nossa maior artista nem agravar o

---

<sup>29</sup> Baroche (Pierre-Jules), nasceu em Paris (1802.1870), Ministro de Napoleão III.

júri, e suprimiu, naquele ano, o prêmio... por falta de verba.

— Estranha mulher! Não se esqueça de dar-me o endereço dela. Olhe, segunda-feira a ‘Messagerie Royale’, fronteira à ‘Comédie’, me vai mandar cedo um estafeta.

— Enviar-lhe-ei o endereço por meu contínuo.

— Pois estou de integral acordo com sua administração. O Teatro Francês deve ser uma escola. Todas as peças educativas, como ‘Demi-Monde’, devem ser levadas à cena em a ‘Comédie’.

— Malícia ou... espírito de defunto?

— Sem malícia.

— Considera, realmente, ‘Demi-Monde’ educativa?

— Por que não? Reconheço, hoje, graças ao Espiritismo, que há vários meios e modos dignos de educar as massas humanas. O teatro é um deles. Pode levar as massas pela revelação ou, melhor, pela ridicularização de seus atos sociais, a modificar os maus costumes. Dumas Fils está seguindo um método excelente, o do realismo, para combater os erros do materialismo sensual que vem pervertendo, aos poucos, a tradicional moralidade da Mulher francesa. É um autor inspirado pelos Espíritos do Bem.

— Os Espíritos andam metidos também em teatros?

— Propagam a Moral por diferentes maneiras. Em O Livro, que acabo de lançar, dirigi-se aos homens amadurecidos, capazes de raciocinar sobre temas filosóficos e religiosos. Numa peça como ‘Demi-Monde’, inspiram o escândalo, que é o pavor da mulher briosa, da mulher pertencente a uma boa família. Abre-lhe os olhos para a imprudência de outras que fraquejaram, levando-a ao domínio da fantasia, do arrebatamento, mostrando-lhe, no caso de ‘Demi-Monde’, o verdadeiro título que tem na sociedade a mulher que supõe passar por ‘espírito forte’, por ‘adiantada’ ou ‘superior’, quando espezinha a moral.

— Acha, então, que Dumas Fils está bem cotado entre os Espíritos?

— Para mim, tanto ele como o pai, Alexandre Dumas, são médiuns e têm, assim, direta ou indireta colaboração do Invisível na educação das massas.

— Julga você que se pode pregar a Moral através da Imoralidade?

— Tratar no teatro um mal que se deplora, apresentando-o como infelicidade que pode ser evitada, é, a meu ver, um modo de ensinar a Moral.

— Você está hoje difícil! Indecifrável!

— Dumas Fils, com sua tese arrojada, aparentemente escandalosa, penetrou no seio da sociedade francesa para mostrar, ali, a chaga que a corrói. Não basta, de fato, a sociedade afastar de si as cortesãs para deixar de ser corrompida. Com as ‘demi-mondaines’ ela está mais infestada do que imagina. A



peça de Dumas Fils abre-lhe os olhos.

— Não nego a Dumas Fils haver posto com felicidade o dedo na ferida.

— Veja a felicidade com que o fez, por exemplo, em certas definições. Note estas palavras da protagonista: — “Nosso ‘demi-monde’ é uma descaída para aquelas que vêm de cima. E, porém, uma elevação para aquelas que vêm de baixo”.

— Estupenda definição!

— Estoutra: “Alinha limítrofe do ‘demi-monde’ começa onde a esposa legal acaba e termina onde a esposa venal começa. Nós, ‘demi-monde não vendemos, Damos; é banida de nosso mundo aquela que se vende, como é banida do mundo das cortesãs aquela que se dá”. Esta definição, como a anterior, ficará.

— Sim, pegaram. Há outra, não menos precisa: “O ‘demi-monde’ difere do mundo das mulheres honestas pelo ‘escândalo público’ e, do mundo das cortesãs, pelo ‘vil metal’. Naquele, o mundo é delimitado por um dispositivo de Lei; neste, por um ‘disco de ouro”.

— Realmente, esplêndida. Temos agora, bem definidos, três mundos em que a mulher pode viver na Sociedade. Dumas Fils destacou aquele em que a mulher ‘desce’ ou ‘sobe’, exclusivamente, por sensualidade incontrolada. Advertida, em tempo, a Mulher do mundo honesto poderá evitar a queda no ‘demi-monde’, que é povoado de levianas desprovidas de Fé. Sem a crença na ‘Vida Futura’, na Imortalidade da Alma, nas Penas e Gozos de ‘Outro Mundo’ decretados por justiça infalível, a Mulher é fácil presa da tentação de viver numa roda social de aparente deleite. Combatendo, pelo espetáculo da chaga, o materialismo sensual que derruba a Mulher desprevenida de Fé, a peça realiza, sutilmente, uma obra de saneamento moral.

— O mal a que você se refere é incurável... desde o Paraíso.

— ‘Incurável’, não creio. Não foi sem motivo superior que os Espíritos, na França, começaram sua manifestação física atual pelos salões mundanos, onde a mescla dos dois mundos, o legal e o ilegal, é mais pronunciada. A ‘Mesa Falante’ é, nessas rodas, arma de dois gumes: Diverte e corrige. Manifestando-se entre as mulheres fáceis, que ‘se dão’, os Espíritos advertem-nas, por seus conselhos, dos perigos que elas correm, mostrando-lhes o que poderão vir a ser, numa reencarnação, não mais tão-só por sensualismo, ambição e leviandade, mas pelo Castigo Divino.

— Hoje, ‘demi-mondaines’ por gosto; amanhã, ‘cortesãs’ por punição divina.

— Você está hoje difícil! Não o compreendo.

— Não ouviu falar, ainda, na Reencarnação?

— Em que sentido?

— No de voltarmos, depois de mortos, a viver na Terra, em outros corpos.

— Avatar, como disse Théophile Gautier, num belo romance?

— Esse termo, popularizado por Théophile Gautier tem, entre nós, o sentido de ‘transformação’, ‘transmutação’. Reencarnação é outra coisa. E a volta do Espírito do homem que morre a outro corpo.

— E você crê nisso?

— A Lógica me levou à convicção; o Espiritismo me deu a certeza.

— Parbleu! Os Espíritos o estão transformando, meu caro. Cuidado!

— Estão, de fato, transformando-me. É, por seus ensinamentos, que sei o destino da ‘demimondaine’ em uma nova existência carnal. O erro da Mulher, ‘que se dá’, por sensualismo, ‘fora da Lei’, não ficará impune ‘dentro da Lei’.

— Confucionismo?

— Um dos castigos da Mulher que, hoje, se entrega ao prazer sexual ‘sem paga’ e por simples leviandade será o de entregar-se amanhã, ‘forçada’ por misterioso destino, ‘em troca do vil metal’.

— Dificílimo! Charadístico! Mas, continue.

— A cortesã é uma ‘escrava’ de seu passado de leviandade moral. Sofre o castigo de seu antigo impudor, de sua pretérita infração da Lei Moral, do mau exemplo que deixou Expia uma culpa. Por isso, dificilmente, a poderemos arrancar da provação.

— Quantas se salvam!

— São raras as Madalenas entre as cortesãs. Mas a ‘demi-mondaine’, pode ser salva numa futura prova aviltante, levantando-se nesta existência, corajosamente, da queda ou, por outra, corrigindo-se nesta vida. Adverti-las disso é uma caridade. A ‘demi-mondaine’ pode, acordada em tempo, evitar uma existência futura de ‘obrigatória’ vexação pública.

— Não será fácil, meu caro, corrigir uma índole má, inclinada por natureza, ao sensualismo, arrastada a ele pelo meio social em que nasce, em que não quer mais viver, que é o da miséria.

— Mais fácil do que você pensa. Se a mulher seduzida nascer numa família honesta, já tem o meio social em que se apoiar: O exemplo materno. Só resvalará para o ‘demi-monde’ se perder a Fé. Ora, se lhe mantivermos bem viva a crença na Imortalidade da Alma, na Justiça de Deus...

— Os Espíritos dos Mortos estão cuidando disso agora?

— Não os ridicularize, meu caro. Os médicos não são para os doentes? Você é um bom moralista em todas as suas peças teatrais. Que esplêndidas lições de Moral em *Six femmes de Henry VIII*! Se conhecer o Espiritismo filosófico,

redobrará seu propósito, como teatrólogo, de concorrer para salvar a Mulher francesa, ameaçada, mais do que nunca, em sua dignidade maternal, social e matrimonial pelo Materialismo, único responsável pelo desnivelamento da Moral nos últimos tempos.

— Você está, hoje, realmente... como direi?

— Dificílimo, pois não?

— Francamente! Afirmar que ‘Demi-Monde’ é uma peça capaz de concorrer para melhorar os costumes equivale a dizer que a Imoralidade...

— Perdão? Não taxemos de ‘imoral’ um autor sincero, que mostra a verdade sem o manto da condescendência. A Verdade, onde quer que apareça, é sempre ‘moral’.

— Mesmo quando aparece ‘nua’?

— Os antigos a esculturavam ‘nua’. Veja a ‘Venus Pudica’.

— Mas, a verdade nua fere o pudor moderno, meu caro. E tudo que fere o pudor, é imoral, penso eu.

— Lembre-se do simbolismo do Éden: Eva, enquanto pura e inocente, estava ‘nua’. Era ‘casta’. A Verdade, mesmo nua, é sempre casta.

— Palavra! Não conhecia essa curiosa face de seu caráter, meu caro.

— Você não quer ler meu novo livro?

— Com prazer. Será interessante. Mas vou enviar-lhe o endereço de Rachel. Ela é que está precisando de conselhos morais dessa ordem ‘educativa’. Genial e ainda relativamente moça, depois de ter toda Paris a seus pés e de haver experimentado, em vida, a maior glorificação a que pode aspirar uma mulher, apesar de...

— Não a julgue, amigo! Você é suspeito. Ela está enferma, purgando, talvez, alguns erros tão naturais numa grande artista e preparando-se, quiçá, para entrar, vitoriosamente, no mundo dos Espíritos, como entrava, triunfante, em nosso palco. O Espiritismo veio para mostrar o caminho da redenção pela Dor. Ela sofre.

— Tem razão. Consumida pela tísica, abandonada de seus antigos admiradores e bajuladores, exilada, voluntariamente, em terra estranha, sem aquela voz inimitável, que a tornava singular, única...

— Se estiver conformada, estará salva.

O landô chegou à esquina da Rue Laffitte, no Boulevard des Italiens. Alegando precisar fazer umas compras ali perto, Rivail desceu e dirigiu-se a um restaurante para falar com um velho amigo.

## 4

Na Rue des Martyrs N° 8, realizou-se, à noite,<sup>30</sup> a recepção preparada pelo casal Rivail. O pequeno apartamento comportava, a rigor, vinte pessoas e, por isso, limitara-se o número de convidados. A família Baudin foi a primeira a chegar. Clémantine, esposa de Emile-Charles Baudin, contou a Rivail a alegria das duas filhas quando, por volta das cinco da tarde, cada qual recebera um exemplar d’ O Livro com oferenda do Autor:

— Nunca lhes acontecera antes uma tal distinção. O senhor foi muito gentil; deixou-as sensibilizadas.

A menina mais velha atalhou, sorrindo:

— Obrigada pelo presente, Professor. Quanta bondade a sua! Andava ansiosa por ver impresso O Livro. Jamais imaginei levasse tanto tempo na tipografia.

— Quase quatro meses — replicou Rivail. Mas hoje tudo é demorado e a obra foi composta fora de Paris, em oficina modesta e cheia de serviço.

— Agora — continuou a moça —, sinto-me como aliviada dum dever, como aprovada num exame.

Rivail mirou-a com respeitoso afeto. Ela o olhava confiante, como a um mestre venerável e estimado. Nos seus dezoito anos, Caroline — a quem O Livro devia tanto — não avaliava, sequer por sonho, a gratidão do Autor. E era ela quem lhe agradecia um simples gesto de obsequiosidade! Sincera e ingênua, mostrando facilmente os dentes alvos e alinhados em esplêndida gengiva de carmim, e tendo o rosto, lindo e cândido, emoldurado pelos cachos de cabelos crespos e louros que lhe caíam aos ombros. Caroline era, pelo caráter e coração, como um anjo vindo ao mundo para anunciar uma revelação nova. E sempre risonha, continuou:

— Agora já posso casar-me sossegada...

Rivail, exprimindo sinceridade e paternal carinho, respondeu-lhe:

---

<sup>30</sup> Em 18 de abril de 1857.

— Agora, pode! Sua tarefa está finda e você, aprovada com distinção. Deus lhe dará neste e noutra mundo o prêmio da trabalhadora desinteressada e útil. Por que não trouxe o noivo?

— Está longe, em Dijon, preparando as coisas. O casamento foi marcado para julho próximo, se Deus quiser.

— Vai morar tão distante de nós, Caroline?

— Mais longe ainda, Professor. Depois do casamento de Julie, voltaremos todos para a Ilha da Reunião.

— Sapristi! Seu noivo não é oficial do Exército?

— É, sim; mas deixará a carreira militar para ajudar papai na administração da fazenda. O mesmo fará o noivo de Julie, que se forma este ano em Medicina.

— Em agosto — completou Julie.

— E você, filhinha, vai também casar-se tão mocinha?

— Espero casar-me em outubro, ao completar 16 anos. Não escolhemos a mesma data de casamento porque, dizem, não dá sorte a uma das noivas...

— Superstição, menina! Cada um de nós traz seu destino matrimonial que o dia, o mês, o ano e a coincidência de outro casamento na família jamais, a meu ver, poderia modificar.

— Mas Raymond quer formar-se primeiro e, assim, ficaremos em Paris até o Outono.

— Esse motivo é mais razoável — respondeu Rivail sorrindo...

— Diga, Professor — interveio Caroline —: O Casamento é mesmo de destino?

— Acha Você que o mais importante ato de nossa vida terrena, sobretudo para a mulher, poderia escapar ao plano de progresso que nos é traçado antes de nascermos? Já se esqueceu das lições recebidas a respeito?

— Creio no destino matrimonial — disse Julie —, mas Raymond é cético. Para ele o destino é a vontade da gente.

— Em parte, sim; em parte, não — respondeu Rivail. Gostaria de falar com ele. Regra geral, os estudantes de Medicina são céticos. Não encontram a Alma no cadáver e julgam não existir, também, na pessoa viva. Confundem-na com o princípio vital. Traga-me seu noivo um dia.

E para Baudin, que se aproximava:

— Sei que não teve tempo sequer de abrir O Livro. Que tal, porém, o título?

— Esplêndido! Não podia ser mais feliz nem mais sugestivo. Foi, entretanto, surpresa para mim. Supunha ia conservar o primitivo de "Religião dos Espíritos".

— Mudei de ideia. A Censura poderia implicar-se com esse título. Por outro lado, os Guias me haviam dito ser O Livro apenas o "primeiro" capítulo da Religião Espírita. O título primitivo seria, pois, impróprio.

— O novo nome exprime bem a procedência d'O Livro. Os Guias sempre nos disseram (lembra-se?) que, na essência, a obra era deles. Mas...

— E, realmente, o é. Fiz questão de frisar essa procedência transcendente desde as primeiras linhas, dando a César o que é de César. Portanto, sob esse ponto de vista, O Livro é de fato...

— Dos Espíritos, completou Baudin. De pleno acordo. Mas...

— Perdoe-me, caro amigo! Permita-me uma explicação. O título presta-se bem a essa interpretação; é talvez, a primeira ideia que acode ao leitor. E mesmo, aquela que me veio à mente quando o concebi. Contudo, esse título tem duplo entendimento: Um, aparente; outro, real. Na aparência, **O Livro vem dos Espíritos**. É o que todos pensarão, de pronto, como o fez Você. No fundo e na realidade o título significa que **O Livro trata dos Espíritos**.

— Compreendo. Duplo sentido, o visível e o oculto, servindo para explicar a procedência e o objetivo da obra. Nesse caso o nome é ótimo.

— Foi-me inspirado.

Vozes no corredor interromperam o diálogo. A Senhora Rivail abriu a porta e acolheu, afavelmente, três pessoas, inesperadas, que acompanhavam Madame De Plainemaison, amiga e convidada. Rivail foi ao encontro desta e, beijando-lhe a mão, disse-lhe cortesmente:

— Seja bem-vinda com seus amigos. Contentíssimo de revê-la nesta sua casa.

— Muito obrigada, Professor. Tomei a liberdade de trazer, comigo, a família Dufaux, que desejava conhecer Gabi e você. Permita-me o apresente à Senhora Dufaux...

— Encantado, Madame Dufaux.

— E à Senhorita Dufaux<sup>31</sup>, a médium historiadora de quem lhe falei há

---

<sup>31</sup> Dufaux (Ermance de la Jonchère) colaborou, como médium, com Kardec, na elaboração da segunda edição de **O Livro dos Espíritos**, de 1860, que se popularizou. O seu guia espiritual deu grande incentivo a Kardec para publicar a **Revista Espírita** e, Ermance, com seu pai, o Senhor Dufaux, se tornou sócia fundadora da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Podemos também, considerá-la uma heroína espírita, pois, o seu livro — *Histoire de Jeanne D'Arc, dictée par elle-même (História de Joana D'Arc Ditada por Ela Mesma)* (edição original de Meluu, Paris, 1855) foi consumido na mesma fogueira em que arderam as obras de Kardec e de outros, acesa pelo auto-de-fé em Barcelona, Espanha, no dia 9 de outubro de 1861. **Revista Espírita**, dos meses de março, maio e junho de 1858, reproduz o seu manuscrito de 1857 *Confessions de Louis XI. Histoire de sa vie dictée par lui même (Confissões de Luís XI. História da sua Vida Ditada por Ele Mesmo)*, "Passou-se com ela (Ermance) um curioso fenômeno. A princípio era bom médium psicógrafo e escrevia com grande facilidade; pouco a pouco tornou-se médium falante (de incorporação ou psicofônico), e, à medida que esta nova faculdade se desenvolve, a primeira se atenua..(registra Kardec, na *Revista Espírita*, janeiro de 1858), A *Histoire de Louis IX (Saint Louis, 1214 / 1270)*, referida na *Revista Espírita* (abril / 1859) foi Publicada por *La vérité*, em 1864, conforme registra Florentino Barrera, em *Bibliografia Espiritista do Século XIX*.



dias. Lembra-se?

— Grande prazer, Mademoiseile Dufaux.

— A Senhora De Plainemaison apresentou, em seguida, Dufaux a Gabi, dizendo à velha amiga:

— Eis um dos grandes espiritualistas de França, que tem provocado a atenção da Corte para o Espiritualismo. Dufaux, beijando a mão de Gabi:

— Muita honra, Madame. Felicito-a pelo seu nobre devotamento à Causa.

— Obrigada, não tenho feito nada, pelo menos tanto como eu desejava. Aqui está meu marido.

Rivail, estendendo a mão a Dufaux:

— A Senhora De Plainemaison já me falou de sua ilustre pessoa e dos importantes trabalhos mediúnicos de sua gentil filhinha.

E, indicando a moça:

— É esta linda menina, então, a nossa grande médium historiadora?

— Minha filha pode ser, de fato, chamada assim, pois foi, desde a primeira hora, médium historiadora. No seu primeiro dia escreveu o prefácio da autobiografia de São Luis.

— Quero, antes de ouvi-lo, apresentá-lo à família Baudin, cujas filhas também são médiuns excelentes.

Feitas as apresentações, as mulheres ficaram na saleta de visitas e os homens passaram para o escritório.

\* \* \*

Sentados junto à escrivaninha, reencetou Rivail a palestra com Dufaux:

— Então, foi com uma página da história de São Luis que sua filhinha estreou a mediunidade?

— Assim foi. Desde os doze anos ela se mostrava dum temperamento esquisito. Dizia coisas, brincando, que vinham a realizar-se. Uma vez, em fins de dezembro de 1853, visitando em Versalhes o Doutor Clever De Maldigny, falei-lhe das estranhas ‘inspirações’ da menina. E ele, prontamente, diagnosticou: ‘mediunidade’. Eu não havia, até então, morando embora em Fontainebleau, ouvido falar em tal ‘doença’.

— Há dois anos, eu mesmo, residindo no coração de Paris, não tinha notícia nenhuma da mediunidade — aparteou Rivail.

— Explicou-me o Doutor De Maldigny tratar-se duma ‘epidemia’ recente, ‘importada’ da América pela Alemanha e vinda pelo navio ‘Washington’, que aportara em Hamburgo, no começo de abril de 1853. A moléstia era de natureza

mental e altamente ‘contagiosa’. Estava fazendo numerosas vítimas na França, desde maio daquele ano, e assolando a Alemanha e a Inglaterra, com surto provável em outros países.

— E falava-lhe, naturalmente, com toda a seriedade — objetou Baudin.

— Deu-me essa impressão, pois acrescentou, que o mal atacava, de preferência, as moças ‘sensitivas’, isto é, na linguagem dos Magnetistas, ‘sujeitas’ à ação magnética. E receava que a nova epidemia reproduzisse, com extensão internacional, as nevropatias das Ursulinas<sup>32</sup> de Loudun ou dos Convulsionários<sup>33</sup> de Saint-Médard. Perguntei-lhe, assustado, se era curável. Pediu-me que, na próxima visita, lhe levasse a menina para um exame.

— Estava de boa fé, como tantos outros cientistas — ajuntou Rivail.

— Podem os Senhores imaginar o tormento que esse diagnóstico de loucura contagiosa provocou na expectativa de minha família.

— Eu imagino! — diz Baudin.

— Quinze dias depois, sem nada ter dito, jamais, a Ermance, de sua nevropatia, levei-a a Versalhes, em seguida a uma crise nervosa, O Doutor De Maldigny pôs-lhe um lápis entre os dedos e a enfermeira Rosette, colocando a mão sobre a de minha filha, balbuciou uma espécie de oração terminada assim:

— “Em nome de Deus, venha a nós um Espírito bom”.

— Interessante! — exclamou Rivail.

— Confesso-lhes: Eu estava espantado e desajeitado diante daquela experiência, um tanto ridícula, inesperada, num gabinete médico. Pareceu-me uma sessão de Magnetismo Espiritual e desconfiei que De Maldigny fosse da Escola do Chevalier De barbarin Mas, o doutor, disse a Ermance, sugestivo: “Escreva o que lhe vier à mente ou lhe for impulsionado; nada tema. Escreva, escreva o que lhe vier à cabeça... ou ao pulso...” A menina caiu numa risada nervosa. E, brincalhona, sem desconfiar de nada, supondo tratar-se dum exame escolar, encostou o lápis ao papel, dizendo futilidades à enfermeira. E, súbito, nervosamente, escreveu, de modo legível: “Minha risonha Ermance”. Assustada de ver a mão arrastada por força estranha, Ermance abandonou o lápis bruscamente e não quis continuar a experiência. De Maldigny, examinando com Rosette a escrita, descobriu tratar-se do começo duma carta ‘espiritual’, dirigida do invisível à menina.

— A mediunidade de sua filha estava provada — aparteou Baudin.

— Era um sinal dela — concordou Dufaux.

---

<sup>32</sup> Religiosas da Ordem de Santa Ursula.

<sup>33</sup> Entre os fenômenos produzidos, entre as convulsionarias alguns tem analogia com certos efeitos sonambúlicos, como, por exemplo, a penetração do pensamento, a visão à distância, a intuição das línguas’ (Ver *Revista Espírita*, Edicel, ano 1859, págs. 339/341, e ano 1860, págs. 154/ 157 e 204).

— E, depois? — interrogou Rivail.

— Uma semana depois recebemos, em Fontainebleau, a visita do Marquês de Mirville, que se entregava, ardentemente, ao estudo dos fenômenos magnéticos para concorrer a um prêmio da Academia de Ciências Morais.

— Que, aliás, perdeu — intervém Baudin.

— Falando-me ele da ‘Mesa Rodante’ que espantava toda Paris na opinião dele, contei-lhe o caso de Ermance no gabinete do Doutor De Maldigny. Rogou-me, então, que minha filha lhe proporcionasse uma experiência. Ermance, à instância da governanta, a quem transmiti o desejo do Marquês, aquiesceu, após certa relutância. Desde aquele dia de Versalhes ela temia segurar o lápis mesmo para estudar. Não o fazia sem estar perto de alguém. O resultado foi este: Perguntou o Marquês em voz interrogativa, dirigida ao Invisível: “Está presente o Espírito em quem penso? No caso afirmativo, queira escrever o nome por intermédio de Ermance”. A menina segurou o lápis em posição de escrever e aguardou um instante. Depois, com estranha naturalidade, sem qualquer nervosismo, escreveu: “Não, mas um dos teus remotos parentes”. Nova pergunta: “Pode escrever seu nome?” Resposta escrita: “Prefiro, para teu bem, que meu nome venha diretamente à tua cabeça. Pense um instante”. O Marquês demorou-se meio minuto em meditação e disse: “São Luis, rei de França, primo do primeiro nobre de minha família?” Resposta escrita: “Sim, eu mesmo”. Pergunta: “Que prova pode Vossa Majestade ou Vossa Santidade dar-me de que realmente é o nosso grande rei?”. Resposta escrita: “Ninguém, nesta casa, sabe que tu e os teus considerais, em preces, que eu sou o Anjo da Guarda de tua família, não é exato?” Resposta: “Impressionante! É exato”. Perguntei por minha vez: “Pode Vossa Majestade, Santo como é, ditar-me algo de edificante em Moral, compatível com a glória religiosa de São Luis?” Resposta escrita: “Tentarei com prazer”. E Ermance escreveu, com toda a naturalidade, esta mensagem que trago sempre comigo.

Dufaux sacou do bolso interno da sobrecasaca negra uma carteira de marroquim preto, finíssima, com seu monograma e escudo em ouro, e dela retirou uma folha de papel amarelado pelo tempo, dobrada em quatro, dilacerada num dos sulcos. E perguntou, depois de abri-la:

— Permitem-me que a leia?

— Eu lho rogo — disse Rivail.

— Por favor — acrescentou Baudin.

Dufaux colocou o monóculo à direita e leu:

“Sê tu, Amigo, como um rio benfazejo que derrama por onde passa a fertilidade e a frescura. Perdoa a teus inimigos como o Salvador que, quase ao expirar, orou por

seus carrascos, dando assim aos homens seu derradeiro exemplo de bondade. Imita esse nobre exemplo do Mestre, tão pouco seguido pelos vis insetos chamados homens e se dizendo grandes, que passam a existência atrás de grandezas e riquezas, jamais satisfeitos em sua ambição. Ama teus inferiores na hierarquia social. Não imites os homens tiranos de seus irmãos, nem os que, por seus exemplos, transviam as Almas humildes e obscuras que lhe cumpre guiar e proteger neste vale de provações para todos. Os homens que assim procedem se tornam presas do Anjo Rebelado, que os arrastará, depois da morte, aos Abismos Eternos. Não te detenhas ante os espinhos que te barrem o caminho. A estrada da virtude é sempre sofrida e um caminho florido, como aspiras, te conduziria talvez ao Precipício. Paz a ti e aos teus! Particularmente a Ermance. Luis."

— Conselhos verdadeiramente cristãos, dignos dum santo — disse Rivail.

— Numa linguagem — aduziu Baudin — compatível com o ambiente católico em que foi proferida, pois o Marquês De Mirville é romanista ferrenho.

— Você pôs o dedo na ferida — aprovou Rivail. Um Espírito superior não agrava jamais a crença de ninguém e fala aos homens sempre na linguagem moral de cada um. O Marquês De Mirville é crente no Anjo Rebelado e nos Abismos Eternos.

— Perfeitamente — concordou Dufaux. Não somente o Marquês, também eu e todos que assistíamos à experiência somos católicos. Quando De Mirville indagou inicialmente: "Está presente o Espírito em quem penso", ele pensava em Satã, segundo me disse depois. E eu, quando pedi algo de edificante e Moral, compatível com a glória religiosa de São Luis, sondava, também, se o comunicante era um Espírito das Trevas. Qualquer comunicação, que não fizesse referência favorável a nossos dogmas, seria refutada como indigna dum santo.

— Foi o que percebi de pronto — disse Rivail. Esperavam todos a palavra identificadora dum santo; a linguagem tinha que ser a dum santo, isto é, conforme com a dogmática romana. Se o meio fosse de agnósticos, e um incrédulo perguntasse a São Luis se, como Espírito superior, ainda admitia por verdade a lenda do Anjo Rebelado e dos Abismos Eternos, provavelmente o santo ensinaria que essas expressões são simbólicas.

— Talvez, objetou Dufaux.

— E o Marquês? — indagou Baudin. Que disse ele?

— Falou-nos que, se submetesse o caso ao exame da Academia de Ciências Morais, a ilustre congregação concluiria por uma transmissão de ideias, dele ou minhas, a uma jovem sugestionável. Ou, quiçá, por uma inata inteligência de Ermance cuja educação é primorosa. Nunca, todavia, por uma verdadeira intervenção do Espírito dum santo. Ele, porém, tinha certeza de que tudo, mesmo a mensagem, não passava de obra de Satã...

— Homem de ‘parti-pris’ — diz Baudin.

— Talvez bem intencionado, aduziu Rivail.

— Mas cheio de contradições — afirmou Dufaux. Atribuindo a Satã a comunicação, entrou, no entanto, antes de emitir seu parecer, a falar de São Luís como se admitisse a real presença do santo. Contou-nos algumas passagens da vida do rei e, a certa altura, considerando ainda presente o Espírito, lhe dirigiu a palavra: “Vossa Majestade não poderia completar as lacunas de sua biografia, revelando- nos pormenores de certas passagens obscuras ou dando- nos mesmo alguns fatos desconhecidos? Resposta escrita: “Sim”. Pergunta: “Quando?” Resposta escrita: “Hoje, ou melhor, a partir deste momento. Seria mais uma prova talvez para os homens de boa fé que creem na minha sobrevivência”. Imaginando que o Espírito poderia confirmar ou infirmar, imediatamente, as passagens de sua vida contadas no momento, pelo Marquês, aceitei prontamente, a oferta do Espírito e, sem mesmo consultar De Mirville, pedi à governanta um caderno de papel em branco e duas canetas sobressalentes pois, ainda, usávamos ‘pena de ganso’. Ermance estava tranquila, conversando com naturalidade, mas um tanto compenetrada da importância de seu papel, embora não entendendo bem todo o alcance do que se tratava. E o Espírito escreveu, curiosamente, sem borrão nem emenda, o ‘Prefácio’ do livro que, por sugestão minha, intitulamos: *Vida de Luís IX, escrita por ele mesmo*.

— Já mandou imprimir-lo? — perguntou, curioso, Baudin.

— Sim, em 1854. Mas foi impedido de circular.

— Quem o impediu? — indagou, surpreso, Rivail.

— A Censura, respondeu Dufaux.

— A Censura?! — exclamou, espantado, Baudin.

— Sim — sustentou Dufaux. A Comissão de Imprensa considerou algumas passagens como ‘indiretas’ ao Imperador e outras como ‘desrespeito’ à Santa Sé. Não permitiu, por isso, circulasse a obra tendo como suposto autor São Luís ou Luís IX.

— Tudo isso é lastimável em plena metade do Século XIX, anunciado, pela Revolução de 89, como o ‘Século da Liberdade’! — ponderou Rivail, apreensivo pensando no risco que estava correndo ***O Livro dos Espíritos***.

— E sua filha sofreu alguma perseguição? — indagou Baudin; pensando nas suas próprias filhas.

— Negaram-lhe os sacramentos por haver recusado, na confissão, abjurar sua crença espiritualista e atribuir sua inspiração mediúnica a Satã. Isso, no começo, criou-nos uma posição incômoda na Igreja e, não sei como transpirou na Corte. A Imperatriz mostrou sua indignação a uma de nossas amigas e todo o

seu séquito espanhol desprezou-me como miserável herege. Mas, o Imperador, jamais, retirou de mim sua confiança.

— Incrível, tal situação, em nossa época! — exclamou Baudin, pensativo.

— Sua Majestade — continuou Dufaux — quis, mesmo, certo dia, conhecer Ermance e ela, diante do Imperador e de alguns nobres, recebeu, no Palácio de Fontainebleau, na própria mesa de Bonaparte, uma mensagem deste para o sobrinho, O estilo e os dizeres foram considerados compatíveis com a personalidade do nosso primeiro Napoleão. E o importante, foi que a mensagem respondia a uma consulta mental do sobrinho, ignorada naturalmente, por todos nós.

Rivail mostrou desejo de falar com Ermance. Chamada pelo pai, a menina veio sentar-se ao lado do Professor, que lhe disse:

— Mademoiseile Dufaux: Nesta hora imponente em que a Humanidade transita duma Velha para Nova Crença, cada um de nós, atendendo ao chamado da Providência, colabora na Obra Divina. A intervenção ostensiva dos Espíritos, em nosso Mundo, já começou. Um exército invisível está tomando posse dos pontos chaves, servindo-se de Enviados que, para atender à ordem do Chefe da Terra, se encarnaram com a missão de aqui e ali dar testemunho da existência dos Espíritos. Sendo uma invasão determinada pela Providência, ninguém poderá impedi-la de ganhar o terreno traçado. Ninguém, portanto, poderá sustar sua marcha, destinada fatalmente, à vitória do Plano Divino. Eis porque, as ideias espíritas, desfazendo as trevas, vêm rompendo no horizonte da Cristandade, procurando banhar de luz as consciências amadurecidas, predestinadas a inaugurar uma Nova Era religiosa, filosófica e científica. Abençoados sejam aqueles que, missionários, não se acovardarem com a Perseguição! Felicito-a, Senhorita Dufaux, por haver sabido comportar-se diante da Perseguição à altura da responsabilidade mediúnica que lhe foi destinada.

— Obrigada, Professor. Enquanto força maior não me impedir, serei médium.

— Nenhuma vontade humana, Senhorita, por mais poderosa, conseguirá obstar a produção dos fatos espíritos. Se alguma autoridade espiritual ou temporal o tentasse, cometeria um ato de estultícia. São fenômenos naturais, observados em todos os tempos e lugares, variáveis apenas na forma de manifestação. Se agora, se apresentam mais patentes é porque os tempos são outros. Com o atual intercâmbio de todos os países civilizados, de nada valeria abafar, num ponto, um fenômeno que surgiria em cem outros. Muita gente já sabe que a Mediunidade não é uma ‘doença’ como pensava o Doutor DE MALDIGNY, mas um ‘dom’. Os que virem no bom exercício da Mediunidade um



prejuízo para a saúde acabarão, mais cedo ou mais tarde, desacreditados como ele. Os que afirmarem ser um ‘dom’ diabólico ficarão também decepcionados, quando conhecerem a Filosofia dos Espíritos Superiores. Mas, se nenhuma autoridade terrena pode impedir a manifestação dos Espíritos, tanto a Medicina como a Religião podem ‘perseguir’ o Médium. Não, como na Idade Média é claro. Empregarão armas novas. Por isso o Médium precisa ter coragem e caráter para cumprir o dever. Daí minhas felicitações a Você.

— Agradecida, Professor. Desde o primeiro instante, sob a assistência de São Luís, percebi que a Mediunidade é um ‘dom’ de Deus. E compreendi, também, porque os Santos pareceram ‘loucos’ ou ‘danados’ para os seus contemporâneos. Enquanto Deus quiser Continuarei médium.

— Louvo-a, Menina. Só a Providência, que é invisível para os nossos próprios Guias, pode dar ou tirar o dom da Mediunidade. E a propósito: Além da mediunidade escrevente, possui você outra qualquer?

— Também ‘falo’ e tão facilmente quanto ‘escrevo’. A modalidade mediúnica, em mim, depende da vontade do Espírito manifestante. Uns querem falar, outros preferem escrever.

— E, alguns, falam tão velozmente — interveio Monsieur Dufaux — que só por estenografia fora possível apanhar-lhes todas as palavras. Temos perdido lindas e interessantes comunicações pela dificuldade de copiá-las na íntegra. Por esse motivo...

— É lastimável tal perda — apartou Baudin.

— Deveras — acrescentou Rivail.

— Por isso preferimos que Ermance ‘escreva’ — concluiu Dufaux.

— Na minha fraca opinião — falou Rivail — a culpa, nesse caso, distribui-se por igual ao Comunicante e ao Médium. Explico-me: Acontece com a Mediunidade o que se dá com o Sonambulismo. Assim como o Magnetizador criterioso controla o seu sonâmbulo a fim de alcançar certo objetivo, pode o Comunicante dirigir seu médium quando pretende seja aproveitado e criticado o ensino transmitido. O Médium, por sua vez, tem o dever de obstar, quanto possível, ao ‘mau uso’ do seu dom. A Mediunidade não deve ser empregada sem extremo cuidado, tanto do Médium, quanto do Comunicante.

— Exato — afirma Baudin.

— Daí — diz Rivail — a conveniência de reuniões com estes requisitos: Objetivo elevado, hora marcada e prévio convite ao Guia da sessão para comparecer ou enviar delegado que oriente o Espírito comunicante e proteja não só o instrumento mediúnico, mas também, os experimentadores. Numa palavra: Cuidado. Sem a presença dum Protetor, o primeiro a ser evocado num

trabalho sério, nenhum médium prudente deve submeter-se à vontade dum Comunicante.

— O Senhor está repetindo-nos a recomendação de São Luís, que nos aconselha, a mais, o recolhimento religioso durante a sessão. E...

Novos passos e vozes no corredor interromperam Dufaux. A senhora Rivail deu entrada, com alegria, ao viúvo Japhet e sua filha Ruth, e ao casal Roustan<sup>34</sup>. Desculpando-se, o Professor deixou por um instante sua roda e veio à saleta estender a mão aos recém-chegados. Feitas as apresentações, Roustan e Japhet se incorporaram ao grupo formado no escritório, enquanto as Senhoritas Baudin e Japhet, amigas íntimas, se afastaram para a sala de jantar. Na saleta de visitas ficaram as Senhoras. Cortesmente, apontando as mocinhas, Rivail convidou Ermance a reunir-se a elas, levando-a de braço à sala de jantar, onde disse às Senhoritas:

— A Menina Dufaux há de gostar de fazer parte desta esplêndida rodinha.

— Venha daí — disse Ruth, puxando de sob a mesa uma cadeira para Ermance.

— Esta mocinha — continuo Rivail — possui, como vocês, diversos predicados mediúnicos e grande soma de trabalhos, alguns já publicados. Recomendo-a à amizade de vocês.

E, voltando-se para Ermance:

— Aqui estão as minhas médiuns principais. Devo a elas a composição d'O Livro que hoje veio a lume.

E voltou ao escritório.

---

<sup>34</sup> Foi a 30 de abril de 1856, em casa do Sr. Roustan, pela médium Sra. Japhet, que Allan Kardec recebeu a primeira revelação da missão que tinha a desempenhar.

## 5

As quatro mocinhas, apesar de risonhas e elegantes, não eram fúteis, O trato das coisas sérias, as palestras filosóficas e morais em que tomavam parte, os conselhos dos Guias, as comunicações edificantes, a convivência com pessoas cultas e, sobretudo o adiantamento moral e intelectual que possuíam de existências anteriores faziam-nas preferirem, mesmo quando em palestras sociais ou a sós, assuntos construtivos. Nenhuma estranhou, portanto, Ermance puxar a prosa, perguntando:

— Como vocês compuseram O Livro a que acaba de referir-se o Professor Rivail?

Caroline tinha a língua mais pronta. Estava habituada a contar, em pormenores, os fatos passados em sua casa. Possuía, ainda, memória notável, gabada muita vez, e gosto pela explanação. Adiantou-se:

— Não fomos nós que compusemos O Livro, mas os Guias, o Professor Rivail e o ‘Roc’.

— Monsieur Roc está presente?

O riso amável e coletivo, em que se alteou, cristalino, o de Caroline, fez Ermance corar, acreditando ter cometido alguma gafe.

— Você vai rir-se também — disse Caroline — quando souber quem é o ‘Roc’. No começo de meu trabalho mediúnico, ou melhor, dos nossos trabalhos, pois, mamãe e Julie, também, são médiuns, usávamos a ‘Tupia’, nome de nossa Corbelha Escrevente<sup>35</sup>, e o “Roc”, apelido do lápis de pedra com que os Espíritos rabiscavam, diretamente, as respostas numa ardósia comum<sup>36</sup> e o ‘Roc’, apelido do lápis de pedra com que os Espíritos rabiscavam, diretamente, as respostas numa ardósia comum.

— Compreendo — diz Ermance, sorrindo.

<sup>35</sup> Corbelha, do francês *corbeille*. É o mesmo que Cesta de Bico ou Tupia’. Cestinho de vime, em cujo bico amarravam um lápis de pedra para escrever na ardósia, sob a ação dos Espíritos.

<sup>36</sup> Ardósia, do francês *ardoise*, é o mesmo que Lousa ou Loisa, uma lâmina de pedra portátil onde se escrevia com lápis de pedra, o "roc".

— Amarrava-se o ‘Roc’ ao bico da ‘Tupia’ e Julie ou eu, com outras pessoas consultantes, encostava alguns dedos no bordo da Corbelha. O resto era obra dos Espíritos.

— E a ‘Tupia’ começou a escrever O Livro?

Nova risada cortês das mocinhas, à qual Ermance aderiu gostosamente.

— Vou contar-lhe a história d’O Livro desde o princípio — diz Caroline. Zephyr<sup>37</sup>, nosso Espírito Familiar, no início das manifestações, riscava na ‘Tupia’ as respostas às consultas dos consulentes. Na hora das sessões, nossa casa enchia-se de curiosos, apresentados por amigos de papai. O trabalho realizava-se num ambiente de alegria, sem qualquer formalismo e dando-se entrada aos retardatários. Para evitar a fadiga, eu revezava com Julie ou mamãe. Durante a escrita na ardósia, reinava relativo silêncio. Após a leitura da resposta, feita geralmente por papai, seguiam-se os comentários, em voz alta e social, nos mais diversos tons, segundo o espanto de uns e o contentamento de outros. Zephyr gostava de pilheriar e alfinetar os consulentes antes de lhes dar conselho. Recebia os novatos com uma frase amena, a fim de deixá-los logo, à vontade. E nunca perdia o ensejo de instruir a sociedade, ainda, quando, divertia com certas respostas. Uma noite veio o Professor com Madame Rivail. Nosso Guia os recebeu amistosamente, saudando o professor com estas palavras: “Salve, caro Pontífice, três vezes salve!”. Lida, em voz alta, a saudação, todos rimos. Para nós, Zephyr estava pilheriando. Papai, então, explicou ao Professor o costume do Espírito Familiar apelidar quase todos os visitantes. O senhor Rivail não se agastou e respondeu ao Guia, sorrindo: “Minha bênção apostólica, prezado filho”. Nova risada geral. Zephyr, porém, respondeu ter feito uma saudação respeitosa, a um verdadeiro pontífice, pois Rivail, havia sido, no tempo de Júlio César, um chefe druídico. Isso fez minha família simpatizar prontamente com o Professor, visto como, também nós, segundo Zéphyr, havíamos vivido na Gália naquela mesma época e eu fui druidesa...

E riu-se com vivacidade.

— Curioso! — diz Ermance. Também eu, segundo São Luís e Joana d’Arc. Agora compreendo por que Joana certa vez me disse: “Muitos antigos Gauleses estão, no Espaço e na Terra, promovendo a reforma religiosa da França”.

— Bem interessante! — replicou Caroline. E você disse tal coisa ao Professor?

— Não. Só o conheci há alguns instantes e ignorava houvesse ele sido Gaulês. Mas, continue, agora estou mais curiosa por saber como foi escrito O Livro.

---

<sup>37</sup> Nome próprio comumente traduzido como Zéfiro — N. D.

— O Professor entrou, daí por diante, a frequentar-nos com assiduidade. Vinha às quartas e sábados. Durante as sessões, conversava pouco, observava tudo, tomava nota das respostas dadas pelos Espíritos a quem quer que fosse, quando continham, a seu ver, um ensinamento de utilidade geral. Ele, pessoalmente, não gostava de fazer perguntas. Limitava a saudar o Guia e a ouvir a leitura de suas respostas. Certa vez, porém, quebrando o hábito, indagou se lhe era possível evocar o Espírito de Sócrates. Todos esperávamos um dito chistoso de Zéphyr que zombava, delicadamente, dos evocadores de Espíritos célebres, como se estes não tivessem ocupações na Vida Espiritual.

— Ou passado para outra existência com diverso nome — intervém Ruth.

— Mas Zéphyr — continuou Caroline —, para espanto nosso respondeu: “Sim. Sócrates já tem assistido a alguns de nossos colóquios, pois você o consulta amiúde mentalmente”. Essa resposta arrancou o Professor da costumada reserva. Declarou-nos ter, de fato, pensado muita vez no filósofo grego, esperançado de obter dele a verdadeira ‘Filosofia dos Espíritos’ de elite. E perguntou a Zéphyr se tal aspiração podia ser alimentada de esperança. Eu estava com a mão na ‘Tupia’ e por força do hábito distinguia os fluídos de nosso Guia. Percebi, então, que outra entidade, de fluídos bondosos, empolgara a Corbelha e o ‘Roc’ escreveu: “A verdadeira ‘Filosofia dos Espíritos’ adiantados só poderá ser revelada ao que for digno de receber **A Verdade**. Fica Zéphyr incumbido de dizer-me oportunamente qual dentre vocês é o mais apto”. Já, então, ao ver de todos nós, o mais competente era o Professor Rivail. Entretanto, as coisas continuaram na mesma rotina semanas a fio até que um dia, mostrando-se um tanto constrangido, o Professor disse a Zéphyr: “Nas minhas meditações venho fazendo exames de consciência e necessito, para meu governo, saber se você, que me conhece de longo tempo, me julga digno da inspiração de Sócrates”. A resposta foi: “Só depende de Você”. O Professor insistiu: “Que devo fazer?”. Resposta: “O Bem e dispor-se a suportar, corajosamente, qualquer provação para defender A Verdade, ainda que precise... beber cicuta”. Demonstrando excitação, raríssima nele, voltou a indagar: “Você é franco e leal com todos. Diga-me duma vez, sem receio de melindrar-me: Acha que, com minha inteligência ‘atual’, estou apto para desvendar e compreender os mistérios do Além, caso Sócrates me queira assistir?”. Resposta: “Aptidão intelectual Você tem. Consulte a si mesmo se terá a persistência necessária para levar tal propósito até o fim”. Replicou o Professor: “E se eu a tiver?”. Resposta: “Será assistido. O empreendimento fica dependendo de Você”.

— Estava escolhido — concluiu Ruth.

— Certo dia — continuou Caroline —, antes de começar a sessão, falando-

nos da conveniência de aproveitarmos melhor os ensinamentos dos Espíritos, o Professor propôs a papai um rumo diferente aos trabalhos: A sessão seria aberta a hora certa, iniciada com prece e teria recolhimento respeitoso para merecer a presença de Espíritos adiantados.

— Que entendia ele por Espíritos ‘adiantados’? — perguntou Ermance. Anjos? Querubins? Ou filósofos?

— Você sabe que ‘Arcanjos’, ‘Serafins’... são nomes simbólicos. Considerava ‘adiantados’ os Espíritos que atingiram alto grau de perfeição moral.

— Obrigada. Queira continuar.

— Zéphyr aprovou o novo método. O Professor sugeriu ainda que, antes das consultas particulares ou intimas, fossem propostas aos Espíritos questões de ordem filosófica, religiosa e de utilidade geral. Ele se incumbiria de formular as perguntas claramente. Os Espíritos poderiam responder, se quisessem, noutra sessão. Zéphyr replicou que, se as perguntas viessem pré-formuladas por escrito, as respostas poderiam ser dadas ato contínuo. Estávamos no fim do ano, em véspera de Natal. Marcou-se, por isso, o dia 1 de janeiro de 1856 para o início do novo método. O Professor prometeu pré-formular as questões. E Zéphyr, querendo dar um exemplo da prece que devíamos fazer na abertura da sessão, escreveu uma, evocando Jesus para diretor espiritual dos trabalhos na fase nova.

— Estou colecionando preces espiritualistas — disse Ermance. Pretendo publicar um livreto. Pode dar-me uma cópia dessa?

— Tenho-a em casa às suas ordens, com muitas outras. Você escolherá as melhores. No dia 1 de janeiro a sessão foi aberta, às oito horas da noite em ponto, de portas fechadas, com uma prece feita pelo Professor, de pé, solenemente, como se fosse um padre, e de improviso. Mas as palavras não eram de nenhuma reza eclesiástica nossa conhecida nem aquela ditada por Zéphyr. Este saudou a todos amistosamente e anunciou- nos o comparecimento de vários Espíritos superiores, citando- lhes os nomes com deferência, isto é, um abaixo de outro, destacadamente.

— Lembra-se de alguns?

— Santo Agostinho, S. João Evangelista, São Vicente de Paulo...

— Diversos santos, enfim — interrompeu Ermance.

— Também Sócrates, Fénelon, Swedenborg, Hahnemann...

— E O Livro principiou a ser escrito... — insinuou Ermance.

— Não sabíamos a essa altura coisa nenhuma a respeito. Sendo o Senhor Rivail Mestre-escola e falando-nos várias vezes dum curso, supusemos desejasse transformar as sessões em aulas para um aprendizado metódico. Muitos consulentes, que só vinham aos Espíritos para lhes perguntar tolices sobre casos



domésticos, desconfiando da nova orientação, não voltaram mais. Ficaram, porém, alguns mais dispostos a aprender, satisfeitos com o sistema novo. E assim, duas vezes por semana, às quartas e sábados, mantivemos sessões importantes de perguntas e respostas sobre temas elevados, propostos pelo Professor e resolvidos por Espíritos superiores.

— Muito curioso o sistema — concordou Ermance. E assim...

— Espere, querida. Uns três meses depois de inaugurado esse curso, quando já era grande a cópia de ensinamentos, o Guia espiritual do Professor manifestou-se, pela primeira vez entre nós, dizendo que, na véspera, à noite, havia dado ao Professor, aqui nesta casa, sinais percucientes na parede com o intuito de impedi-lo de escrever certo erro na obra em elaboração.

— O Professor escrevia a obra durante as sessões?

— Não, Ermance. Escrevia aqui, em casa dele, com todo o sigilo. Só então é que soubemos não se limitar o Professor Rivail, como nos parecia, a colecionar ensinamentos para uso privativo, mas escrevia uma obra a respeito do espiritualismo e sob a vigilância invisível de seu Guia.

— De Sócrates — completou Ermance.

— Não. Do Espírito Verdade.

— Espírito Verdade? Curioso! — exclama Ermance. São Luís disse-me ter por Chefe o Espírito Verdade. Será o mesmo?

— Talvez. Espírito Verdade deve ser um só.

— Mas, Caroline, Você não me falou há pouco ser Sócrates o Guia do Senhor Rivail?

— Não. Disse-lhe que o Professor o ‘evocava’ mentalmente e ‘desejava’ a assistência dele para ‘desvendar’ a verdadeira ‘Filosofia dos Espíritos’. Não falei porém que o filósofo grego era seu Guia. O Gênio Protetor do Professor Rivail, chama-se Espírito Verdade.

— Mas você, Caroline, não percebe o simbolismo da expressão ‘Espírito Verdade’? Para mim São Luís se refere a uma Entidade oculta sob o véu dum símbolo. Símbolo, aliás, que cabe perfeitamente a Sócrates.

— Quando ainda novato em nossas sessões — replicou Caroline — o Professor um dia quis saber se, como nós outros também ele tinha um Gênio Protetor. Zéphyr, respondendo afirmativamente, acrescentou, em resposta a outra indagação do Senhor Rivail: “Seu Gênio foi na Terra um homem justo e sábio”.

— Pois então! — exclama Ermance. Sócrates foi um homem justo e sábio.

— De acordo. Mas...

— E "amigo da Verdade" — insistiu Ermance, com ares triunfantes.

— Mas Jesus? — contrapõe Caroline. Não foi o mais justo e sábio dos homens? Não foi a própria Verdade?

— Sim, mas Jesus era Deus — sustentou Ermance. E, como homem, foi o ‘mais’ sábio, o ‘mais’ justo, você mesmo acabou de dizê-lo, e não ‘um justo e sábio’ como alguns outros homens.

— Deus é a ‘Causa Primeira’, a ‘Inteligência Suprema’ — replicou professoralmente Caroline. Os Espíritos superiores ensinam ser Jesus um Espírito bem superior, não porém a ‘Causa Primeira’. Sem discutir esse ponto, que é de Fé, pergunto-lhe: Se o Guia do professor foi ‘um homem justo e sábio’, que homem o Professor supõe haja sido o Espírito Verdade? — questionou Ermance.

— Se ele o sabe, nunca o disse a nós. Creio, porém, que o não sabe. Quando pela primeira vez falou com o Guia em nossa casa, o Professor perguntou ao Espírito se havia animado alguma personagem conhecida na Terra. E o Gênio respondeu-lhe: “Já lhe disse que, para você, sou A Verdade. Este ‘para Você’ implica ‘discrição’. De mim não saberá mais nada a respeito”.

— Para nós — intervém Julie —, o Espírito Verdade não é Sócrates, pois este, quando se manifesta, declina o nome ou é anunciado por Zéphyr.

— Para mim — opinou Ruth — é Jesus.

— Pode ser — apoiou Ermance. Só assim poderia ser Chefe espiritual de São Luís.

— Respeitemos o sigilo imposto pelo próprio Espírito — ponderou Caroline. Ir além seria imprudente. Essa questão de identidade foi objeto de exame em nossas reuniões, e Zéphyr limitou-se a pedir-nos decorássemos a afirmativa de Sócrates que já lhe citei e vou repetir: “A verdadeira ‘Filosofia dos Espíritos’ só poderá ser revelada ao que for digno de receber A Verdade”.

— E você, Ermance? — perguntou Caroline para mudar o rumo da conversa — Mediuniza em algum Grupo?

— Sim, para nosso Grupo familiar, em Fontainebleau. Nosso sistema é, porém, outro. Abrimos a sessão, como vocês, a uma hora certa, cinco horas da tarde, um dia sim outro não. Nossos familiares e algumas pessoas amigas ou convidadas ficam em torno da mesa da biblioteca onde nos fechamos. Não fazemos, preces em voz alta. Eu oro no coração, pensando em São Luís, em Joana d’Arc e noutros Espíritos de nossa convivência. Quando sinto a presença do Espírito São Luís, que dirige a sessão, pego da pena e, sem nenhuma interferência física ou mental minha, o Guia escreve rápida e continuamente o comunicado do dia e passa a caneta ao Espírito que está ditando autobiografia ou compondo uma narrativa qualquer.

— Também eu — diz Caroline — trabalho automaticamente sem colaborar no assunto que escrevo nem intervir no movimento do lápis. Há cerca dum ano, Julie e eu, passamos, a conselho do Professor, a usar mais a mão que a Tupia.

— Se me acontece cansar um pouco ou romper a pena, que é de pato, o Espírito suspende o ditado, por alguns minutos e, então, os assistentes palestram com naturalidade sobre temas espirituais. Uma vez reanimada ou substituída a pluma, prossigo sob silêncio geral. Findo o capítulo, o Espírito escrevente faz a revisão.

— Conosco a revisão se dá mais tarde e por outro médium — aparteia Julie.

— Comigo, imediatamente, após a conclusão dum capítulo ou do ditado. E pelo próprio comunicante, sem que, para isso, eu precise ler o manuscrito. O Espírito diz-me à surdina: “Página tal, linha tal, uma obscuridade. Acrescente aí, depois da palavra ‘x’, o seguinte, etc.” Ou então: “No período tal, de folhas tantas, substitua ‘x’ por ‘z.’” Não raro, ele mesmo, sem me dar qualquer aviso, vira páginas atrás e executa correção à minha revelia. Meu trabalho é absolutamente mecânico.

— Também o meu — diz Ruth. Tenho até dificuldade em seguir o enredo quando escrevo.

— Não uso nunca a minha cabeça — continua Ermance —, embora possa, querendo, acompanhar o enredo à medida que escrevo. Prefiro, porém, conhecer o assunto depois de ultimado o capítulo ou finda a narrativa, e o faço lendo o ditado em voz alta para ciência de todos.

— Habituei-me a deixar os outros lerem o que mediunizo, e, quase sempre, é papai quem faz a leitura — falou Caroline.

— Vocês já leram meu livro ‘Joana d’Arc’?

— Ainda não — disse Caroline.

— Nem eu — acrescentou Ruth.

— É um romance? — perguntou Julie.

É a autobiografia da heroína. Escrevi-a em quinze sessões seguidas quando eu tinha 14 anos. Faço empenho de ter a opinião de vocês. Vou enviar um exemplar autografado a cada uma como lembrança deste nosso encontro.

— Obrigada — respondeu Caroline. Quero conhecer a verdadeira história de Joana d’Arc.

— Também eu — diz Julie. Tenho imensa simpatia pela Virgem de Domremy.

— Muito grata, desde já, pela sua fineza — responde Ruth.

— Mas — continua Ermance —, já palestramos um bocado e vocês ainda

não tiveram ensejo de dizer-me ‘de que maneira’ o Senhor Rivail escreveu O Livro hoje publicado.

— Explique-lhe você — diz Ruth a Caroline. Não levem a mal minha Curiosidade — justifica-se Ermance. Como médium ‘escrevente’, com algumas obras a publicar, tenho íntimo interesse em conhecer a técnica dum grande literato como o Professor.

— Vou explicar-lhe — responde Caroline.

— Antes de tudo: Também ele é médium ‘escrevente’? — pergunta Ermance.

— Não — replicaram, ao mesmo tempo, as três.

— Zéphyr informou-nos — continuou Caroline — ser o Professor apenas médium ‘inspirado’. E explicou-nos uma vez, em resposta à consulta duma dama de nosso Grupo, o modo pelo qual se opera a ‘inspiração’ no Senhor Rivail. Decorei até suas palavras.

— Como, por favor?

— Reproduzo-lhe as palavras de Zéphyr “Recebe mentalmente a ideia enviada por um de nós num raio de luz: digere-a na consciência, filtra-a pela razão e emite o resultado como pensamento pessoal, vestido à sua moda literária”.

— Ele sabe disso? — interroga Ermance.

— Sim, conhece as palavras de Zéphyr — afirma Caroline. Mas tem, não raro, dúvida se algumas ideias lhe chegam por ‘inspiração’ ou resultam de velhos conhecimentos ‘próprios’, adquiridos nesta ou em existência anterior e atualizados pela meditação. Por isso, querendo distinguir o que é realmente dele, submete as duvidosas ao exame dos Espíritos, recorrendo ao meio mecânico.

— Não sei bem o que você chama de ‘meio mecânico’ — indaga Ermance.

— Ele pergunta aos Espíritos por meu intermédio ou de Julie ou de Ruth ou de outros médiuns, que trabalhamos manualmente. Se o informe é dado por mim, manualmente, vai à casa de Ruth e busca nova informação pela Tupia. Se, oralmente, pela Ruth, roga-me empregar a Corbelha. Procura, enfim, afastar o mais possível a interferência do mental mediúnico.<sup>38</sup>

— Não sei se minha curiosidade já está passando a linha da indiscrição — diz Ermance. Advirtam-me, por favor, de qualquer excesso. Estou apenas tentando esclarecer-me.

— Externe-se à vontade. Você jamais será indiscreta — responde Caroline.

— Para não divagarmos em pormenores, vou diretamente ao ponto que

---

<sup>38</sup> A respeito da interferência do mental mediúnico *O Livro dos Médiuns*, em seu capítulo XIX, sob o título *Do Papel dos Médiuns nas Comunicações Espíritas*, trata da questão.

mais me espicaça a curiosidade. A Senhora De Plainemaison disse-nos que o Professor Rivail havia lançado, hoje, um tratado de Espiritualismo, disciplinando a questão dos Espíritos e, para comemorar o lançamento, reunia aqui os que colaboraram com ele, entre os quais ela.

— Assim é de fato — sustenta Caroline.

— No entanto, apresentando-me a vocês, o Professor disse-me há pouco dever-lhes a composição d'O Livro.

— Exato.

— Vocês, porém, me contam que ele propunha aos Espíritos questões e colecionava as respostas. Estou meio confusa. Pergunto-lhes. O tratado publicado é do Professor, de Vocês ou tão somente dos Espíritos?

— Você ainda não viu O Livro?

— Ainda não.

— Vou buscá-lo.

Desembaraçada, como se em sua própria casa, Caroline dirigiu-se ao escritório.

\* \* \*

Na ausência de Caroline Ermance diz às companheiras:

— Não sei que juízo Caroline e vocês estarão fazendo de minha quase bisbilhotice. Mas, creia-me: Não estou agindo de moto próprio. Sinto, perto de nós, toda uma multidão invisível, atenta ao que dizemos e desejosa de pormenores. Como médium, interpreto esse anelo dos Espíritos Ouvintes.

— Você está dando a nós, mais do que imagina, um momento de elevado prazer — responde Ruth. Também eu, estou sentindo a 'presença' de Invisíveis interessados em nossa palestra. E 'vi' ao lado de Ermance o 'sinal luminoso' que a assiste quando 'interpreta' o pensamento do Guia.

— Estamos, talvez, em plena sessão — acrescenta Julie circunspectamente. Suas perguntas não nos importunam, mostram a nossa responsabilidade, como médiuns.

— Mas estou fatigando Caroline — objeta Ermance.

— Ao contrário — replica Julie. Caroline está em seu elemento predileto quando fala desse trabalho do Professor Rivail, em que ela tomou parte muito ativa, com Ruth. Nem o noivo ciumento conseguiu modificar-lhe o entusiasmo pela tarefa que os Espíritos a ela confiaram. Por amor a O Livro sacrificou tudo: Estudos, divertimentos, afazeres domésticos, o próprio noivado.

— Também eu vivo empolgada — diz Ermance. Quando chega a hora de

mediunizar sou dominada por alegria indizível. Por mim, escreveria dia e noite sob o influxo dos Espíritos bons. Mas São Luís me interditou de trabalhar sozinha, fora das horas marcadas.

— Não me atrevo, também, a escrever a sós — diz Ruth —, embora não esteja interdita pelo Guia. Tive uma lição inesquecível certa vez em que, desejando mandar uma carta ‘bonita’ a uma amiguinha aniversariante, apelei para um Espírito cujas poesias eram afamadas.

— Não foi atendida? — perguntou Ermance com sincera ingenuidade.

— Sim, fui. Recebi duas quadras, mas só ao fim do último verso percebi quão indignas duma espiritualista. Ainda agora, me enrubesço ao recordar-me do incidente. Javary, um dos Guias de nossas sessões, de caráter político, ouvido por mim mais tarde sobre o infeliz estado do poeta, advertiu-me do perigo para um médium de ficar obsedado por um Espírito atrasado quando a ele se liga mentalmente pelas mesmas ideias ou sentimentalmente pelas mesmas emoções.

— Explico-lhe — intervém Julie falando a Ermance. Ruth é de temperamento romântico e vibra com o Romantismo. Tornar-se-ia presa fácil dessa corrente literária como médium, desviando-se do rumo traçado pelo Espírito Verdade.

— Compreendi, perfeitamente — responde Ermance. Nome estranho, esse, ‘Javary’! Pseudônimo como Zéphyr?

— Sim. É o pseudônimo dum Espírito que, na última encarnação, foi íncola americano. Veio à França, especialmente, segundo nos disse, para ligar o "Magnetismo" francês ao Espiritualismo americano, a pedido de Benjamin Franklin. Ele nos informou ter inspirado Napoleão em 1803 a ceder nossa ‘Louisiane’ aos Estados Unidos. E que, antes de nascer em ‘Nouvelle-Orléans’, mestiço de Francês e Índia Vermelha, foi... um de nossos afamados guerreiros. Tomou esse nome, acrescentou-nos ele, para humilhar-se e penitenciar-se de seus erros políticos, pois ‘Javary’ é nome dum porco selvagem, nas margens do Mississipi.<sup>39</sup>

\* \* \*

Caroline voltou risonha com O Livro e, sentando-se ao lado de Ermance, abriu-o sobre a mesa, dizendo à amiguinha:

— Aqui está O Livro. Não vou representar o papel de crítico, mas repetir-lhe a crítica feita algumas vezes pelo Professor durante os últimos retoques da

---

<sup>39</sup> É possível que um homem da raça civilizada reencarne, por expiação, numa raça de selvagens. Ver questão 273 de *O Livro dos Espíritos*. A *Revista Espírita* de abril de 1859 transcreve um trabalho a respeito, que, aliás, fundamenta a referida questão 273.



obra. Veja, primeiramente, esta ‘Introdução’.

Ermance pegou do volume e, como escolar em exame, leu o título e as primeiras linhas até o fim da página. Ao virar a folha, foi interrompida pela mão delicada de Caroline posta sobre O Livro.

— Basta, querida. Pelo que você acaba de ler já está apta a responder-me com pleno conhecimento da questão. Diga-me: a quem atribui esta ‘Introdução’, ao Senhor Rivail ou aos Espíritos?

— Com licença — diz Ermance, levantando delicadamente a mão da companheira de sobre a página voltada. Queira deixar-me examinar melhor.

Retornando à inspeção da obra, leu uma linha aqui, outra acolá, folheou O Livro, página por página, até o fim da ‘Introdução’, demorando-se um instante onde encontrava aspas. E, convicta de poder revidar com exata ciência do assunto, falou afinal:

— Para mim é um trabalho pessoal do Professor Rivail.

— No entretanto — replicou Caroline —, este longo prefácio foi totalmente ‘inspirado’, ideia por ideia, e, em alguns pontos, onde prevalecia a opinião pessoal do Senhor Rivail, ‘corrigido’ pelos Espíritos, quando a leitura pré-final foi feita em sessão especialmente realizada para o exame dessa parte ‘introdutória’.

— Estou compreendendo — diz Ermance.

— Olhe agora, por favor, estes "Prolegômenos", escritos antes da "Introdução" — falou Caroline, apontando, com o dedinho, uma página encimada pelo clichê duma cepa de videira.

Enquanto Ermance inspecionava a primeira página, Caroline a foi advertindo:

— Como vê, tem mais palavras dos Espíritos, entre aspas, que do Autor. Mas, a própria parte do Autor, que está sem aspas, foi-lhe "inspirada".

E virando a folha:

— Leia esta "Nota".

Ermance leu, em voz alta, onde o indicador de Caroline pousara:

Os princípios contidos neste livro resultam, ou de "respostas" feitas pelos Espíritos às "questões" diretas a eles propostas pelo autor, ou de "instruções" dadas por eles, independentemente de pergunta quando versarem o assunto em comunicações "espontâneas".

O conjunto foi "coordenado" pelo autor de maneira a poder a obra apresentar um todo metódico e uniforme. Mas só depois de revisto, vezes sucessivas, e corrigido pelos Guias, que o inspiraram no fundo e na forma, é que *O Livro dos Espíritos* foi entregue à publicidade.

— Compreende melhor? — indaga Caroline.

— Creio que sim.

— Repare agora, por favor, no contexto — acrescenta Caroline, virando duas páginas. Na primeira coluna, as "perguntas" e as "respostas"; na segunda página os "comentários" do Professor Rivail.

— Estou vendo: Dum lado, a obra dos Espíritos; de outro, a do Professor.

— Você ficou, porém, sabendo pela "Nota" que tanto as questões da primeira quanto os comentários da segunda coluna resultaram dos ensinamentos dos Espíritos e não das elucubrações do Senhor Rivail. Quero dizer, provieram de ensinamentos "diretos" quando transcritos, entre aspas, na primeira coluna, e de "instruções" dadas em outras oportunidades sobre o mesmo tema, quando postos, na segunda coluna, sem aspas, em redação própria do Autor.

— Isso está límpido.

— Ficou igualmente sabedora, de que a obra toda, no fundo e na forma, foi "revista" e "corrigida" pelos próprios Espíritos que a inspiraram.

— Sim.

— A revista e a corrigenda — aduziu Julie — foram, em grande parte, realizadas através da mediunidade de Ruth, em casa do Senhor Japhet.

— Quase de ponta a ponta — acrescenta Ruth — e em sessões especiais.

— Exato — afirmou Caroline.

E, virando as páginas até o título "Leis Morais", continuou:

— Agora, daqui por diante, Você encontra, quer na primeira quer na segunda coluna, "perguntas" e "respostas", com os comentários do Autor embaixo de cada questão.

Ermance deitou a vista curiosa sobre a página indicada e contendo no topo o título: Segundo Livro.

— Percebeu a diferença? — perguntou-lhe Caroline.

— Percebi. Contudo não compreendi a razão.

— Encontrá-la-á nesta "Nota" do rodapé.

E apontou-a. Ermance leu-a:

A partir daqui é imposta certa modificação ao dispositivo material desta obra: Doravante as duas colunas fazem sequencia uma a outra, deixando de existir o que as distinguia na primeira parte. Como, precedentemente, as perguntas, sem aspas, são de imediato seguidas pelas respostas, entre aspas. O que vem, após destas, não é, propriamente falando, um comentário do autor, mas um desdobramento da resposta antecedente, emanado dos próprios Espíritos, redigido em forma sucinta, com o propósito de evitar-se o repisamento de frases ou palavras contidas na anterior resposta. Embora não textual, esse desdobramento contém a essência das lições dos Espíritos e foi 'revisto', algumas vezes 'corrigido' e, em redação final, aprovado por eles.

São, portanto, apesar da aparência, pensamentos **dos Espíritos** e não **do autor**, emitidos em épocas diversas durante nossas reuniões e aproveitados como aditamento.

— Isto quer dizer — continuou Caroline — que o conteúdo d'O Livro é, integralmente, **dos Espíritos**, como o Professor Rivail sustenta, lealmente, pois os Espíritos o "homologaram", no fundo e na forma.

— Que quer dizer 'homologar'? — perguntou Ermance. Caroline hesitou um instante, mas disse:

— A palavra "saiu-me" naturalmente. Nunca a usei antes.

— Acabam de dizer-me o que é — acode Ermance. Significa "aprovar".

— Melhor seria dizer — ponderou Ruth — que a obra é a "resultante" de mútuo entendimento intelectual entre os Espíritos e o Professor Rivail, com recíproca aprovação ou homologação.

— Talvez seja melhor — replica sorrindo, Caroline. Cinjo-me, porém, como você o sabe, estritamente, às afirmações do Senhor Rivail e dos Espíritos.

— O fato — diz Ermance — é que não se trata dum livro 'igual' aos meus, isto é, ditado inteiramente pelos Espíritos.

— 'Ditado', como na escola entendemos o termo, O Livro não foi. "Copiado" em parte e "inspirado" no resto sim — sustenta Caroline.

— Outra diferença ainda, fala Ermance: Nos meus trabalhos há um só autor para cada obra; n'O Livro, vários.

— Divirjo em parte — diz Ruth. A autoria d'O Livro é do Senhor Rivail. A colaboração dos Espíritos não lhe tira a qualidade de autor. Tanto mais quanto o Professor, na realidade, só introduziu na obra os ensinamentos que julgou "bons" e, a seu turno "aprovou". Por isso falei em "resultante de mútuo entendimento".

— Neste ponto, Ruth está com toda a razão — concorda Caroline. De fato, o Senhor Rivail recusou muitas lições.

— Recusou muitas lições?! — repetiu Ermance, admirada.

— Sim, afirmou Caroline. Ele discutia com os Espíritos como se fossem homens.

— Não raro como se fossem "discípulos" — acrescentou Ruth.

— É de espantar! — exclama Ermance.

— Argumentava com eles — continua Caroline —, analisava-lhes os ensinamentos, portava-se, na verdade, não como aprendiz mas como examinador severo. Nada aceitava que não estivesse conforme a Razão.

— E a razão dele era muita vez mais esclarecida do que a dos Espíritos, opinou Julie.

— Repelia tudo que lhe parecesse "artigo de Fé" — prosseguiu Caroline.

Punha de lado qualquer ensino de caráter científico.

— Científico?! — interroga Ermance surpresa.

— Sim — afirmou Caroline. Para ele, a missão atual dos Espíritos não é revelar assuntos científicos, mas, exclusivamente morais. Os Espíritos que insistiam nesses temas, eram barrados como atrasados.

— E ousava dizer-lhes isso? — pergunta Ermance, cada vez mais atônita.

— Falava com humildade, polidamente, sem arrogância, discutindo, tentando convencer ou ficar convencido. Quando, após uma discussão magistral, julgava lógica a contenda dos Espíritos, dizia-lhes, rendendo as armas: “É racional. Aceito”. Quando a resposta lhe parecia obscura e a tréplica a sustentava sem maior esclarecimento, falava: “Vou meditar sobre este ponto. Voltaremos a ele noutra oportunidade”. Ou, quando lhe parecia inaceitável, seja em virtude de contradição, seja por demasiado opinativa, aconselhava: “Vamos ponderar algum tempo a respeito. Ouvirei outros Espíritos. Debateremos a dificuldade”. Se, porém, o ensino, por este ou aquele motivo de ordem moral, não lhe parecia plausível, afirmava sem ofender: “Esta lição parece-me inviável.” E desta forma aceitava ou recusava ou removia os ensinamentos.

— Mas o que vocês me estão dizendo é impressionante!

— Nas sugestões mais sérias — continuou Caroline —, quando surgia um impasse, evocava-se o Espírito Verdade. E este, muita vez deu razão ao Senhor Rivail.

— Isso prova que o Professor é médium inspirado — diz Julie.

— Tudo isso me atordoa, juro-lhes! — afirmou Ermance. E faz lembrar-me, que, segundo Joana d’Arc e São Luís, os Gauleses de outrora não estão só no Espaço mas também na Terra, encarnados, a promover a reforma religiosa da França.

— Do Mundo — intervém Ruth.

— A França iluminará o Mundo — sentenciou Julie.

Mirando as companheiras, que lhe replicavam com unânime entusiasmo, Ermance perguntou-lhes:

— Vocês todas foram Gaulesas?

— Menos eu — respondeu Ruth.

— Menos Ruth — confirmou Julie. Ela foi Hebreia no Egito, Judia em Canaã, Síria na Palestina, Moura em Portugal... Mas agora, é Francesa e cristã.

— Note esta curiosidade — acrescentou Caroline: No Grupo onde Ruth é médium quase todos os membros principais são antigos Semitas, de longo tempo convertidos ao Cristianismo; em nosso Grupo as principais figuras foram Gaulesas e passaram muito cedo do druidismo para a Religião Cristã.

— Realmente, curioso! — concordou Ermance.

E, voltando-se para Ruth:

— Você possui, de fato, uns traços marcantes de Oriental.

— Muita gente me julga Síria ou Árabe por meus traços e nome. Minha família descende, remotamente, de Mouros portugueses convertidos, há séculos, ao Cristianismo.

— Traços orientais que a tornam linda! — interveio Julie, abraçando e mirando, carinhosamente, Ruth.

— Formosa — acrescentou, lisonjeira, Ermance. Com esses olhos grandes e negros, essa espessa cabeleira ebúrnea e essa tez amorenada e pálida, Ruth lembra-me uma princesa das ‘Mil e uma Noites’...

— Quanta perversidade! Você está realçando, justamente, meus traços mais feios, que me afastam do comum das Francesas.

— Você sabe que é bela e impressionante — ajuntou Caroline. E tem, ainda, um belo talento e um generoso coração.

E, para Ermance:

— Ruth, como já lhe disse, foi também médium do senhor Rivail. Ela se incumbiu, em parte, de medianizar a revisão d’O Livro dos Espíritos.

— E médium há muito tempo? — indagou Ermance.

— Desde pequenina, mas só por volta dos doze anos comecei a distinguir a realidade deste mundo e a do outro. Eu as confundia na infância.

— Eu queria saber se vem trabalhando há muito tempo como médium.

— Sim, há seis anos.

— Há tanto tempo? Desde antes do espiritualismo vir à França?

— Sim. Vou dizer-lhe como. Tendo caído um dia em sonambulismo, o Senhor Roustan foi chamado como Magnetizador para me curar. Então, instrui-me a respeito das forças ocultas, deixando-me com a certeza de que as minhas visões eram realidade. E ficou amigo de nossa família, procurando-me de vez em quando para me exercitar em clarividência. E assim, caminhei até os quatorze anos. Com essa idade, passei a médium. Isso já faz seis anos.

— Portanto, antes de surgir entre nós o espiritualismo. Como aconteceu isto? — insistiu Ermance.

— Foi assim: Um dia, o Senhor Roustan convidou meu pai e a mim para um novo sistema, então chamado Magnetismo Americano. Disse-nos ser necessário para o ensaio, um grupo de doze pessoas: Seis positivas e seis negativas. Segundo o Senhor Roustan meu pai era positivo e eu negativa. A primeira reunião deu-se num palácio maravilhoso, em Vincennes, onde morava o Conde D’Ourche. Lá encontramos algumas pessoas de cerimônia, muito gentis. Eu era a

única ‘criança’ entre tanta gente adulta.

— Em que constituiu a experiência?

— Em produzirem-se ruídos estranhos nos móveis e nas paredes, e percussões fortes na mesa que rodeávamos e cobríamos com uma cadeia de mãos.

— Como!? Já àquele tempo se trabalhava com a ‘Mesa’?

— Já àquele tempo. Segundo eu soube, éramos os primeiros na França.

— Pioneiros! — afirma Julie.

— Quando aqui os jornais anunciaram, em 1853, a ‘Mesa Rotante’, como grande novidade, nós já conhecíamos o espiritualismo americano, havia dois anos.

— Conte-me tudo, Ruth. Isso é maravilhoso! Num castelo em Vincennes! No meio de nobres, pois não? Quais os componentes do Grupo?

— O Conde e a Condessa D’Ourche donos da casa; o Barão De Guldenstubbé<sup>40</sup> e sua irmã, Sônia; o Senhor De Lagia e Senhora; O Senhor Barão Tiedeman<sup>41</sup>; o Senhor Roustan e a Senhora; Madame D’Aibnour, meu pai e eu.

— E você foi a médium?

— Não. A Senhora D’Abnour, que havia estado na América, foi a principal agente. O êxito da primeira reunião animou a segunda, no dia seguinte. Ao cabo de quatro sessões obtivemos estalos, dentro da madeira da Mesa, que respondia *sim* ou *não*, convencionadamente, às nossas perguntas, manifestando inteligência e poder divinatório.

— E disseram, logo, que eram Espíritos?

— Sim, pedindo-nos toda reserva a respeito, a fim de não se confundir o Magnetismo Americano com o Magnetismo Espiritualista, que, também, tratava com os Espíritos.

— As sessões se faziam sempre com doze pessoas?

— A princípio. Mas, perguntado a respeito do número mínimo necessário à produção do fenômeno, o Espírito informou ser a cifra indiferente, convindo, no mínimo três, caso em que duas deviam ser positivas e uma negativa. Então, o Senhor Roustan resolveu tentar, em minha casa, uma experiência com cinco ou seis pessoas íntimas. E o resultado foi ótimo. O Barão De Guldenstubbé chegou a dizer que o êxito fora maior. Viu-se aí, que eu era capaz de mediunizar tão bem

---

<sup>40</sup> De Guldenstubbé (Baron Louis) publicou, entre outras obras, *Pneumatologie Positive et Expérimentale: La réalité des esprits et le phénomène merveilleux de leur écriture directe démontrées* (Paris, 7 Franck, 1857), obra que, mais que um tratado de Espiritismo, é uma completa e ricamente documentada história desses fenômenos. Ela integrou a coleção de obras espíritas que, no dia 9 de outubro de 1861, foi objeto do Auto-de-Fé em Barcelona, Espanha.

<sup>41</sup> Para editar a *Revista Espírita* Kardec, que dispunha de pouco dinheiro, apelou ao Barão Tiedeman, amigo seu e dos espíritas, mas este se mostrou reticente (André Moreil, *Vida e Obra de Allan Kardec*, Edicel, SP, pág. 70).



quanto Madame D'Abnour. Entusiasmado com o sucesso, o Senhor Roustan fez uma comunicação à Sociedade Magnetológica e outra à Sociedade Mesmeriana, oferecendo-se para uma demonstração, a portas fechadas. Mas, nem uma, nem outra, o levaram a sério. No meio magnético, em geral, tinham-no em conta de místico, tal como a Cahagnet<sup>42</sup>, do qual ele era seu amigo íntimo.

— Meu pai adquiriu os livros do Senhor Cahagnet — informou Ermance.

— O *Journal du Magnétisme* — continuou Ruth —, embora sabendo do que se passava na América, recusou-se a publicar a notícia de nossas primeiras experiências, feitas numa época em que, ninguém ainda conhecia na França o espiritualismo americano, senão, talvez, de nome.

— Papai ficará encantado de ouvir essa história, Ruth. Você há de honrar-nos com sua visita. Faço, igualmente, questão de receber Caroline e Julie.

— Obrigada — diz Ruth. Irei, com prazer, quando meu pai puder acompanhar-me.

— Muito grata — disse Caroline. Gosto imenso de Fontainebleau, onde tenho uma colega de escola. Agora, conto lá, com duas amigas.

— Obrigada — falou Julie. Combinaremos uma visita de nós três.

E, desde então, Ruth, Você vem trabalhando para o espiritualismo? — continuou Ermance.

— Sim, ininterruptamente. Continuei a trabalhar, não só como sonâmbula nas sessões de Magnetismo Curador, dirigida pelo Senhor Roustan, mas ainda, como médium nas sessões de espiritualismo. Ultimamente, por interferência do Senhor Rivail, as duas sessões se confundiram numa só espécie. A diferença é que numa sou médium 'falante', noutra, 'escrevente'.

— E muita gente a conhecia, há tanto tempo, como médium?

Nossas sessões se realizavam com muita reserva, ora em casa do Senhor Roustan, nesta rua, ali em frente, ora em minha casa, Rua Tiquetonne, 14, onde me ufanarei de receber sua visita e de sua família.

— Obrigada. Iremos. Vocês faziam, então, sessões 'secretas'? Por quê? Medo do Clero?

— Por prudência. Muita gente supunha que o Sonambulismo era uma arte diabólica. Não gostávamos de passar por feiticeiros. Mas quando, em começo de 1853, a 'Mesa Rotante' invadiu a França como grande novidade americana, o nosso Grupo, já conhecido de numerosos Magnetistas, abriu sua porta a qualquer experimentador bem intencionado, servindo eu de médium. Como vê,

---

<sup>42</sup> Cahagnet (Louis Alphonse) nascido em Caen (1805) e falecido em Argenteuil (1885). Foi um adepto ardente do Espiritualismo, do magnetismo e da religião de Swedenborg. As suas obras filosóficas e doutrinárias são numerosas. *Arcanes de la vie future dévoilés* (*Arcanos da Vida Futura Desvelados*), editada em 1848-1854, em 3 volumes, hoje, rara, é encontrada no Museu do Livro Espírita do Lar da Família Universal.

estou ligada à Causa há cerca de seis anos.

— Desde o princípio do Movimento Espiritualista na França — completou Julie. Você foi uma pioneira!

— E o Senhor Rivail? — indagou Ermance. Foi também um Pioneiro?

— Não — respondeu Caroline. Começou a estudar o espiritualismo há menos de dois anos. Estreou, como curioso, em casa de Madame De Plainemaison, onde conheceu meu pai e a mim. Passou depois a frequentar nossas sessões e as de Ruth.

— Em minha casa — diz Ruth — ele apareceu no começo do ano passado. Veio com o Senhor Leclerc, o "Brasileiro". Discreto e atencioso, pareceu-nos um curioso comum, apesar das informações confidenciais do Brasileiro. Alguns dias depois, perguntou ao nosso Guia Javary se lhe permitia, antes da consultação geral, propor a diferentes Espíritos certas questões de natureza filosófica. A resposta de Javary foi afirmativa. A partir da sessão seguinte, o Professor entrou com suas perguntas, que trazia escritas num caderno e eram duma clareza incomparável.

— Tal como fazia em minha casa — aparteou Caroline.

— Logo às primeiras — prosseguiu Ruth —, Javary declarou-se, pessoalmente inabilitado para respondê-las: Eram demasiado elevadas para ele. O Guia sugeriu então, se fizessem sessões especiais, com pequeno número de assistentes, às quais prometeu trazer Espíritos teólogos e filósofos, individualmente convidados. O Professor ficou satisfeito com a proposta. Mas eu estava sobrecarregada de compromissos. Além dos estudos em meu curso normal e dos serviços caseiros — pois sou a dona de casa desde que mamãe morreu — tinha duas sessões por semana que iam às vezes além da meia noite.

— Ruth não tem vagar para distrações — afirmou Julie.

— Contudo — continuou Ruth —, e apesar de meramente corteses naquele tempo, minhas relações com o casal Rivail, eu me sentia, quando meditava a sós, estranhamente atraída pela inteligência e o plano do Professor, e tinha grande simpatia por Gabi que, desde nosso primeiro encontro, me chamou de "filha" e me quer maternalmente. Concordei de pronto em prestar-lhes meu pequeno concurso, combinando com eles dia e hora para as sessões especiais.

— Que se tornaram depois as mais importantes — aduziu Caroline.

— Foi então — arrematou Ruth —, que comecei a conhecer em seus capítulos principais O Livro hoje publicado. E a instruir-me sobre a verdadeira finalidade do espiritualismo Compareciam às nossas sessões particulares, prolongadas algumas vezes até madrugada, Espíritos de elevada cultura e santidade, que reviram ponto por ponto o trabalho do Senhor Rivail desde a

Introdução até a Conclusão.

— E mantiveram debates admiráveis, como tive oportunidade de presenciar — informou Caroline.

— E Sócrates comparecia? — perguntou Ermance.

— Sim, uma ou Outra vez. E, de quando em quando, o maior de todos, evocado como "Espírito Verdade".

## 6

Na sala de visitas a conversa entre as senhoras ia também animada e instrutiva, embora em tom diverso. Quando Roustan chegou com a esposa, Madame De Plainemaison o tratou com intimidade, perguntando-lhe meio maliciosa:

— Sofreu muito na última Semana Santa?

— Como de costume — respondeu ele sem se dar por achado. Torci-me e retorci-me todo e senti de novo quebrarem-se-me as pernas. Saí da crise com mãos e pés magoadíssimos.

— E não ouviu a 'Voz'?

— Graças a Deus! Ouvi-a distintamente. Tirou-me, como de outras vezes, da tortura. Adormeci em paz e despertei bem disposto.

Logo que ele foi para o escritório, a Senhora Dufaux perguntou:

— Que história é essa de "tortura" na Semana Santa?

— Ah! Você não sabe?! — admirou-se a amiga, rindo-se. É que o Senhor Roustan foi...

A Senhora Roustan interveio, com certo constrangimento:

— Madame De Plainemaison vai contar-lhe uma anedota. Não leve, porém, o caso muito a sério.

— Não é bem anedota, Madame Dufaux, pois o fato é verdadeiro, conhecido de muita gente, registrado em livros e revistas. É porém, estranho, razão por que desperta a incredulidade.

— Estou curiosa.

— O Senhor Roustan, segundo lhe disseram várias sonâmbulas da escola de Cahagnet, e lhe confirmaram depois alguns médiuns, inclusive em minha casa, foi ao tempo de Jesus, o "Bom Ladrão", crucificado à direita do Senhor.

A Senhora Dufaux riu-se um tanto confusa, como se hesitasse em crer:

— E sério? Não está brincando, não?

— Muito sério. Aí está a Senhora Roustan para me apoiar.

— Apesar da aparência anedótica, e da vivacidade com que Madame De Plainemaison costuma contar suas belas histórias, o caso é absolutamente verdadeiro.

— Nosso amigo Monsieur Roustan — continuou a Senhora De Plainemaison — é um antigo Magnetista, quase tão antigo quando Du potet, de escola magnética diferente. Suas experiências no campo do Magnetismo Espiritualista vêm de longe.

— Desde 1840 — apartou a Senhora Roustan.

— Certo dia, ouvindo falar que o haxixe levava o paciente ao êxtase e a visões transcendentais, tomou uma dose desse veneno, em casa de Cahagnet entrando em crise sonambúlica. Levando a intenção de descobrir o seu passado, entre outros turbilhonamentos mentais, se reviu na Palestina, em situação bastante desagradável: Preso e condenado à morte. Reviveu, então, a sua odisseia de "Bom Ladrão". Sentiu as dores da crucificação, do quebramento das pernas, da agonia lenta e desesperada. Viu o cortejo de Jesus subindo o Gólgota, onde ele e outros contrabandistas já estavam pregados ao madeiro. Assistiu, em dores e gemidos, a serenidade de Jesus durante a crucificação. Admirou-O. Quando o Cristo, manso e humilde como um cordeiro, foi suspenso a seu lado esquerdo, nosso amigo Roustan Lhe dirigiu a palavra de admiração. E ouviu a Voz de Jesus.

— Puro sonho talvez — arriscou Madame Dufaux.

— Sonho ou não, desde essa experiência pessoal com o haxixe, que lhe confirmou a revelação das sonâmbulas, o Senhor Roustan por um fenômeno estranho de repetição, ou talvez por influência de algum Espírito, revive involuntariamente seu drama da cruz às Sextas-feiras Santas, e reescuta a Voz do Senhor.

— Deveras? Sem nenhuma fantasia?

— De maneira positiva para todos, pois as chagas das mãos e dos pés, assim como os vergões das pernas, são patentes a quem goze da intimidade da família Roustan. Eu 'vi' com estes olhos...

— Nessa história, como em todas as histórias de vidas anteriores — ponderou a Senhora Roustan — devemos ter sempre as maiores reservas. Em regra nenhum elemento positivo de prova nos é dado. A verdade, porém, é que, no caso de meu marido, ele "padece" realmente quando lhe vem essa crise na Sexta-feira Santa. É um espetáculo contristador para a família. Não só pela solidariedade que temos com o "sofredor" que geme, chora, se contorce e implora a Deus misericórdia, mas também, pela aflição moral, visto alguns médicos pensarem tratar-se duma "loucura".

— Que coisa estranha! — observou Madame Dufaux, meio arrepiada.

— Madame Roustan diz a verdade — aparteou Gabi. Não se pode negar o fato do "suplício" de nosso amigo durante a crise. Os estigmas dos cravos<sup>43</sup> surgem-lhe nas mãos e nos pés e tão nítidos que, quando os vi, me pareceram recentemente cicatrizados. A explicação dos médicos materialistas não vale nada para nós.

— E não ouviram, a respeito, a opinião dos Espíritos? — perguntou Madame Dufaux.

— Sim, a de vários Espíritos. Sem exceção, confirmaram tratar-se duma prova memória anímica, que pode recordar-se de tudo, mesmo das "dores".

— Contudo — ponderou Gabi —, meu marido costuma dizer que, em matéria de revelação de nossas vidas anteriores, mesmo com "provas" dessa espécie, é mais prudente e razoável recusar noventa e nove verdades a aceitar uma só mistificação.

— Não devemos levar a prudência a tamanho extremo — assegurou Madame De Plainemaison. De contrário teríamos de pôr de quarentena todas as informações dos Espíritos. Eu aceito como verdade que o Senhor Roustan foi São Dimas.

— Meu marido explica a sua prudência em tal matéria — justificou Gabi. Ele diz que, para ser divulgado e recebido com respeito geral, o dogma da Reencarnação deve ficar imune de qualquer suspeita de fantasia ou de qualquer mácula de ironia. Não nega os fatos de Monsieur Roustan. Afirma, porém, que nesta fase introdutória da Doutrina dos Espíritos, devemos registrar os casos, como o do Senhor Roustan, sem os comentar em público, fora de nossas rodas espiritualistas só assim, prestaremos real serviço à Causa dos Espíritos, e concorreremos com eficiência para a propaganda da Doutrina.

— O Senhor Rivail tem razão neste ponto — concordou Madame De Plainemaison. Não devemos esquecer que nos está confiada agora a propaganda duma religião nova, baseada nas existências sucessivas, diz Gabi. Seria leviandade expor as bases de nossa religião à crítica mordaz e malevolente. Ao demais, se Deus põe em nossa consciência um véu para ocultar nosso passado, não me parece lícito tentar levantar esse véu por mera curiosidade, arriscando sofrer uma mistificação.

— E prudente, sem dúvida — afirmou a Senhora De Plainemaison. Não levo, também, a sério minhas supostas "vidas anteriores". Mesmo porque de

---

<sup>43</sup> Teixeira de Paula registra que *estigma* é marca ou sinal visível que aparece em médiuns de afeitos físicos (Dic. Enciclopédico Ilustrado de Espiritismo, Metapsíquica e Parapsicologia). O Dr. Sousa Ribeiro, médico baiano radicado em Campinas, publicou, em 1930, sua obra *O Caso da Estigmatizada de Campinas*, edição *O Clarim*, desenvolvendo extensas considerações a respeito de casos semelhantes.



algumas, como vocês sabem, eu me envergonharia demasiado...

As companheiras sorriram.

— Meu marido — diz a Senhora Roustan —, embora padecendo anualmente a sua prova, pensa hoje como o Professor Rivail. Empenha em desfazer a lenda de suas vidas passadas, ainda que admitindo a possibilidade de algumas. A princípio, no início de suas experiências magnéticas, dava total crédito às sonâmbulas, que lhe afirmaram ter ele sido, ao tempo de Jesus, o "Bom Ladrão" e, na última existência, o grande Conde. Depois de estreitar amizade com o Professor Rivail, nas sessões de estudo em que era lido e comentado O Livro hoje publicado, seguiu a política de absoluta reserva em torno de seu passado, lastimando sinceramente que, por imprudência sua, hajam de fato alguns livros e revistas feito referências irônicas às suas vidas anteriores. Agora, a não ser em meio espiritualista e crente, não trata mais de tal assunto, salvo para afirmar em tese o princípio reencarnacionista. E mesmo nas rodas íntimas, que conhecem a história de suas vidas anteriores, sempre que ele tem ensejo de falar delas, leva a conversa para o terreno da brincadeira, tirando partido de seu pretense passado de contrabandista e Sírio.

— Foi também, Sírio? — indagou Madame Dufaux.

— Segundo os Espíritos ouvidos por meu marido, o Bom Ladrão era um contrabandista siríaco. Preso por esse crime e sendo estrangeiro, foi condenado por Pilatos a morrer crucificado.

— Gostaria de ouvir alguns pormenores — diz Madame Dufaux. Seria Possível?

— Sim, mas enfadonho. Dimas com vários criminosos da mesma quadrilha de contrabandistas já estava crucificado quando surgiu ao pé do Gólgota o cortejo de Jesus. Sob a embriaguez do haxixe, meu marido reviu em pormenores o quadro tétrico da Paixão, mas eu teria dificuldade de reproduzi-los a você.

— Mas viu Jesus carregando a cruz, como diz o Evangelho?

— Sim. Viu o Cristo subir o íngreme e tortuoso caminho trazendo o madeiro ao ombro. Também Dimas e os demais criminosos trouxeram sua cruz pelo mesmo caminho, ao romper do dia.

— Cena horrível!

— A visão de meu marido difere da história evangélica em alguns pontos. Por exemplo: Na visão eram quatro e não dois ladrões crucificados. Havia um espaço maior entre a cruz de Dimas e a do "Mau Ladrão". Ao fincarem ali a Cruz Redentora, depois de pregado nela o corpo nu do Cristo, meu marido, ou melhor, Dimas, leu o letreiro afixado por sobre a cabeça de Jesus. E lembrou-se de ter ouvido falar dele a propósito da ressurreição de Lázaro. O resto se passou como

no Evangelho. Jesus prometeu a Dimas um encontro no Espaço.

— Não sei o que pensar — diz hesitante a Senhora Dufaux.

— Leve o caso à conta de fantasia — respondeu Madame Roustan.

— Não o ousaria. Creio na Reencarnação.

— Então faça como meu marido, que brinca a propósito dessa encarnação.

Vou contar-lhe um caso recente. Há dias o Barão De Guldenstubbé que leva tudo muito a sério e conhece a história pregressa de Roustan nos falou, antes duma sessão, que certo Membro do Instituto, de cujo nome não me lembro, dado a estudos orientais, havia encontrado, em papiros siríacos, ultimamente descobertos, fortes indícios de ter Jesus sido Sírio. Não querendo perder a oportunidade de gracejar, meu marido, fingindo seriedade, e tendo em mira nosso Grupo Espiritualista, composto na maioria de antigos Semitas, pilheriou: “Que o Bom Jesus foi Sírio, tenho dúvida. Mas que o ‘Bom Ladrão’ era Sírio, tenho certeza..”

\* \* \*

Novos convidados foram chegando: o Professor Canu e esposa; o livreiro Clement e mulher; o capitalista Leclerc e Senhora; Madame Roger e marido; o negociante Carlotti e sua filha Aline; a quiromante De Cardone, viúva, e por fim, o celibatário Fortier magnetizador de profissão. Depois das apresentações dessas visitas à família Dufaux desconhecida de todos, os homens passavam para o escritório, as mulheres ficavam na saleta de visitas e as moças na sala de jantar.

A todos o casal Rivail dispensava a mais amável das acolhidas.

Madame Rivail (Amélie-Gabrielle de Lacombe Boudet Rivail) — "Gabi" na intimidade e "Amélie Boudet" no meio professoral artístico e literário de seu tempo descendia, pelo ramo materno, de pessoas gradas (De Lacombe) e, pelo lado paterno, de renomados intelectuais (Boudet).

Filha única, tivera educação esmeradíssima, compatível com os recursos da família. Florescendo numa época de inovação social, em que a Mulher principiava a concorrer com o Homem na aquisição da cultura humanística, diplomou-se na primeira Escola Normal leiga, em Paris, estabelecida no Boulevard Saint-Germain, sob o molde Pestalozzi. Foi Professora de Letras e Belas Artes, poetisa e pintora na mocidade, e colaborou com o esposo no Instituto Educacional Técnico, fundado por ele na Rue de Sèvres número 35, até o cerramento definitivo desse colégio, que introduziu, na França, o método Pestalozzi. Continuou com ele a lecionar depois, em cursos livres, na mesma

casa, até aposentar-se a si mesma, havia pouco, ao completar sessenta anos. Miudinha, graciosa, muito vivaz, aparentava a mesma idade do marido, apesar de nove anos mais velha. Os cabelos crespos e bastos, outrora castanhos, repartidos ao meio e descidos até os ombros, onde as pontas dobradas se prendiam por sobre a nuca num elo de tartaruga, começavam apenas a grisalhar, dando-lhe ao semblante um ar de amável austeridade. As faces cheias, coradas ao natural, quase sem rugas, denotavam trato e boa saúde. A testa larga e alta, encimando sobrancelhas circunflexas, acusava capacidade intelectual. Os olhos pardos e rasgados, indicavam sagacidade e doçura. O nariz fino e reto, impunha confiança em seu caráter. Os lábios delicados, prontos a sorrir, amparavam seu olhar perscrutador, desarmando prevenções, mas exigindo constante respeito.

Estava, naquele sarau, com seu vestido azul celeste de seda lionesa, que fizera para as Bodas de Prata, decotado discretamente, de mangas largas e pregueadas, presas acima dos cotovelos. Trazia colar de pérolas, bracelete de ouro trançado, com diamantes no fecho, anel de brilhante solitário, aliança de ouro orlada de prata e um broche. Este era a sua joia mais recente, doada pelo marido no dia das Bodas de Prata. De ouro lavrado, no feitio dum livro com dobradiças, via-se numa folha, quando aberto, a miniatura a óleo de Rivail ao tempo de noivo, com longa cabeleira loura, encaracolada nas pontas; noutra, de Gabi, com seus abundantes cabelos castanhos e crespos, caprichosamente penteados.

O esposo (Hippolyte-Léon-Denizard Rivail) — "Hyppolyte" em família, "Professor Rivail" na sociedade e "H-L-D-Rivail" na Literatura — era, desde os 18 anos, mestre colegial de Ciências e Letras e, desde os 20 anos, renomado autor de livros didáticos. Salientou-se na profissão para a qual fora aprimoradamente educado, na Suíça, pelo maior pedagogo do primeiro quarto do Século XIX, de fama mundial e até hoje modelo dos mestres: Johann Heinrich Pestalozzi. E sucedeu ao próprio mestre, em Paris.

De cultura acima da normal nos homens ilustres de sua idade e do seu tempo, impôs-se ao geral respeito desde moço. Temperamento infenso à fantasia, sem instinto poético nem romanesco, todo inclinado ao método, à ordem, à disciplina mental, praticava, na palavra escrita ou falada, a precisão, a nitidez, a simplicidade, dentro dum vernáculo perfeito, escoimado de redundâncias.

De estatura meã, apenas 165 centímetros, e constituição delicada, embora saudável e resistente, o Professor Rivail tinha o rosto sempre pálido, chupado, de zigomas salientes e pele sardenta, castigada de rugas e verrugas. Fronte vertical comprida e larga, arredondada ao alto, erguida sobre arcadas orbitárias

proeminentes, com sobrancelhas abundantes e castanhas. Cabelos lisos e grisalhos, ralos por toda a parte, falhos atrás (onde alguns fios mal encobriam a larga coroa calva da madureza), repartidos, na frente, da esquerda para a direita, sem topete, confundidos, nos temporais, com as barbas grisalhas e aparadas que lhe desciam até o lóbulo das orelhas e cobriam, na nuca, o colarinho duro, de pontas coladas ao queixo. Olhos pequenos e afundados, com olheiras e pápulas. Nariz grande, ligeiramente acavaletado perto dos olhos, com largas narinas, entre rictos arqueados e austeros. Bigodes rarefeitos, aparados à borda do lábio, quase todo branco. Para triangular sob o beijo, disfarçando uma pinta cabeluda. Semblante severo quando estudava ou magnetizava, mas cheio de vivacidade amena e sedutora quando ensinava ou palestrava.

O que nele mais impressionava era o olhar estranho e misterioso, cativante pela brandura das pupilas pardas, autoritário pela penetração a fundo na alma do interlocutor. Pousava sobre o ouvinte como suave farol e não se desviava abstrato para o vago senão quando meditava, a sós. E o que mais personalidade lhe dava era a voz, clara e firme, de tonalidade agradável e oracional, que podia escalar agradavelmente desde o murmúrio acariciante até as explosões da eloquência parlamentar.

Sua gesticulação era sóbria, educada. Quando distraído, a ler ou a pensar, cofiava os "favoris". Quando ouvia uma pessoa, enfiava o polegar direito no espaço entre dois botões do colete, a fim de não aparentar impaciência e, ao contrário, convencer de sua tolerância e atenção. Conversando com discípulos ou amigos íntimos, apunha algumas vezes a destra ao ombro do ouvinte, num gesto de familiaridade. Mantinha rigorosa etiqueta social diante das damas.

Naquela recepção trajava sobrecasaca preta um tanto surrada, de gola de veludo bem limpa; colete de gorgorão marrom listrado de azul, sem gola; calças pretas folgadas nas coxas e estreitas nos tornozelos, e botinas altas, de pelica preta, com botões laterais. Um plastrão de seda azul-marinho, de laço feito, apertando o colarinho, enlaçava-lhe o pescoço curto e caia-lhe em ponta solta sobre o peito gomado da camisa de linho branco.

Salvo a aliança, também de ouro com auréola de prata, a sua única joia, naquela noite, era o relógio de ouro com tetragrama gravado na face externa da tampa, dom de Pestalozzi, em 1823, como tributo de estima. O valioso cronômetro trabalhava no bolso do colete, sob o coração, preso à corrente de ouro, estilo antigo, herdada do pai, cuja extremidade engatava a chaveta de dar corda, pendurado por fora numa casa desabotoada.

Acavalado na linha dum botão, metade dentro, metade fora do colete,

estava de prontidão o pince-nez<sup>44</sup> de aro dourado e vidros pequenos e ovais, indispensável ao dono quando lia.

\* \* \*

O modesto apartamento ficava nos fundos do segundo andar dum prédio de quatro pavimentos, na Rue des Martyrs número 8. Estreito e longo, tinha o segundo andar, nos fundos, um corredor que dividia a casa em dois apartamentos, C e 'D'. O da direita ('D') era a moradia do casal Rivail, com três portas para o corredor. A primeira abria o escritório; a segunda a saleta de visitas, e a última, a cozinha.

O compartimento da frente, com janela de venezianas verdes para o pátio central do prédio, repartia-se ao meio por um tabique de madeira, empalado dos dois fados e paralelo à linha da frente. Metade do compartimento, de janela para o pátio, servia de quarto de dormir, com espaço de quatro metros por dois e meio. Outra metade, da janela para a área interna do apartamento, destinava-se ao escritório, com igual metragem.

A saleta de visitas, de três metros por dois e meio, e a sala de jantar, de três metros por quatro, abriam, cada qual a sua, janelas para a mesma área. Estas salas separavam-se por um simples reposteiro de veludo vermelho-escuro, em dois panos, presos a argolas de madeira que corriam ao longo do travessão roliço.

Todas as janelas possuíam estores de linho creme, bordados nas pontas inferiores e com largas bainhas de 'point-à-jour'.

Apesar de exíguo, o escritório comportava um grupo de carvalho, em estilo "Império": Escrivantina, poltrona, duas cadeiras e uma estante envidraçada. Peças pequenas, delicadas, envernizadas em claro, ornamentadas de bronze, adquiridas, em 1825, para o gabinete do diretor do "Instituto Educacional Técnico", da Rue de Sèvres 35, Paris. A estante estava pejada de livros.

Nas paredes empapeladas penduravam-se numerosos quadros de tamanhos, feitios e molduras diferentes. No maior, de sessenta por quarenta centímetros, o retrato a creiom de Pestalozzi, desenhado, especialmente, para o salão nobre do referido "Instituto". Destacava-se, depois, pela novidade, uma daguerreotipia<sup>45</sup>, em metal prateado, estampando Rivail de meio-perfil, com sua vasta cabeleira a cobrir-lhe a metade da orelha e seus abundantes favoris. Por um dístico de prata, afixado em baixo, no centro da moldura, via-se ter sido

<sup>44</sup> Antigo modelo de óculos bastante comum no século XIX — N. D.

<sup>45</sup> Chapa com imagem impressa, precursora da fotografia — N. D.

oferta de Alunos do Liceu Polimático a seu Paraninfo, em data de 3 de outubro de 1847. Comparando-se a cópia daguerreotipada com o original em 1857, a diferença chocava: Rivail tinha envelhecido muito em dez anos, ganhando, em rugas, o que perdera em cabelos.

Além de muitos quadros com desenhos e debuxos, uns a bico de pena, outros a creiom, feitos por Gabi, notavam-se alguns diplomas de sociedades culturais, outorgados a Rivail. Esses diplomas, de origens, datas, molduras, tamanhos os mais diversos, pendiam-se de várias alturas, nas paredes. Eis os mais curiosos: De Sócio Honorário da Sociedade de Estudos Gramaticais, de Paris, fundada em 1807, expedido em 5 de abril de 1; de Sócio Fundador da Sociedade de Previdência dos Professores de Institutos Educacionais, de Paris, emitido em 18 de junho de 1829; de Sócio Correspondente da Sociedade de Agricultura e Fomento, do Departamento de Ain, tirado em 4 de novembro de 1828; de Sócio Contribuinte da Sociedade Pró-Educação Nacional, constituída por Professores de Institutos e Diretores de Colégios Internos da França, sediada em Paris, concedido em 15 de outubro de 1830; de Mérito Superior outorgado, pelo júri da Sociedade Real de Arrás, em 16 de agosto de 1831, tendo apensada, por cima do vidro, uma fita de cores nacionais da França, à ponta da qual se pendurava uma medalha de ouro do tamanho de um 'luis' francês, contendo no verso: Concurso de 1831/1º Prêmio e, no anverso: Educação e Ensino/Sociedade Real de Arrás; de Sócio Catedrático do Instituto Histórico da França, em Paris, datado de 10 de maio de 1835; de Sócio Fundador do Instituto de Línguas Vivas, com sede em Paris, manuscrito em 1 de dezembro de 1837.

Na saleta de visitas, mobiliada com simplicidade e bom gosto, havia à parede alguns quadros a óleo pintados por Amélie Boudet. Dentre os móveis de mogno enfeitados de bronze, postos sobre tapete Aubisson de fundo vermelho, salientava-se, a um canto, um armário artístico, de porta de cristal convexo, de madeira toda embutida a mosaico e, parcialmente, pintado a óleo. Nele alinhavam-se, em prateleiras de cristal, encadernadas num mesmo feitio e tom, os livros prediletos de Gabi. Nas filas superiores, com lombadas de couro gris polido e letras douradas, em ordem cronológica, a obra de H-L-D-Rivail: *Aritmética do 1º Grau*, 1824; *Plano duma Escola Graduada, segundo o Método Pestalozzi*, 1825; *Projeto de Melhoramento da Instrução Pública*, 1828; *Aritmética do 2º Grau*, 1829; *Aritmética do 3º Grau*, 1830; Os três primeiros livros do *Telémaco* de Fénelon, vertidos do Francês para o Alemão, 1830; *Memória sobre a Instrução Pública*, 1831; *Gramática Francesa Clássica*, 1831; *Manual de Geografia. Para Professores*, 1833; *Instrução Prática para Concursos Públicos*, 3 vol. 1845-1847; *Catecismo Gramatical. Para Exames*, 1848; *Ditados Normativos*.



*Para Exames*, 2 vol. 1850-1854; *Gramática Francesa Normal*, 1854 (1ª ed.) e 1856 (2ª ed. melhorada). Seguiam-se traduções de obras científicas, escolares e literárias, feitas do Inglês ou do Alemão pelo Professor Rivail, coletadas em volumes, e, por fim, também em tradução, uma do Italiano, outra do Espanhol e três da língua inglesa, quatro peças teatrais. Nestas versões e nos seus trabalhos literários não didáticos, Rivail assina H. Denizard. Noutra fila, em lombada vermelha, com alto relevo e letras de ouro, três livros in-4 de Amélie Boudet: *Contos Primavera*, 1825; *Noções de Desenho*, 1826; *O essencial em Belas Artes*, 1828, e diversas obras de autores clássicos e contemporâneos.

Na sala de jantar, guarneçada de móveis de carvalho em verniz marrom, viam-se dois quadros de pesca e caça, alguns pratos com pinturas a óleo, um dos quais, em oval, contendo a cópia da Ceia de Da Vinci, com assinatura dum pintor. Um grande Aubisson castanho e florido atapetava quase todo o soalho.

\* \* \*

Esse interior modesto revelava a simplicidade da vida de dois intelectuais, que ali se instalaram desde 15 de julho de 1855, em caráter provisório, à espera da casa própria, na Vila Ségur, Invalides, ainda em construção. Pagavam de aluguel 1.345 francos por ano, com arrendamento a vencer-se em igual data 1858.

A única novidade do apartamento era a iluminação a gás, instalada havia pouco e que, ainda não dispensava o concurso de velas altas e grossas, em castiçais de metal amarelo, agrupados em lustres ao centro das salas ou isolados, às paredes, ou sobre móveis.

As visitas faziam parte da chamada burguesia. Algumas eram abastadas: Baudin, fazendeiro na Ilha da Reunião, no Oceano Indico; Dufaux, triticultor e vinhateiro em Fontainebleau, onde habitava um castelo rústico, erguido por seus antepassados, valentes guerreiros; Roustan, velho negociante de joias e relógios na Rua des Martyres 19, pouco adiante da casa de Rivail; Roger, dono de um serviço de carros de praça, com numerosos veículos e cocheiras pela cidade; Carlotti, proprietário e fundador dum grande restaurante no Boulevard des Italiens; Leclerc e Canu, capitalistas e rendeiros, com atividade em vários negócios; Fortier, antigo caixeiro viajante, exercia, de há muito tempo, a profissão licenciada de Magnetizador e Massagista; Japhet, a de guarda-livros em casas comerciais. As Senhoras De Plainemaison e De Cardone viviam de rendas deixadas pelos falecidos maridos.

Leclerc e Canu tinham a alcunha de *Brésiliens* (Brasileiros), que os

desvanecia. Vieram ao Brasil, em 1842, numa leva de cem famílias francesas, contratadas<sup>46</sup> por Dom Pedro II, para fundarem, pelo sistema socialista de Fourier, a Colônia do Sahy, em Santa Catarina. Foram tais famílias selecionadas por suas crenças espiritualistas, incumbindo-se da seleção o Professor Jobard, Presidente Perpétuo do Museu Industrial de Bruxelas, fundador da Escola de Magnetismo Espiritualista da Bélgica e mais tarde, Vice- Presidente da Sociedade Parisiense De Estudos Espíritas, criada, por Allan Kardec, em 1 de abril de 1858. Trouxe-as, ao Brasil, em navio francês, o Doutor Benoit Mure — o nosso Bento Mure — introdutor da Homeopatia e do Magnetismo Espiritualista em nossa Terra, fundador, no Rio de Janeiro, da Escola Hahnemaniana em sua fase primitiva. Canu primeiro e Leclerc em seguida, afastaram-se, em 1843, da Colônia do Sahy, por julgarem inviável o plano socialista de Fourier. Tiveram a sorte de prosperar na Corte. Viúvo, Canu, Professor de Francês, contraiu novas núpcias com brasileira rica e com ela foi morar em Paris, desde 1846. Leclerc dedicou-se à compra e venda de vitualhas para navios e, abastado, voltou à pátria em 1854, deixando descendentes no Brasil.

---

<sup>46</sup> Fourier (Charles) Filósofo e sociólogo francês, nascido em Besançon (1772- 1837). O sistema de Fourier, ou fouriénsme, previa a associação das pessoas num falanstério (habitação da comuna societária). Canuto Abreu refere-se a Fourier como notável precursor do Espiritismo e do regime social.

## 7

Seus convidados assim reunidos, Rivail colocou-se de pé, junto à lareira da sala de jantar, ponto de onde podia avistar toda a saleta de visitas e parte de seu escritório. Colocou o pince-nez, bateu duas palmadas para obter silêncio e disse, sorridente, como um mestre a seus alunos:

— Quero explicar-lhes o objetivo principal desta recepção.

Houve um movimento geral. Uns se aproximaram do orador, outros se puseram em posição melhor para o ver e escutar. As mulheres calaram-se, e sentaram-se as que estavam de pé. Tirando o pince-nez, pois ia falar de improviso, continuou sob a atenção de todos:

— Gabi e eu, neste dia em que vem a lume *O Livro dos Espíritos*, queremos testemunhar nosso profundo reconhecimento aos que, duma e doutra maneira, concorreram para a formação e lançamento dessa obra. E justificar, porque a mesma foi publicada sob minha exclusiva responsabilidade, até mesmo editorial, e com pseudônimo Gabi e eu ficamos devendo muitos obséquios a quase todos que me ouvem. Seja-me, porém, permitido ir especificando e agradecendo os favores de cada um. Em primeiro lugar, pelos grandes serviços prestados à formação d'O Livro, cito as prezadas famílias Baudin, Roustan e Japhet. Elas proporcionaram-me, com extrema gentileza, os ambientes indispensáveis ao recebimento dos ensinamentos ora compendiados. Antes de conhecer as leis que regem o Mundo Invisível nas suas relações com os homens, poderíamos atribuir ao Acaso, nosso encontro com esses bons Amigos, pois suas reuniões eram frequentadas por quaisquer pessoas que tivessem uma carta de apresentação. Agora, porém, sabemos que neste Mundo Material, nada nos acontece de "importante" por simples coincidência, apesar de nosso livre arbítrio. E nada foi mais importante para Gabi e para mim do que os ensinamentos recebidos nesses três lares espíritas. Neles, de fato, não comparecemos ao acaso, mas por um chamamento da Providência. Começo, pois, testemunhando nosso reconhecimento às honradas famílias Baudin, Roustan e Japhet. Estiveram à

altura da missão espiritual de seus dois núcleos, o da Rue de Lamartine 21 e o da Rue Tiquetonne 14. Destaco, nessas queridas famílias, para um agradecimento particular, as meninas Caroline, Julie e Ruth Celine. Pondo de lado os prazeres próprios da mocidade e sacrificando horas de estudo e afazeres doméstico, elas se prestaram, durante mais de um ano, com o máximo desinteresse material e a melhor dedicação espiritual, ao fatigante uso de seus dotes mediúnicos. Tive a ventura de assistir ao zênite do desenvolvimento de suas faculdades receptoras e posso, de ciência própria, atestar sem elogio, que essas moças gentilíssimas, inteligentes e meigas, cumpriram otimamente sua nobre missão de intermediárias dos Espíritos. Como aqui estão Amigos novos, incientes desse fato, faço empenho em declarar, de voz alta, que devo à mediunidade de Caroline e de Julie Baudin a essência dos ensinamentos espíritas contidos em O Livro e, à mediunidade da Ruth Celine Japhet, os esclarecimentos complementares que me permitiram aceitar alguns pontos, revessos à primeira inspeção. Só depois de ultimada a obra e aprovada todas as lições pelos Espíritos que as ditaram e ratificaram numa e noutra casa de trabalhos, é que, ainda por sugestão dos Guias, recorri a outros médiuns, estranhos alguns, aos dois referidos centros. E o fiz com o intuito de robustecer, pelo controle de muitos Espíritos, as teses que me pareciam mais arrojadas e inovantes. Assim, se devo favores a mais de dez médiuns, que nomearei daqui a pouco, a essas três meninas — sobretudo à Caroline — fiquei devendo os maiores. Destacando-as, nada mais faço do que render, de público, justa e simples homenagem de perene gratidão. Mas O Livro é lançado hoje com minha autoria exclusiva, sob um pseudônimo céltico, sem nenhuma referência às pessoas Amigas que tanto me ajudaram. É para lhes explicar a razão dessa estranha atitude que temos, Gabi e eu, a honra de reuni-los em nossa casa. Rogo-lhes, pois, um momento a mais de paciência para me ouvirem a necessária justificativa.

A curiosidade intensificou a atenção geral.

\* \* \*

O orador prosseguiu:

— Resolvi afrontar, sozinho, as ondas de oposição que O Livro vai suscitar, porque, dum lado, pela revelação particular, sei que, sobre essa obra, desabará a tormenta dos interesses feridos, soprarão os ventos da ira fanática e se quebrarão, com estrondo, as vagas dos princípios contrariados. Não devia, portanto, arrastar ao inevitável infortúnio as prezadas pessoas que concorreram para a elaboração da obra. Por outro lado, assumindo sozinho a

responsabilidade, quer da forma, quer do fundo, poderei a qualquer momento, mais fácil e prontamente, defender O Livro, corrigi-lo e melhorá-lo sob novas inspirações, sem o risco duma eventual divergência de pontos de vista. Embora essas duas razões me pareçam suficientes para justificar a resolução tomada, ainda tenho outra bem mais relevante: Os Espíritos me ordenaram assumisse individualmente a autoria da obra, que é deles mais que nossa, totalmente deles na essência. Muitos entre vocês sabem que minhas anotações, durante nossos encontros com os Espíritos, se destinavam, no começo, a nosso uso particular. Foram os Guias que, julgando-as de utilidade geral, me ordenaram a sua publicação após mais largo desenvolvimento e melhor classificação da matéria. Procedendo pois, como acabo de proceder, se a Crítica, sectária ou acadêmica, receber O Livro como obra de heresia ou de demência, só o homem que assumiu a responsabilidade, ganhará o estigma de heresiarca ou de insensato. Só ele, como autor e editor, amargurará os insultos e as agressões da perseguição religiosa ou científica, ambas cegas e ferozes. Não me iludo a respeito da luta que me espera, do sofrimento que lhes esboço, pois me foi anunciada pelo Espírito "Que não mente".

Sinais de assentimento em vários semblantes e de compreensão em todos.

Rivail continuou:

— Era, principalmente, meu dever ocultar ao grande público os nomes de nossas médiuns. Escondendo a origem mediúnica dos ensinamentos, eu isento os queridos instrumentos espíritas do ataque direto e sem quartel que, de maneira certa e inevitável, lhes seria desfechado pela Perseguição. Se me faltasse o aviso dos Guias, teria diante dos olhos o que vem acontecendo aqui e no estrangeiro, com as médiuns missionárias. Na América, as Meninas Fox, pioneiras do espiritualismo, vêm sendo perseguidas cruelmente, de cidade em cidade, desde Hydesville até Nova York. Vivem refugiadas e por favor, em casas Amigas, sem possibilidade de emprego remunerado em parte nenhuma, excomungadas de sua igreja e repelidas de todas as comunidades religiosas, temendo a agressão física a qualquer momento e enxovalhadas pela imprensa. Essas pobres moças, cujo crime é servir a Providência vivem, segundo um jornal americano, que a Senhora Dentu me exibiu há dias, como verdadeiras párias na puritana sociedade ianque. São forçadas, para não morrer de fome, a aceitar, mais como esmola, que como salário, uma retribuição miserável pelos serviços mediúnicos — que, certamente, elas desejariam dar de graça. Apesar desse motivo de força maior são elas, por causa desse ganho de fome, apontadas aos quatro ventos como embusteiras e venais. Aqui na França todos somos testemunhas da perseguição movida contra sonâmbulas e médiuns dignos do maior respeito.

Muitas mulheres honradas, que prestam com seus dons divinos, os mais altos serviços à Ciência de Amanhã e à Religião do Futuro, foram, e ainda são, martirizadas sem piedade, não só no altar da Intolerância Religiosa — que detesta a Luz da Verdade porque lhe põe em destaque a má fé — como na ara da intransigência científica — que odeia a Luz da Lógica porque lhe manifesta a ignorância. Que nos digam as Senhoras Roger, De Cardone, De Plainemaison e a senhorita Dufaux, para só lhes citar pessoas presentes. Seria, pois, imperdoável culpa minha, expor desnecessariamente nossas queridas médiuns a dois perigos: Ao assanhamento dos fanáticos, que só consideram merecedoras de respeito as mulheres devotas, que fazem da sacristia uma extensão de seus lares, ou ao atrevimento dos sabichões oficiais, que só têm em boa conta as mulheres de dotes plásticos, donas de salões mundanos, onde se mercadejam intrigas e calúnias. Ao demais, Caroline, Julie e Ruth, como vocês sabem, estão noivas. Vivem cheias de justa aspiração de ventura, São expectantes dum porvir tranquilo e risonho, no aconchego dos lares que vão formar, talvez os primeiros lares espíritas na Nova Era. Devem, pois, no que depende de nós, ficar em seus futuros ninhos de amor, precatadas contra a investida selvagem da Crítica apaixonada, que é impiedosa, cruel e peçonhenta, e não poupa nem honra nem pudor. Servidoras do Espírito Verdade, que lhes importa, a essas caras donzelas, a proclamação aos ventos de seus dons divinos com tamanho risco de vexames e desgostos! Sabem elas, muito bem, que esses dons são emprestados "para certo fim" e retirados, cessada a missão. Só para argumentar, imaginemos nossas queridas mocinhas submetidas, pela publicidade, à inspeção de inquisidores religiosos ou científicos, cujo único propósito, como no caso de Joana D'Arc, fosse desmoralizar-lhes o passado de médiuns. Não possuindo mais os dons, passageiros e predestinados, arrastariam, sem o querer, o descrédito para si mesmas e para os trabalhos que realizaram com tanto amor e desinteresse. Seriam apontadas como embusteiras ou nevropatas, e ficariam, para sempre, indignificadas perante a opinião pública, que ama e não esquece escândalos. Importa-lhes, portanto, não a vanglória de ter os nomes em letras de forma no frontispício dum livro, o que lhes poderia acarretar amargores para o resto da vida, mas a inestimável ventura de haverem sido, como foram, Servas da Providência, escolhidas entre muitas e marcadas entre poucas. Numa hora de importante transição histórica do Mundo, tiveram a sublime ventura de ser mediatrizes do Espírito Verdade. Essa raríssima glória, de Instrumentos Divinos, ninguém jamais, poderá ofuscar-lhes. E é extensiva às suas famílias e a todos quantos, sob o influxo dos Espíritos Superiores, com elas tomaram parte ativa na tarefa hoje ultimada.



Nova concordância geral dos ouvintes. As Meninas homenageadas estavam, sinceramente, comovidas.

\* \* \*

Notando afinado o ambiente, recomeçou Rivail:

— Quero, agora, referir-me a outros companheiros que contribuíram, como elos dum Desígnio Providencial, para o encaminhamento de meus passos na senda do Espiritismo. A todos fiquei devendo favores e a nenhum desejo esquecer nesta hora de gratidão. Sem eles, O Livro não teria sido escrito por mim.

O orador fixou um homem, que estava de braços cruzados à porta do escritório, cofiando, um tanto distraído, o cavanhaque pontudo. E tirou-o da abstração, dizendo:

— Citarei, de início, meu velho amigo e companheiro Fortier. Fazia muito tempo que não o via. Absorvido pelos trabalhos professorais e autorais, eu tinha deixado de frequentar, desde 1850, as sessões sonambúlicas que tanto me atraíam e onde buscava solução para os casos de enfermidade a mim confiados como Magnetizador modesto que sou.

— Não apoiado! — protestou Roustan. Você é um dos melhores Magnetizadores de Paris.

— Não exagere, caro Amigo. Numa tarde de dezembro de 1854, quis rever o velho camarada e o encontrei preparando-se para uma sessão de Sonambulismo a realizar-se em casa do Senhor Roger. Teve a amabilidade de convidar-me. A senhora Roger era, então, justamente afamada como sonâmbula lúcida, quanto hoje o é como médium vidente.

Madame Roger agradeceu, sensibilizada. O orador avançou:

— Em casa dos bons amigos Roger, durante a palestra que antecedeu a sessão magnética, o assunto foi a Mesa Rotante. Como sabem vocês, a França já vinha, desde abril de 1853, praticando abertamente e por toda parte o espiritualismo americano. Estávamos, como disse, em fins de 1854. E tal assunto foi verdadeira surpresa para mim. Isso prova como podemos viver, na maior Capital do Mundo, indiferentes aos casos que agitam os homens em setores estranhos ao nosso. Mostraram-me um jornal, creio que *La Patrie*, contendo, em letras destacadas, experiências realizadas em Marselha, Nantes e outros pontos do país. E, diante de meu sincero, contaram-me que toda Paris estava empolgada pela novidade americana. Perguntei a Fortier sua opinião a respeito e respondeu-me ser tudo, a seu ver, simples fenômeno magnético. Para mim,

naquele tempo, membro apagado da Escola Mesmeriana, o fluído magnético existia tal como o elétrico e o nervoso. Não achei, por isso, impossível, o movimento da Mesa Rotante, por efeito da ação magnética: O fluído elétrico produz movimentos incríveis e o fluído nervoso realiza maravilhas eméticas ainda mais estupendas. Embora o caso da Mesa eu reputasse importante para a Ciência Magnética, a que eu dava muita estima, não lhe dispensei a maior atenção nos dias seguintes, em que retomei a atividade habitual de mestre-escola e publicista. Voltando, uma semana depois, à sessão de Madame Roger, contou-nos Fortier que a Mesa magnética não se limitava a girar e a andar: Também "falava", respondendo a perguntas dos assistentes, como se fora uma sonâmbula. Fiquei, a princípio, desconfiado duma brincadeira de Fortier, que costumava amenizar os assuntos sérios com excelentes piadas. Mas o bondoso Amigo mostrou-me logo as narrativas impressas em que apoiava a sua história. Contra meu velho hábito de primeiro observar pessoalmente um fato para depois opinar, entretive com ele um pequeno diálogo: — “Então meu caro, o caso complica-se. Um fato de tal ordem a gente precisa, como S. TOMÉ, ver para crer. Mas pode-se, ‘a priori’, afirmar ser absurdo. Para a ‘Mesa’, tornar-se uma sonâmbula artificial precisa ter cérebro para pensar, nervos para sentir, músculo para bater, inteligência para falar”. Se nada disso tem, não pode, evidentemente, fazer o que dizem estar fazendo. Deve haver um truque qualquer ainda não descoberto. Considero possível a Mesa girar sob ação magnética. Mas uma blague a Mesa Falante. Fortier objetou-me: “Contudo, os jornais não só afirmam a veracidade do fenômeno como, ainda citam os nomes das testemunhas”. Respondi-lhe: “Lendas, meu caro Amigo! Os jornais andam cheios de milagres, contos de fada, casas mal-assombradas, enfim, histórias para adormecer crianças”.

E, virando-se para o Amigo:

— Não foi assim, caro Fortier?

— Tal qual, respondeu o evocado. Até então não havíamos visto nada pessoalmente e, por isso, concordei com seu raciocínio. Tenho apenas dúvida na data. Esse episódio não ocorreu em dezembro de 1853?

— Segundo minha memória, foi em ... 1854. Recorro, entretanto, a Madame Roger.

— Não me recordo bem da data, diz ela. Isso foi há uns três anos, mais ou menos.

— Tenho o caso registrado. Seria fácil ir buscar meus apontamentos. Isso, porém, é de somenos agora.

E depois de curta meditação:

— O importante é salientar que o primeiro a me falar, há uns três anos atrás, em Mesa Rotante e Mesa Falante, foi nosso amigo Fortier. A ele, meu cordial agradecimento. Alegro-me de ver aqui, mirando-me afetuosamente, outro prezado camarada de Magnetismo, velho Amigo de meu tempo de solteiro, o que vale dizer, Companheiro de mais de vinte e cinco anos, pois, Gabi e eu, comemoramos, no mês passado, nossas bodas de prata...

Um instante de regozijo, comunicativo e brejeiro, festejou a lembrança dessa efeméride matrimonial, que os mais íntimos desconheciam. Apontando o amigo em referência, disse Rivail:

— Foi Carlotti o segundo elo da corrente que me levou ao Espiritismo. Foi quem primeiro, em janeiro de 1855, me falou da intervenção das Almas no fenômeno da Mesa.

— Almas de defunto — aparteou Carloiti.

— Exatamente. Magnetista como eu, mas adepto duma escola diferente, considere a sua informação como fruto da teoria animista que ele adotava. Segundo os Animistas, vocês o sabem, a ação magnética não provém do manejo humano do Fluído Universal como ensina a Escola Mesmeriana: mas duma emanção dinâmica da Alma do magnetizador, externada pela fé e vontade, que se casa com a emanção estática da Alma do magnetizado, igualmente exteriorizada pela fé e vontade. E fé no sentido religioso. Assim, segundo a Escola Animista, uma Alma "fraca" pode ser dominada por outra mais "forte". Eu sabia, por longa experiência, que os animistas exageravam as provas de, sua teoria quando falavam com Naturistas. Além disso, Carlotti "me panava nella forma calda e passionale dei Italiani". Essas duas circunstâncias justificavam, a meus olhos, sua opinião a favor das Almas... de defunto. E, admitindo tais circunstâncias, lastimei que um homem tão culto e inteligente...

— Obrigado! — aparteou Carlotti.

— ... pusesse de lado a teoria científica, que era, pensava eu, a do Fluído Universal, para atribuir o movimento da Mesa...

— A Almas de defunto — interveio sorrindo Carlotti.

— Exato. Contudo, em mais de trinta e cinco anos de convivência com Magnetistas, aprendi, à custa de alguns dissabores, que entre amigos de escolas diferentes a melhor prática é a tolerância. Compreendendo minha atitude e sendo, também ele, respeitador da opinião alheia, não tentou convencer-me. Limitou-se a dizer-me ao despedir-se: "Você ainda não viu o fenômeno; quando o observar com seus olhos há de dar-me razão e será talvez um dos nossos". Respondi-lhe: Não digo o contrário. Mas aguardemos esse dia.

Carlotti aparteou novamente, sorrindo:

— Folgo com sua boa memória, Professor.

Rivail continuou:

— Pois esse dia, Senhoras e Senhores, não estava distante. Quatro meses corridos, voltando um dia à casa de Madame Roger terceiro elo de minha corrente, lá encontrei o quarto liame na pessoa dum conceituado camarada, Senhor Patier, que não pode vir a esta reunião, por estar enfermo. Havíamos sido, tempos atrás, professores de curso secundário, no mesmo estabelecimento, no Boulevard Saint-Germain. Desde, porém, que ele trocara a profissão de mestre-escola, tão mal assegurada ainda entre nós, pela de serventuário público, eu o havia perdido de vista. Foi com alegria que lhe estendi a mão naquela tarde memorável de 1 maio de 1855. Imaginei que ele viera, como eu, em busca de algum diagnóstico. A clarividência da Senhora Roger, como lhes disse, era justamente afamada. E, até aquele instante, eu pensava, só se aplicava a fins terapêuticos. Fortier a magnetizava para prognósticos e curas e eu, Magnetista curandeiro, que também sou, não ia à sua presença, senão para tais fins. Ora para surpresa minha, a Senhora Roger consentiu, a pedido de Pâtier, em evocar a Alma dum pessoa recém-falecida e pranteada por esse Amigo. E, para maior espanto meu, a Alma evocada "veio" e deu evidência de sua identidade a não deixar dúvidas em ninguém. Madame Roger, após alguns instantes de "crise", afirmou estar "presente", ao lado de Pâtier, a Alma invocada e, sem a ter conhecido em vida, sequer de nome, descreveu-a com pormenores achados perfeitos e identificantes pelo meu amigo consulente. Em seguida, transmitiu a Pâtier pensamentos afetuosos e nobres à medida que lhos enviava a falecida invisível. E tudo isso feito pela querida sonâmbula e recebido pelo estimável colega, com a maior naturalidade deste mundo! A honradez da sonâmbula, a dignidade do seu Magnetizador e o desfecho da manifestação anímica, que foi uma cena dramática, inesquecível, produziram em mim, apesar de meu conhecido sangue frio, súbita conversão à Escola Espiritualista. Eu sabia, de leitura, ser possível a certos sensitivos, do tipo swedemborguiano<sup>47</sup>, entrarem, durante o êxtase, em comércio espiritual com os chamados Anjos e Querubins. Não me encontrava, porém, preparado para a comprovação do comércio sonambúlico entre os homens e as Almas de defuntos. Longe de repelir, como teatral, a comoção de Pâtier, fiquei comovido. Não a considere, um só instante,

---

<sup>47</sup> Adeptos de Swedemborg (Emmanuel). Vidente e místico ilustre, nasceu em Estocolmo (Suécia) e morreu em Londres (Inglaterra) (1688-1772). Em Londres, em 1744, teve uma visão que abre seus canais mediúnicos e determina sua vocação religiosa. A partir dessa época, começa a publicação de suas inumeráveis obras sobre "A Nova Jerusalém", nome místico que deu à sua religião. A sua teoria sobre visões a longa distância é concordante com o que diz Allan Kardec a respeito. Seus adeptos, até o começo deste século, consta, somavam cerca de um milhão. O Museu do Livro Espírita do Lar da Família Universal tem, em seu acervo, a coleção, em 12 volumes, de *Arcana Coelestia (The Heavenly Arcana)*, traduzida do latim para o Inglês, e a coleção, em 6 volumes, do

como truque ou simples transmissão de pensamentos entre Madame Roger e Pâtier. Aceitei como real a manifestação da Alma da morta. Eu tinha, pois, dado um avanço para a Verdade e, sem o perceber, passado de armas e bagagens da Escola Naturista, em que vivia, para a Espiritualista que, em Magnetismo, como vocês sabem, vai mais longe do que a Animista: Admite, no fenômeno magnético, a intervenção de Anjos Bons e Anjos Maus. Terminado o êxtase, conversamos. Fortier estava reservadíssimo. Era, também, soube-o depois, seu primeiro contato com a realidade do Outro Mundo através do sonambulismo artificial<sup>48</sup>. A cultura e o senso prático de Pâtier o tornavam, para mim, digno do melhor conceito. Por isso, perguntei-lhe: Desde quando acredita você na comunicação dos mortos pelo sonambulismo? E o Amigo, falando com serenidade, respondeu-me “Desde que assisti pela primeira vez, no ano passado, a uma sessão de ‘Mesa Falante’”. Como!, exclamei surpreso. Crê você, então, que o fenômeno da Mesa Rotante é produto dos Mortos? E ele, replicou-me calmamente: “Posso afirmar-lhe que sim, falando de pura e sincera convicção. No fenômeno da Mesa não intervém, a meu ver, outra vontade, nem outra força, que a vontade ou a força das Almas dos Mortos”. Balbuciei profundamente chocado: “Espantoso!” e Pâtier acrescentou: “Você tirará a mesma Conclusão, julgo eu, quando fizer suas experiências. Olhe: As sessões de Madame De Plainemaison por exemplo, são ótimas para esse fim”.

Fitando a senhora De Plainemaison, disse Rivail:

— Estava presente, ouvindo nossa palestra, essa bondosa Amiga que teve a gentileza, ato Contínuo, de convidar-me para sua próxima sessão de Mesa Rotante, estendendo o convite a Gabi. Eu não podia, nem queria protelar mais a verificação do fato. Na terça-feira seguinte, 8 de maio de 1855, fomos Gabi e eu à residência fidalga de nossa Amiga, na Rue Grange-Batelière 18. E ali testemunhamos, finalmente, os fenômenos espíritas pela primeira vez — dois anos depois de observados por muita gente em quase todos os pontos da França. Vimos, nesse dia, um guerdão<sup>49</sup> de pinho girar numa das peanhas, andar e saltar como rã, tendo sobre si, no começo, uma cadeia de mãos em que tomei parte e, ao final, só as mãos da Senhora De Plainemaison. Durante os trabalhos da Mesa exerci intensa e indiscreta fiscalização dos assistentes. E convenci-me de que eram tão culpados quanto eu. Após essa mostra, por si só bastante parti produzir num homem da minha fibra, infenso à Metafísica, forte abalo, sentamos, meia dúzia de pessoas, entre as quais Gabi, à volta da mesma mesinha, formando, sobre ela, nova corrente de dedos. Depois de curtos minutos a ‘Mesa’ ergueu e

---

*Apocalypse Explained* (em Inglês).

<sup>48</sup> Sonambulismo Provocado.

<sup>49</sup> Pequena mesa (de pé-de-galo) de centro, geralmente redonda, com um pé central único.

desceu um dos pés e principiou a bater com ele, rapidamente, no soalho, os sinais convencionados, de ‘sim’ e ‘não’ e das letras do alfabeto, para formar frases. Apesar de toda a sua simplicidade, tal fato foi, para mim, como a Descoberta da América para Colombo: O mais notável acontecimento da vida. Antes desse dia 8 ‘de maio de 1855, nas horas de meditação, o Mundo Espiritual e a existência da Alma apresentavam-se, a meu espírito, como enigmas indecifráveis e pura matéria de Fé. Diante da Mesa Animada eu encontrava, de súbito, a chave do angustiante problema da Imortalidade, debalde procurada, por mim, na Filosofia e na Religião. E admirei-me de ver, ali, tantas pessoas cultas e ilustres, que constituíam a sociedade de Madame De Plainemaison e vinha aos Espíritos de longa data, preocupadas, tão somente, com futilíssimas consultas, como se a Mesa Falante fora uma cartomante. Para mim, o Espiritualismo americano, apresentado de chofre e na sua expressão mais rudimentar, pareceu de importância comparável a uma Divina Manifestação. Eu tinha ante os olhos jorrada de repente, na minha estrada de Damasco, a luz fulgurante da Verdade. E a Verdade, em plena luz, pareceu chamar-me pelo nome, como fez a Paulo, e por isso, em meu espírito, eu Lhe respondi: Presente! Assim, enquanto outros, menos advertidos, se entretinham com insignificâncias deste Mundo Material, procurando soluções fáceis para os casos baratos da vida caseira ou comercial, eu me remoia no desejo de transformar aquela Mesa numa cátedra e indagar dos Espíritos as realidades maravilhosas do Mundo Espiritual. Impossibilitado de fazê-lo, por impropriedade de ocasião, orei, pedindo à Providência me proporcionasse ensejo de melhor testemunhar os fatos e obter revelações de fundo filosófico. Para mim, como vocês veem, o fenômeno da Mesa Rotante, desde o primeiro momento, vinha solucionar todas as questões em aberto na Filosofia e na Religião. Somos, pois, Gabi e eu, gratíssimos à fina gentileza de Madame De Plainemaison, a quem devemos nossa iniciação espíritica. Foi ela nosso primeiro médium de manifestações objetivas e o derradeiro elo da corrente que me amarrou ao cais seguro do Espiritismo.

A Senhora De Plainemaison, de natureza sensível, levou o lencinho de renda aos olhos marejados.

\* \* \*

O orador falou ainda:

— Tudo na ordem da Natureza se coordena segundo sábio Desígnio da Providência. Fortier, Carlottl, Madame Roger, Pâtier e a Senhora De Plainemaison foram os liames indispensáveis à minha amarra ao porto da



Verdade. Malgrado, porém, a boa intenção de Madame De Plainemaison, que tudo fez em sessões sucessivas durante três meses para me facilitar as observações, eu encontrava, em sua casa fidalga, forte embaraço ao estabelecimento dum plano de estudo sistematizado como eu desejava empreender. Dum lado, sua mediunidade naquele tempo, era apenas "motora".<sup>50</sup> As tentativas com a Corbelha Escrevente só se coroavam de êxito, nas experiências em sua casa, quando presente uma jovem de dezesseis anos, loura e risonha, que com seus pais vinha, desde algum tempo, frequentando as sessões. Doutro lado, a sociedade, conquanto letrada, distinta e não raro nobre, era demasiado mundana. Os Espíritos, embora bondosos e pacientes, não pertenciam àquela categoria superior de onde nos poderiam baixar ensinamentos de alto quilate. Sem dúvida, ali aprendi muitíssimo. Ali encontrei os primeiros transeuntes invisíveis de Outro Mundo, que me deram notícias da vida no Além-Túmulo. Ensinaram-me muita coisa não só quanto à teoria, mas, sobretudo, quanto à prática das evocações. Dada, porém, a minha ânsia de conhecimentos filosóficos e religiosos, não me era possível estacar nessas noções rudimentares que me resultavam dos primeiros ensaios. Eu entrevia, além delas, alguma coisa mais séria, talvez ainda não atingida em outros lugares. Para mim, os fenômenos não visavam somente a prova da Imortalidade da Alma, mas preparavam os homens para uma Nova Revelação da qual resultaria Nova Lei Religiosa, como surgiu, outrora, pela mediunidade de Moisés, a Lei Judaica, e, pela mediunidade de Jesus, a Lei Cristã. Com essa convicção deliberei não parar nos primeiros ensaios. Vendo meu interesse pela mediunidade de Caroline, que acionava a Corbelha Escrevente em casa de Madame De Plainemaison, o Senhor Baudin, com a lhaneza cativante que o distingue, convidou-me a frequentar suas sessões de quartas e sábados. Gabi e eu, logo no dia seguinte, comparecemos na Rue Rochecouart, 7, onde, então, residia a família Baudin. Isso aconteceu numa inesquecível quarta feira, 10 de agosto de 1855, três meses justos após minha estreia no Espiritismo. Quem hoje, caros Amigos, me convenceria de que o feliz encontro com a família Baudin foi, para mim, mera obra do Acaso?

O interesse da assistência, longe de esmorecer, crescia. Percebendo-o, entusiasmou-se, ainda mais, o orador:

— Em casa do Senhor Baudin conheci os bons amigos e Senhores Canu, Leclerc e Clément e suas respectivas Senhoras, todos médiuns. Foi o Senhor Leclerc a mão que me levou, em janeiro do ano passado, à casa do Senhor Japhet, à Rue Tiquetonne 14, onde me foi dado estimar, além desse ilustre Amigo, a sua digníssima filha Ruth Celine. Aí também, fiquei conhecendo pessoalmente, um

---

<sup>50</sup> A que produz o movimento dos corpos inertes. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XVI, n. 189)

dos Pioneiros do Espiritismo na França, o notável Magnetista, Senhor Roustan, que só de nome, então, eu conhecia e que nos honra com sua presença.

— Obrigado, o honrado sou eu — diz Roustan.

— Os Senhores Japhet e Roustan ajudaram-me bastante com sua longa experiência. Puseram-me à disposição seus arquivos. O exame de numerosas comunicações, ali encontradas, convenceu-me de que os princípios gerais já registrados, por mim, na casa do Senhor Baudin, com os quais organizara *O Livro dos Espíritos*, eram os mesmos sustentados nas sessões da Senhorita Ruth, apenas com a diferença de estilo. Essa conformidade de ensinança levou-me, mais tarde, em meados, do ano passado, a proceder à revisão da obra em casa do Senhor Japhet, ouvindo os Espíritos, por intermédio de sua gentilíssima filha. Esse trabalho foi empreendido em junho e concluído em dezembro de 1856, sempre numa atmosfera de boa compreensão e grande generosidade da parte do Grupo dirigido pelo ilustre Amigo Senhor Roustan. Depois de concluída a revisão, recorri, a conselho dos Guias, a outros médiuns, a fim de me confirmar, em certos pontos mais difíceis, por inovadores. Foi então, que além dos Senhores Japhet e Roustan, médiuns intuitivos, me prestaram relevantes atenções a Senhora Canu, sonâmbula inconsciente; seu marido, médium falante; Madame Leclerc, médium escrevente; a Senhora Clément, médium falante e vidente; a Senhorita Aline Carlotti, também falante e escrevente; Madame De Plainemaison, que se tornou, ultimamente, auditiva e inspirada, e Madame Roger a clarividente notável. Se, para a elaboração d'O Livro me limitei a ouvir os Espíritos, mais particularmente, por intermédio de Caroline e Julie, tive, na revisão e controle da obra, o concurso de mais de dez médiuns, cujo caráter e desinteresse todos conhecemos de sobejo. Instrumentos da Providência, cada qual me trouxe a sua parte preciosa à obra que os Espíritos, hoje, lançam ao Mundo sob a minha única responsabilidade. Sem o bondoso apoio de todos não me seria possível, em tão pouco tempo, penetrar, como o Vate Florentino, na "Selva Selvaggia" de onde, sem o brilho imortal do Poeta, me foi dado trazer, para nossos semelhantes, um punhado de noções da Moral de Além-Túmulo. Não tendo mediunidade própria, a Providência facilitou-me a incursão no Mundo Invisível através das faculdades anímicas de meus caros Amigos. Gabi e eu lhes agradecemos do fundo da alma.

— Nada que nos agradecer! — disseram alguns.

— O Senhor estava predestinado para isso — diz Madame De Cardone.

\* \* \*

Mudando de tom, passando da linguagem circunspeta para a espirituosa,

como era de seu hábito, Rivail acrescentou:

— O aparte gentil de Madame De Cardone fez-me lembrar que ela cultivava a arte, impressionante e sedutora, de ler o destino na palma da mão. Provavelmente já leu a de algumas Senhoras que me ouvem. Ter-lhes-ia previsto, que empreenderiam comigo, uma aventura no mundo dos Espíritos?

A sociedade voltou-se, curiosa, para Madame De Cardone que estava, ao lado de Aline, na saleta de visitas. Corada, pelo inesperado da interpelação, ela replicou, meio confusa:

— Meu aparte foi sincero e espontâneo. Irreprimível. Li, de fato, a mão de quase todas as amigas aqui presentes... e também de alguns Cavalheiros. Vi, em muitas mãos, sinais de missão espiritual.

— Bravos! — exclamou Rivail. Que lhes dizia eu?

Ela continuou mais animada:

— Gostaria de ler, também, a mão do Professor, a fim de provar-lhe que há alguma coisa de sério na Quiromancia.

Rivail respondeu, pronta e delicadamente:

— Por certo que há alguma coisa de sério na Quiromancia, Madame. Não insinuei o contrário. Longe de mim a ideia de considerar sua arte um embuste! Mas devo dizer-lhe, com sinceridade, meu desvalioso parecer sobre o que ocorre na leitura da mão. Não é, penso eu, pelas linhas que os bons quiromantes, como Madame De Cardone, veem o passado e o futuro dos consulentes. É pela intuição sonambúlica<sup>51</sup> ou mediúnic. A meu ver a Senhora De Cardone, como meu amigo Capitão D'Arpentigny, encontram nas linhas da mão o "meio", o médium, de entrar em "crise" ou em "transe", como os sensitivos que usam o pêndulo<sup>52</sup> ou a forquilha. Trata-se, ao meu humilde aviso, duma "lucidez" e não duma "arte" e, ainda menos, duma "ciência", como pretende D'Arpentigny.

— Espero me permita provar-lhe que, talvez, D'Arpentigny tenha razão, Professor. A Quiromancia baseia-se em fatos; portanto, é "científica".

— Gabi e eu iremos pagar-lhe, breve, esta amável visita e então, assistindo a seu trabalho, terei ensejo de melhor diagnosticar a sua faculdade e expor-lhe minha opinião. Ou modificar meu ponto de vista.

\* \* \*

---

<sup>51</sup> No homem tais fenômenos constituem a manifestação da vida espiritual; é a alma a atuar fora do organismo. (*A Gênese*, cap. XIV n° 22) É sua alma (do sonâmbulo) que vê, ouve e percebe, fora dos limites do sentido. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XIV, n. 172).

<sup>52</sup> Instrumento de adivinhação da Antiguidade, que se movimenta por ação fluídica. M.E. Chevreul o estuda em *De Baguette Divinatoire, du Pendule dit Explorateur et des Tables*. O Museu do Livro Espírita do Lar da Família Universal tem em seu acervo um exemplar do ano de 1854.

E concluindo:

— Ai está, Senhoras e Senhores, porque Gabi e eu tivemos a ideia de os reunir neste ágape espiritual. Quisemos, no dia em que é lançada ao Mundo a "Filosofia dos Espíritos", base da "Religião do Futuro", congratular-nos com aqueles que colaboraram conosco na realização desse advento. Desejamos, principalmente, numa prece, congregá-los em espírito, para um preito de gratidão à Providência Que nos concedeu a de laborarmos em Seu Plano de Amor à Humanidade. Assim, tal como muita vez fizemos ao encerrar nossos trabalhos espirituais, convido-os a orarem comigo.

Os que estavam sentados, levantaram-se. Rivail, apoiando o antebraço esquerdo no mármore branco da lareira, ergueu ligeiramente a cabeça, cerrou as pálpebras, arqueou o peito com profunda inspiração e, soltando a expiração lentamente, disse:

— Senhor!

(Um relâmpago brilhou no pátio, como se a Natureza respondesse à evocação. A coincidência emocionou a sociedade).

— Senhor! — repetiu Rivail, comovido. Apesar de nossa extrema fraqueza moral, chamaste-nos a compartimentar de Teus Planos. Embora convencidos, como estamos, de nossa incapacidade espiritual, pusemo-nos, prontamente, à Tua disposição. Eis o único merecimento nosso. Atendendo, porém, ao Teu Chamado, fomos amparados pela Tua Graça. Dignificaste-nos na base de 100 por um. humildes, ficamos exaltados. Ignorantes, recebemos o clarão do conhecimento. Derramaste sobre nossos Espíritos a água lustral de Tua Bênção, que limpa as máculas do passado, fortalece a Fé e enche o coração de esperança. Deste-nos uma túnica branca e, perdoadando nossa indignidade e indigência, convidaste-nos a sentarmos à Mesa da Eucaristia Espiritual para receber de Ti, pela mão sacerdotal de nossos Guias, o Pão que alimenta a Alma e o Vinho que a reconforta. Graças ao auxílio inestimável dos Espíritos bondosos que colocaste à frente da Nova Revelação, demos hoje, o passo inicial na Era Nova. Estamos altamente recompensados pelo pouquíssimo que fizemos. Obrigados! Consente, Senhor, que a mesma graça lustral da Revelação banhe, doravante, quantos procurarem os ensinamentos d'O Livro dos Espíritos! Abençoa nossos companheiros ausentes e, sobretudo, os Guias luminosos que nos instruíram, aos quais devemos Teus ensinamentos. Que Tua Paz e Alegria fiquem sempre conosco!

— Assim seja! — disseram todos em uníssono.



Uma efusão de júbilo aflorou aos semblantes de todos após a prece. Durante ela desabara, subitamente, curtíssimo temporal. A intensidade do relâmpago e do trovão, que precederam a chuva, sobressaltara os corações pelo inesperado. Mas Rivail, senhor de si e do momento, imprimindo à voz um tom dramático, pode converter o susto geral em efeitos vibratórios, que tornaram a oração a um tempo emotiva e sintonizada.

Batendo forte nas venezianas, felizmente cerradas, as pingas em jorro pareceram a manifestação física de Espíritos sofredores suplicando à Caridade, sedentos de Luz e Misericórdia. E, passando, com relampejar distante e trovoadas em murmúrio, justamente quando findara a prece, a inopinada e passageira descarga atmosférica provocou comentário admirativo na conversa animada. Embora as precipitações pluviais rápidas e trovejantes fossem comuns na Primavera, houve a impressão geral de não ser aquele aguaceiro, no justo instante da prece, simples coincidência, mas uma cena teatral verídica preparada pelo Invisível.

Enquanto a sociedade discutia o assunto, Gabi e Caroline passaram a servir confeitos e bombons.

A certa altura da palestra, Carlotti mostrou desejo de dizer algumas palavras. O silêncio restabeleceu-se, pondo-se todos à escuta.

\* \* \*

E o amigo de Rivail principiou:

— Fui preso da emoção, Senhoras e Senhores, não quando o raio pareceu cair dentro deste apartamento, mas quando o Professor disse, em seu brilhante discurso, ter sido eu o primeiro a falar-lhe sobre a intervenção dos Mortos no fenômeno da Mesa. Aprendi, em criança, que a faísca de Júpiter não atinge aquele que vê o relâmpago, pois, o raio fulmina sua vítima antes dela perceber-

lhe a centelha e o estalo. O que me chocou e me faz agora abusar da palavra...

— Abusar, não! — aparteou Rivail. Você usa sempre da palavra com inteira propriedade.

— ... foi o fato, para mim, desvanecedor, de haver sido, num minuto da vida, instrumento da Providência junto de Rivail.

— Um elo da corrente que me prendeu ao cais do Espiritismo, acentuou o Professor.

— Ufano-me desse fato, que me tornou colaborador da providência, numa fase histórica da Humanidade. Eu o ignorava. Conheço, porém, outro que, esse, considere sempre um sinal da Intervenção Divina em favor de Rivail, "sinal" de que tive a ventura de ser testemunha cooperante. Relaciona-se com a narrativa do Professor e a ela deverá ficar apenso, como parte complementar da história de O Livro dos Espíritos. Antes porém, de narrá-lo, quero merecer dos bons amigos um bocado de paciência para uma explicação pessoal. A bem da verdade, preciso retificar um ponto do esplêndido discurso de Rivail.

\* \* \*

E prosseguiu:

— A crença na manifestação dos Espíritos pela Mesa não me veio, como supôs Rivail, da teoria animista. Veio-me com o sonambulismo místico da Escola Espiritualista, exatamente como aconteceu com o Professor. Até meados de 1850 eu era, de fato, adepto sincero da Escola Animista. E tinha ojeriza não só pelos Naturistas, um tanto petulantes em sua meia-ciência, perdoe-me o Professor Rivail para quem abro exceção, mas, sobretudo, pelos Espiritualistas, que viam na ação magnética uma destas duas coisas em que eu não acreditava: Ou os dedos sedosos de São Miguel e de seus Anjos, ou as garras aduncas de Satã e de seus Demônios. Naquele ano de 1850, conversando um dia com o Senhor Roustan, na Sociedade Magnetológica esse bom companheiro até então Animista como eu, me advertiu de que, a seu novo modo de ver, os Espiritualistas se achavam mais próximos da "realidade magnética" do que os Animistas. Travamos logo debate, pois sou incorrigível contraditor e as alegações de Roustan me assombraram pela lógica, deixando-me apreensivo e sedento das demonstrações que ele me prometera. No dia seguinte, após uma noite agitada, em que me pareceu estar rodeado de Gnomos e Demônios, procurei outra vez Roustan na mesma Sociedade de que eu fazia parte e onde ele, de graça, distribuía, diariamente, passes magnéticos de cura aos doentes que buscavam a terapêutica magnética. E pedi-lhe me encaminhasse às provas prometidas



Atendendo-me gentilmente, levou-me, pouco depois, a uma casa da Rue Tiquetonne, em cujos fundos havia modesta oficina de camiseiro. Um homem de pequena estatura, franzino, de avental azul e gorro de veludo preto, sem abandonar a mesa onde trabalhava, de pé, no corte duma camisa, recebeu-nos com estas palavras: “Entrem, Irmãos”. Era o Senhor Alphonse Cahagnet, o Magnetista discutido que, havia pouco, publicara seu impressionante livro *Arcanos da Vida Futura Desvendados*. Dele, já me haviam falado muito nas rodas magnéticas. Mas, malevolamente a defesa de seu caráter, de sua integridade mental, de seu trabalho em torno do Sonambulismo, só na véspera, me fora dado ouvir, pela primeira vez, dos lábios sinceros e ah alisados de Roustan Achava-me pois, diante do homem que, em plena metade do Século XIX, opunha suas experiências magnéticas ao Positivismo, ao Naturismo, ao Animismo, sustentando que as Almas dos Defuntos podiam comunicar-se com os homens, por intermédio das sonâmbulas. Confesso caros amigos, que minha primeira impressão foi decepcionante. Esperava encontrar o tipo clássico do Alquimista, do Mago, do Hierofante, e encontrava um simples e humilde camiseiro. Ciente do objetivo de nossa visita, o grande místico apontou-me uma operária que, sem nos ligar atenção, trabalhava junto à janela, debruçada sobre a costura. Era sua principal sonâmbula. Dispunha de raras horas, para o serviço magnético roubadas geralmente ao descanso. Estavam tomadas, as mais próximas, por outras entrevistas, já marcadas. Fixou-me, por isso, uma sessão, para daí a três dias. Não querendo esperar tão longo tempo, para resolver um problema que me afligia desde a véspera e Vocês sabem como os mistérios do Além me empolgam, apeguei-me à boa vontade de Roustan. Caminhando pela calçada ímpar, ele me disse: “Nesta mesma rua temos outra sonâmbula, tão boa quanto a de Cahagnet. Vamos até lá”. E levou-me à casa do Senhor Japhet. Tive então a alegria e a honra de conhecer a Senhorita Ruth Celine. Pálida, magrinha, meiga, sorridente, com seus olhos grandes, de pupilas negras e dominadoras, a gentil Menina deu-me a primeira impressão de ser uma criança sofredora. Pensando na minha filha Aline, de igual idade e constituição delicada, senti íntima revolta, contra mim mesmo, por querer aproveitar-me de tão frágil sensibilidade, quase infantil, e, a meu ver, quase enferma, para saciar a gula de saber das coisas misteriosas. Prevaleceu, porém, o pecado da gula... A sessão realizou-se de pronto, com a presença duma Senhora, cujo nome não retive, e duma Senhorita "sensitiva" também, amiguinha de Mademoiselle Japhet. Caindo em transe sonambúlico, sob os passes de Roustan, a Menina Japhet denunciou o comparecimento, junto de nós, de várias entidades invisíveis e para mim inteiramente desconhecidas. Transmitiu a Roustan, à dama e à moça conselhos de ordem moral e médica,

formulados pelos Mortos. Nada de que se me deparava, até então, era convincente da real presença de Almas de Defuntos. Tudo não passava, a meu ver, de mera clarividência da extática, cuja sinceridade eu não punha em dúvida. E considerava, com meus botões: Se nisto se ergue a crença de Roustan, estou bem arranjados mas, de repente, atalhando meu pessimismo, a sonâmbula informou achar-se, a meu lado, certa mulher, cujos traços fisionômicos e porte corpóreo me foi descrevendo, pormenorizadamente, com acentuados característicos de minha tia Ninette, falecida há mais de trinta anos. A descrição física da Morta e suas palavras eram, de tal modo, identificantes, que a recordação de fatos de minha vida de moço, completamente esquecidos, foi um excesso de prova apresentado por minha tia. Sem a menor discussão ou reserva, passei, comovido e sincero, da Escola Animista à Espiritualista. Quando, na semana seguinte, em casa do Senhor Alphonse Cahagnet, a sua estática, a meu pedido, invocou tia Ninette, eu já era um "velho" e profundo adepto do Espiritualismo Sonambúlico e perfeito Irmão de Cahagnet. A descrição de minha parenta, renovada em detalhes, por Adèle Maginot, a estimada sonâmbula de Monsieur Cahagnet, conferiu exatamente, com a esboçada pela Menina Ruth. Apenas se acresceu dum informe importante: A natureza da enfermidade que vitimara minha tia. Eu ignorava o pormenor da moléstia e só três meses depois, nas férias em Nice, falando a respeito com meu primo, filho dela, soube ser exato o detalhe mórbido. O Grupo Magnético do senhor Cahagnet, em 1850, era denominado Sociedade dos Magnetizadores Espiritualistas e possuía uma vintena de constantes clientes. Alistei-me entre os sócios, tornando-me sincero propagandista da manifestação das Almas dos Mortos por intermédio dos sonâmbulos. Convenci o senhor Cahagnet da necessidade de requerer ao Prefeito de Polícia licença para o livre funcionamento da Sociedade, que era secreta. Creio que foi ela a primeira associação parisiense devidamente autorizada pela Policia a... evocar as Almas de Defuntos.

– A primeira, realmente, licenciada — apoiou Roustan.

– Minha convicção portanto, ocorreu três anos antes de aparecer, entre nós, como grande descoberta americana, a Mesa Rotante e a Teoria dos Espíritos. O Espiritualismo americano só me trouxe, de novidade, a comprovação "objetiva" dum fato que eu já admitia "subjetivamente", se vocês me permitem empregar a linguagem de Augusto Comte, bem ou mal. Eu já aceitava a manifestação dos Mortos pelas sonâmbulas e não tive a menor dificuldade em compreender e aceitar a sua comunicação pela Mesa. Minha conversão aos Espíritos é o que desejo acentuar seguiu, portanto, ritmo similar à de Rivail, com diferença apenas de tempo: Ele foi chamado a ver a clarividência notável de

Madame Roger num dia e, no seguinte, pode testemunhar a Mesa Rotante em casa de Madame De Plainemaison. Eu levei doze longos meses para ir da não menos extraordinário clarividência de Ruth Japhet e Adèle Maginot à Mesa Falante, que me foi dado presenciar, pela primeira vez, em 1851, na casa do Senhor Japhet, com a médium Ruth, isto é, dois anos antes da novidade americana "invadir" a França.

— Você foi um Pioneiro — aparteu Rivail.

— Segui, apagadamente, a esteira desbravadora de Cahagnet e Roustan.

\* \* \*

E, após um instante, continuou:

— Vou contar-lhe, agora, o incidente providencial em que tomei parte com Rivail. O Professor falou-me há pouco, haver-se encontrado comigo em janeiro de 1855 sem nos dizer, entretanto, o dia. Posso indicar-lhes a data com precisão: 6 de janeiro. Não porque eu tenha melhor memória do que ele. E que fiz, nesse dia, bodas de prata, e Rivail com sua Senhora, deu-me a honra de vir à nossa festa. Conversamos sobre a novidade da época, a Mesa Magnética, e, levado pelo entusiasmo de propagandista, mas respeitoso da opinião arraigada de meu nobre amigo, falei-lhe da minha convicção. Como ouvimos, ele não a levou a sério. Dessa data até a véspera de Santo Antonio, no ano passado, eu o havia perdido de vista. Na noite antonina, em casa festejada tradicionalmente, por ser meu aniversário, reapareceu-me ele de surpresa e sozinho. Após os cumprimentos perguntou-me se eu praticava em família o espiritualismo americano. Respondi afirmativamente, imaginando haver soado, talvez, a hora dele. Indagou-me se eu tinha médium de confiança. Falei-lhe da minha filha Aline que, nesse momento, fazia sortes com algumas amiguinhas. Consultou-me sobre a possibilidade duma rápida sessão para assunto importante e pessoal. Eu ignorava completamente, o que, em matéria de crença magnética se passara com ele no período decorrido desde aquele dia Reis Magos de 1855. Mas agora, estava convicto de que já lhe havia soado a hora de conhecer a verdade sobre os Mortos, hora que soará, mais cedo ou mais tarde, para todos os Magnetistas. Chamei prontamente a mulher e a filha e reunimo-nos em meu escritório, de portas fechadas, depois duma explicação leal aos amigos presentes. Aline preparou o lápis e o papel sobre a minha escrivaninha enquanto nos assentamos a seu lado. Rivail falou-lhe da conveniência de usar a pena e a tinta por ser mais legível a escrita e nos convidou a abrir a sessão com uma prece. Não era este o costume nosso e nos vindo a proposta, dum Naturista convicto, dava para a

gente cair das nuvens. Rivail orou de pé, como perfeito discípulo do Cavaleiro de Barbarin, dizendo: “Em nome de Deus Todo-Poderoso evoco o Espírito verdade. Senhor, concede-nos esta graça”. Do Espírito Verdade, nem eu, nem minha família, jamais ouvimos falar senão no Evangelho. Mais espantado fiquei, quando Aline, em vez de escrever como de seu hábito mediúnico, desprezou a caneta já empunhada e entrou, suavemente, em crise sonambúlica pela primeira vez, falando-nos: “Que desejam vocês de mim, filhos meus?”. O Professor respondeu: “Meu caro Guia: Desejo saber, por este médium estranho a nossas sessões costumeiras, que pensa você da suposta 'missão' a mim atribuída por alguns Espíritos. Não tenho motivos sérios para crer, nem deixar de crer, nessa revelação. Não quero, porém, ser indiferente a uma eventual advertência do Alto para meu estímulo, nem ludibriado por uma impostura. Quero, ao contrário, tomar a sério todas as tarefas a mim confiadas, se procedentes. Por isso vim apelar para você, esperando me fale com a habitual franqueza”.

\* \* \*

Carlotti, fixando Rivail, que o escutava atento e grave, perguntou-lhe:

— Não se recorda do fato, Professor?

— Perfeitamente. Penso, porém, que esse incidente íntimo devia permanecer em quarentena, por longo tempo. Não o acha?

— Agora é tarde, caro Amigo. Já puxei a corda e o pano desliza. Esta sala está cheia de gentis espectadores que não me perdoariam interromper a "indiscricção"... Seria, aliás, uma discricção de Polichinelo: Quase todos aqui, sabemos ter sido você "escolhido", entre muitos "chamados", para iniciar a Reforma Religiosa nesta fase de transição por que passa o Mundo. O que se ignora, talvez graças a sua e a minha prudência discreta, é o episódio em que tomamos parte, o qual, a meus olhos, não deve continuar mais oculto, depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos*. Permita-me, pois, continuar a narrativa do fato.

— Sem dúvida! — concedeu Rivail.

— Pois meus Amigos: Ao escutara consulta de Rivail a um Espírito de mim desconhecido, de nome vago e alegórico, e mesmo um tanto pretensioso para um Ser Errante, ainda que superior, fiquei aflito. Lembrei-me logo do pobre Victor Hennequin a palestrar com *A Alma do Mundo*. Não seria, porventura, pensei eu, o tal Espírito Verdade outra espécie de "Alma da Terra", que levara o grande Socialista à loucura e à morte violenta? E temi, sinceramente, o que pudesse haver de mistificação em volta de nosso Professor, então para mim, um novato

no espiritualismo. E, com a força da piedade humana e o impulso da Fé, supliquei mentalmente a Jesus, não permitisse a um mistificador invisível continuar iludindo meu velho companheiro de lides magnéticas, levando o, após tantos anos de estudo, a crer ter sido escolhido por Deus Todo-Poderoso, tal como o pobre Hennequin, para "salvar o gênero humano". Recorri também, a meu Guia Santo Antônio, pedindo-lhe me ajudasse a confundir o estranho manifestante que usurpava um nome divino. Eu estava, porém, condenado, naquela noite antonina, a ter a imaginação arrastada, de surpresa a surpresa. O Espírito respondeu: "Confirmo o que lhe dissera, mas, para ser bem sucedido no empreendimento, você deve ser discreto".

— Como vê — aparteu Rivail, a discricção não é exigência minha.

— Nem culpa sua, caro Professor. Mas, já está rompida. O dado está lançado. Azar meu! Permita-me prosseguir e arcar, sozinho, com a responsabilidade de minha indiscricção. Meus amigos: Diante da insinuante resposta do Espírito fiquei derreado e disse a mim mesmo: Mais uma cilada das Trevas. Esta, porém, espero em Jesus poder desmanchar, com o auxílio de Santo Antonio. Circunspeto e atento, o Professor ia anotando do próprio punho o ditado espiritual e minha filha, falando ponderadamente, com "autoridade", desusada nela. Firmei a atenção nas palavras para, depois, comentá-las com o próprio Espírito, na esperança de refutá-las uma a uma. A medida, porém, que se desenrolava, a estranha mensagem me foi parecendo, pela ponderação, a linguagem dum Espírito Superior. Longe de querer iludir, a Entidade mostrava a Rivail todos os percalços dum empreendimento reformador de crenças vestutas e arraigadas. Infelizmente, caros Amigos, não me é possível reproduzi-la de cor. Dou-lhes dela apenas a essência, guardada indelevelmente. O Espírito Verdade anunciou estar chegada a hora da Reforma Religiosa, para a qual se fazia necessário somente o homem. Se o primeiro chamado falisse, outro o substituiria, porque o Desígnio da Providência jamais ficaria a mercê do livre arbítrio humano. Se fosse até o fim, seria ajudado pelos Espíritos Superiores e premiado afinal, no Outro Mundo. Descreveu os tropeços e alçapões levantados pelas Trevas no caminho do Reformista. Não lhe bastaria escrever os princípios fundamentais da nova religião: ser-lhe-ia indispensável afrontar o Mundo e propagar a Reforma, lutando com os inimigos visíveis e invisíveis, perversos e traiçoeiros. Nem lhe seria bastante possuir cultura e inteligência; preciso lhe fora, acima de tudo, ter caráter e bravura. Mostrou em traços vivos o quadro de amarguras, contrariedades, calúnias, dissabores, choques morais e físicos e riscos da própria vida, reservados ao empreendedor da Reforma. E terminou com estas palavras inesquecíveis: "A missão que lhe foi apontada não lhe é

‘obrigatória’, mas ‘subordinada’ a condições que não dependem dos Espíritos, mas, somente, do homem chamado. Estaria você disposto a aceitá-la com todos os percalços da Perseguição?”. Confesso, prezados Amigos, que diante da sombria perspectiva de traições e pancadarias de Espíritos e homens maus, eu ia, instintivamente, para ajudar Rivail, responder ao Espírito Verdade: Não! Mas faltou-me o tempo de despregar a língua. Mais ágil que eu, o Professor replicou, prontamente: "Aceito o encargo da Providência sem restrições nem reservas".

Um sussurro de alegria percorreu a assistência, com troca de olhares significativos entre os ouvintes.

\* \* \*

Deixando decorrer o instante psicológico de emotividade que a pronta "aceitação" de Rivail provocava Carloiti continuou:

— Só depois de encerrada a sessão é que eu, soube do progresso já realizado pelo Professor no campo do espiritualismo americano. Contou-me, modestamente, a sua situação inesperada: Havia começado, em agosto de 1855, o estudo do espiritualismo com o intuito de esclarecer alguns problemas de Psicologia, Filosofia e Religião. Pretendia, se chegasse a bom resultado, abrir um curso livre e gratuito de espiritualismo doutrinário, tal como vinham fazendo os Comtistas com o Positivismo e os Magnetistas com o Magnetismo. Para isso ia arrolando as lições dos Espíritos. Quando, em meditação, evocava o Espírito de sua venerável progenitora, Senhora Jeanne-Louise Duhamel Rivail cujo retrato a óleo temos diante de nós, traçado pelo pincel de nossa estimável artista, Professora Amélie Boudet. Acreditava fosse ela o seu Espírito Familiar pois sonhava, amiúde, com ela. Um dia, em casa do Senhor Baudin, atendendo a um consulente, o Guia do Grupo falou-nos ‘Gênios’ que protegem e assistem os homens inspirados. Rivail, na proteção materna, arriscou sua primeira "prova de identidade". Perguntou, bisonhamente, se também ele, como escritor, estava gozando desse favor invisível. Esperava uma resposta, pronta e simples, como esta: “Sim, Você é assistido por sua mãe”. Aguardava, essa resposta, por dois motivos importantes para um Magnetista: Primeiro, não pensava, naquele momento, em outro Espírito; segundo, o médium que operava na ocasião sabia, como os assistentes, ter Rivail particular afeto pelo Gênio materno. O Guia, porém, respondeu-lhe apenas "sim". O monossílabo era demasiado vago. Insistiu por mais clareza e "insinuou", mentalmente; a resposta que gostaria de ouvir, perguntando: “Meu parente ou um Amigo?”. E, não satisfeito de transmitir, assim, o seu anelo mental ao Guia, tentou ainda, ajudar o médium, empregando a



velha arma dos Naturistas: A força da vontade. “Eu agia assim”, explicou-me ele, “a título de experimentação, e o fazia pela primeira vez em trabalho mediúnico. Queria medir até onde podia ir a influência mental do consulente na resposta do médium. Almejava sobretudo, descobrir se minha força magnética valia alguma coisa sobre a vontade duma menina de 16 anos, despreocupada e risonha, que conduzia a Corbelha como um brinquedo”. Notem bem: Nosso prezado Professor, um dos maiores magnetizadores de Paris...

— Puro elogio! — aparteou Rivail.

— ... acreditava na possibilidade de sua intervenção mental na resposta dos Espíritos. No entanto, contrariando a sua expectativa científica, pois só os sábios afirmam que a Mesa Falante reflete o pensamento dos evocadores de supostos Espíritos, a Corbelha da Menina risonha escreveu: “Nem parente nem amigo”. Rivail admitiu, por um instante, que o Guia zombava dele. Não se dando por vencido, contornou habilmente o inquérito: “Quem foi ele ou ela na Terra?” E a resposta: “Um homem justo e sábio”. Não se tratava, pois, do Espírito materno. Talvez fosse a Espírito paterno, que animou, na Terra, um “homem justo e prudente”. Não ousou, entretanto, perguntar. Certa noite escrevia ele, aqui neste seu escritório, um capítulo de O Livro. Estava sozinho, neste apartamento. Ouviu bater de leve nesse tabique. O orador apontou a parede que separava o escritório do quarto de dormir. Parou de escrever para escutar melhor. Nada mais percebendo, prosseguiu na escrita. E ouviu novo toque-toque-toque mais nítido, mais humano, por trás de si. Um arrepio perpassou-lhe o espinhaço. Levantou-se, de vela à mão e examinou o tabique dos dois lados. Não achando a causa do ruído, nem o percebendo mais, pensou em carochinha sob o papel da parede ou numa vibração natural da madeira. Voltou escrivaninha. Mal reiniciou a escrita, eis de novo o toque-toque-toque. Para excluir qualquer hipótese outra que a espiritual, passou um bocado de tempo a examinar a parede a escutar cuidadosamente. Notou porém, que o sinal se reproduzia, justo quando ele tentava escrever. Parecia um ato de vontade invisível para o atrapalhar. Nisto voltou à casa Madame Rivail. Cientificada da ocorrência, também ela, ao ouvir o toque-toque-toque, rebuscou, em vão, a causa. Não vinha do quarto de dormir, nem do andar superior, nem do inferior, mas de dentro da tábua, como se o dedo batedor estivesse metido no cerne da madeira. E soava, somente quando o Professor retomava a escrita. A Senhora Rivail, cujo senso prático estamos acostumados a admirar, propôs ao marido, e este aceitou, suspender o trabalho literário e ir para a cama. Durante a vigília, pensando na relação do ruído com a escrita, Rivail percebeu de repente haver partido duma premissa certa por um caminho errado e, desta forma, estar em marcha para uma conclusão que

arruinaria a Doutrina. Pela manhã, antes de partir para o seu Colégio, amarrotou as folhas escritas de véspera, agradecendo a Deus ter sido inspirado em tempo. E reformou o capítulo. Estava convicto do golpe de inspiração mental. Mas, duvidava, dum liame entre este e o toque-toque-toque na parede. De noite, em casa do Senhor Baudin, contou o caso. O Guia da sessão anunciou-lhe que o ruído fora determinado por quem lhe enviara a inspiração. Ambos, o golpe da inspiração e o golpe na parede, partiram do Gênio Familiar de Rivail, que estava presente e desejava falar-lhe. Pela primeira vez ia o Professor encontrar-se, tête-a-tête, com seu Anjo Guardiã, trocar ideias com ele, ajustar, talvez, um *modus vivendi* em que o livre pensamento do homem não tumultuasse a inspiração do Anjo. Ia, finalmente, saber quem era seu Gênio Particular.

— Queira notar que, esse primeiro encontro, se deu em 25 de março do ano passado — aparteu Rivail.

— Obrigado pelo importante pormenor. Faz, conseguintemente, pouco mais de um ano. Evocando, então, o seu Espírito Familiar, cuja personalidade ignorava, agradeceu-lhe a visita de véspera e pediu-lhe se identificasse, a fim de poder chamá-lo, de futuro, por um nome. E o Espírito respondeu-lhe: “Para você eu me denominarei Verdade.”

— Assim foi, realmente — interveio de novo Rivail. Eu não procurava outra coisa, nos meus estudos, senão A Verdade. Nas minhas preces eu pedia a Deus Todo-Poderoso A Verdade. Tanto pedi que ela "se personificou" para mim. Perguntei ao Espírito se ele havia animado alguém conhecido na Terra. E ele reiterou: “Para você sou A Verdade. Esse ‘para você’ implica descrição. Não queira saber mais”. E não procurei saber mais.

— Aí, está, Senhoras e Senhores, o que nos cumpre também: ‘Não querer saber mais’. Contudo, seja-me lícito dizer: Se Verdade é um nome ou um símbolo, que no Cristianismo, tanto pode caber a Jesus como ao Espírito Santo, certamente caberá, na Religião do Futuro, ao Representante de Deus que inspirou O Livro dos Espíritos.

— Apoiado! — exclamou Baudin.

— Muito bem! — sustentou Roustan.

— Devo esclarecer esse ponto — diz Rivail. A obra, hoje publicada, reflete a inspiração de vários Espíritos Superiores com os quais me relatei através da mediunidade de Caroline, Julie e Ruth, como já lhes disse. Minha, porém, sendo a orientação dos temas e a pesquisa da verdade, é de se concluir haja a obra recebido, no fundo e na forma, a inspiração do Espírito que, segundo suas próprias palavras, me assistiu em pensamento e representa, para mim, A Verdade. Entre nós, que conhecemos a precariedade humana, seria inútil, e

mesmo falso, negar que fui inspirado nesse trabalho. Além do sinal tiptante, referido pelo amigo Carlotti, sinal que me impediu de continuar escrevendo uma tese por mim mesmo pouco depois reconhecida errada, tive seguidas provas da intervenção mental e mediúnica de meu Guia na feitura de O Livro. Não houve mais manifestações do mesmo gênero tiptante, por inúteis. Recebi, porém, advertências intuitivas e instruções diretas, estas através da mediunidade das Senhoritas já nomeadas. Isto considerado, estou de pleno acordo, também, com Carlotti: Se a Filosofia dos Espíritos, contida em O Livro, triunfar na Religião do Futuro, como todos esperamos, a glória do lançamento dos princípios fundamentais da Reforma deverá ser atribuída, em sua maior parte, ao Espírito Verdade.

— Agradeço o aparte esclarecedor e coadjuvante e retomo o fio da narrativa. Eu lhes estava contando a prosa entretida com Rivail após a sessão histórica em que A Verdade, pela médium Aline, confirmou a missão destinada a nosso amigo. Notem bem: Até a data precisa, de 25 de março de 1856, Rivail não conhecia seu Gênio Familiar. Refeito o capítulo criticado, ele perguntou ao Anjo se o achava melhor. Notem ainda: O Professor não leu o capítulo em sessão; referiu-se, apenas ao escrito deixado em casa. A crítica não podia, portanto, ser da médium. E o Espírito lhe disse: “Está melhor, mas peço lhe retarde a sua publicação até o próximo mês”. A palavra ‘publicação’ surpreendeu Rivail. Até aquele momento não pensara em prelar o trabalho, destinado a seu uso didático. Pediu, por isso, explicação que o Guia lhe deu: “Quis dizer: Não o mostre a ninguém antes de nosso encontro daqui a um mês. Até lá você o pode melhorar. Estou zelando pelo seu amor próprio”.

— Carlotti está reproduzindo o episódio com extraordinária memória, afirmou Rivail. Contudo, peço-lhe licença para alguns pormenores. No primeiro encontro com o Espírito Verdade, em 25 de março do ano passado, o Guia prometeu ficar à minha disposição uma vez por mês’ Daí pedir-me não mostrasse o trabalho a ninguém antes de nosso próximo encontro. E foi um bom conselho, pois melhorei, notavelmente, o capítulo. Esse prazo, porém, não foi respeitado por mim. Abusando da condescendência do Espírito Verdade, eu o evoquei, quinze dias depois, para ouvi-lo sobre o trabalho criticado, e o chamei muitas vezes fora de época, em circunstâncias prementes. Nunca me faltou com seu auxílio.

— Detalhe magnífico. Meu intuito, nesse episódio, é mostrar-lhes, caros Amigos, que em abril do ano passado, Rivail não cogitava de publicar a obra em elaboração. Estava longe, portanto, de imaginar-se o homem “chamado” para estabelecer os fundamentos duma nova religião.

— Essa ideia não me podia ocorrer, sem logo me tornar, a mim mesmo, indigno de ser chamado — sustentou Rivail.

— Ela, de fato, lhe veio de surpresa. Estava em casa de Roustan, numa roda íntima, ouvindo sobre os acontecimentos esperados no Mundo em consequência do espiritualismo. A Corbelha de Ruth entrou em ação e, escrevendo sobre os próximos eventos, disse: “E haverá no Mundo uma Religião única, bela e digna de Deus, dirigida pela A Verdade. Os seus fundamentos já foram lavrados”. Escrito esse período, a Corbelha escapou dos dedos de Ruth e, sozinha, voltou o bico para o Professor, tal uma pessoa, que o apontasse com o dedo, e escreveu: “Rivail, tua missão é essa”. Atordoado, com a inesperada notícia, que se ligava com seu trabalho em elaboração, consultou, no dia seguinte, o Espírito de Hannemann. E o Luminar da Homeopatia, sem lhe confirmar, nem infirmar a revelação da véspera, mandou-o consultasse os próprios pendores e aspirações e concluisse, por si mesmo, se teria sido mistificado. Mas, as duas mensagens lhe haviam vindo pelo mesmo médium e a mesma Corbelha. Era prudente por o caso a limpo, e foi, para esse fim, a minha casa. Diante de tais explicações, tranquilizei-me. Conhecendo o caráter ímpoluto e a capacidade intelectual de Rivail, admiti, de pronto, haver ele sido chamado para lavrar os alicerces da Religião do Futuro. E, desejoso de tomar parte em tão nobre empreendimento, fiquei, desde esse dia, mais ligado a Rivail. Passei a frequentá-lo amiúde, a interessar-me pelo seu trabalho, a acompanhá-lo às sessões dos Senhores Baudin, Japhet e Roustan. a discutir com ele, longamente e largamente, as teses mais graves do espiritualismo. Tive, pois, ensejo de ir tomando juízo gradativo a respeito da tarefa reformista que ele assumiu, bravamente, em minha casa. Acho-me, pois. habilitado, como testemunha presencial, a dizer-lhes, caros Amigos, com absoluta certeza de causa e sem ânimo bajulador, que Hippolyte-Léon Denizard Rivail é, de fato, um missionário, a quem devemos inteiro apoio e ampla solidariedade. Saudemo-lo, pois, nessa qualidade.

(Palmas e aplausos).

\* \* \*

Rivail voltou a falar:

— Meus Amigos: Não nos deixemos arrastar, facilmente, pelo entusiasmo de nosso querido companheiro, amigo meu, de longa data. Sobretudo em matéria de comunicações espíritas, sejamos, sempre, demasiado prudentes. Cumpre-nos observar, muito e bem, e concluir, pouco e bom. Estamos numa era científica que exige fatos e provas e dispensa argumentos e imaginação. Tudo

quanto Carlotti nos disse, em sua amistosa e interessante alocução, é verídico na farta narrativa, mas a conclusão, conquanto apoiada em palavras de Espíritos, é precipitada. Não veja, meu Caro Amigo Carlotti, na palavra ‘precipitada’ nenhum menoscabo a seu bom-senso. Explico-me. Ninguém é missionário por aceitar uma tarefa de utilidade geral. Qualquer homem pode num determinado momento, estimulado pela vaidade ou ambição, aceitar encargos acima de suas e, em consequência, falir no empreendimento arrojado. Temos vários exemplos desses fracassos na História e, mesmo na Crônica do Espiritismo, que, só agora, emerge da fase de curiosidade para entrar na filosófica, há um bom número de casos de pessoas fascinadas, que se deixaram empolgar pela própria jactância ou se arrastar pela falta de exame cuidadoso e crítico das comunicações espíritas. O lastimável evento citado pelo nosso amigo Carlotti, em que foi vítima o saudoso e ilustre Victor Hennequin a cujo Espírito generoso, probo e humanitário, ergo, neste instante, um voto cordial de paz: é a comprovação, robusta e insofismável, de minha assertiva. Missionário, ao rigor do termo, não é aquele que aceita e começa, mas aquele que leva adiante e termina bem uma incumbência. Que fiz até agora para ser declarado missionário? Nada, ou muito pouco. Sem duvida, aceitei uma tarefa espinhosa. Sem duvida ainda, redigi, sob a inspiração de meu Guia e em face das mensagens de vários Espíritos Superiores, O Livro hoje publicado. Aceitei e comecei apenas a tarefa. Segundo os próprios Espíritos, que inspiraram e ditaram a obra, O Livro de hoje não é senão a primeira página da Religião do Futuro. A reforma não se fará dum só jacto, será revelada aos poucos, à medida que o meio e o desenvolvimento da Ideia Nova o permitam, dentro de dez ou cem anos. Operar-se-á lentamente, lutando com adversidades poderosas, pisada aqui, adulterada acolá, esmagada num ponto, ressuscitada noutra, criticada por muitos, defendida por poucos, atraída dentro de seus próprios muros pelos fracos ao serviço das Trevas. Missionário não é, pois, aquele que escreve a primeira página e poderá, amanhã, deixar de escrever as demais. Será aquele que, escolhido entre os adeptos da Reforma, conseguir dar corpo à Filosofia dos Espíritos, da qual O Livro é tão só a Introdução. Será, principalmente, aquele que, durante o desenvolvimento progressivo da Reforma, hoje lançada em embrião, se dedicar, de alma e carne, de cérebro e mãos, à propaganda, oral e escrita, dos princípios básicos hoje entregues à opinião em mil e poucos volumes. Ninguém sabe, ainda, donde virá esse missionário, nem qual a sua nacionalidade, sexo ou idade. Pode estar aqui na França, ou morar noutras plagas, ser de nossos Grupos ou doutros Centros espíritas, inspirar-se de nosso trabalho inicial ou doutros mananciais celestes, pois, a Religião do Futuro, será a resultante duma Revelação Universal, sem privilégio para nenhuma casta

ou raça ou país ou muito menos nenhum homem. Só depois de escrita a derradeira página da obra hoje estreia da; só depois de implantada no Mundo a Nova Escola Filosófica a que O Livro vai dar nascimento; só depois de, universalmente, propagados com denodo e persistência os princípios básicos da Nova Doutrina Espiritual, é que a Posteridade poderá, justiceiramente, dizer à História se houve, na implantação do Espiritismo, alicerces da Reforma Religiosa ou base da Religião do Futuro, um missionário ou muitos apóstolos de boa vontade ao serviço da Providência. Creio, sinceramente, na hipótese da multiplicidade dos missionários, por mais plausível, diante da imensidão do empreendimento. Portanto, prezados Amigos, não nos deixemos iludir com simples palavras, ainda que venham dos Espíritos. Não nos deixemos empolgar com o incenso da amizade ainda que aceso por um coração nobre como o de Carlotti. Ele quis apenas, transformar um brinde de bom Amigo num Hosana à Causa que abraçamos. Sou-lhe gratíssimo, por isso. Ele me permitirá, no entanto, dizer que seu julgamento me parece, pelas razões expostas, absolutamente gratuito. Mesmo tendo-se em vista a comunicação dada em sua casa, por intermédio da Senhorita Aline, é extemporâneo qualquer juízo a meu respeito. Nada do que foi previsto pelo Espírito Verdade, na mensagem referida pelo Amigo Carlotti aconteceu, ainda. Tudo está por advir. Recebo, pois, as suas palavras generosas, não como sanção de fatos consumados, mas como estímulo a meu trabalho, à minha grande aspiração de servir. Recebo-as como avanço dum apoio moral que reputo valioso, por sincero e real. E aproveito suas palavras amáveis para endereçá-las aos Espíritos que nos ajudaram na planificação de O Livro. E valho-me do ensejo delas para lembrar aos caros Amigos, a Carlotti principalmente, que somos todos solidariamente missionários na tarefa de transmitir, custe o que custar, e por todo o Mundo, a Filosofia Espírita, cuja primeira página nos foi confiada. De minha parte, queiram Vocês contar, irrestritamente, comigo: Estarei sempre na linha de frente, enquanto Deus me der forças. Espero da parte de vocês a cooperação que lhes for possível, não na retaguarda, nem nas galerias, mas a meu lado, ombro a ombro, na mesma linha de responsabilidade, em plena arena de luta em prol de A Verdade.

(Aplausos de solidariedade).



## 9

Solicitado por amigos, pediu licença Roustan para aduzir, também, algumas palavras ao assunto em foco.

— Você é sempre ouvido com prazer — respondeu Rivail.

Com o desembaraço de orador exercitado, Roustan entrou a falar, sem pose nem ademanos:

— Citado pelo professor Rivail e pelo Senhor Carlotti estou, de certo modo, provocado a dar meu apagado testemunho aos fatos. Concordo com o Professor quanto ao sentido prático do termo missionário: “Não é o que parte com um encargo e sim o que regressa, triunfante, após o desempenho”.

— Assim penso — aparteia Rivail.

— Eis, sem dúvida, uma definição de mestre. Mas, nenhuma incumbência, de grave responsabilidade, é dada ao primeiro aventureiro que a queira tomar para si, tangido pela vaidade ou aspiração de glória. Se nós, homens, não entregamos tarefas importantes senão a quem sabemos capaz de executá-las satisfatoriamente, muito menos os Espíritos Superiores confiariam sua Mensagem tão decisiva para o progresso da Humanidade a um homem qualquer que não estivesse a altura moral e intelectual de transmiti-la dignamente ao Mundo.

— Muito bem! — aparteou Baudin.

— Concordo, ainda, que O Livro é apenas a primeira página da verdadeira Filosofia dos Espíritos Superiores. Conheço-lhe o texto, em sua maior parte, por ter ouvido, atentamente, em nossas sessões, a leitura periódica de seus capítulos principais. Ao demais, pelo hábito inveterado de ler quanto se escreve ao revés e a favor do Magnetismo e do espiritualismo, tenho algum conhecimento da literatura nacional e estrangeira sobre tais matérias.

— Você pode falar de cátedra sobre ambas — diz Carlotti.

— Subscrevo o feliz aparte — acrescentou Rivail.

— Creio estar um pouco habilitado, pelo estudo teórico e prático das duas

ciências, a opinar sobre o valor da obra, hoje publicada. Afirmo, sem receio de exagerar: Se o Mundo ficar apenas com essa ‘primeira página’ da sabedoria dos grandes Espíritos, a Humanidade, só pelo O Livro se poderá livrar das trevas em que se acha mergulhada a respeito da vida no Além.

— De acordo — falou Baudin.

— A suma dos ensinoss essenciais, compatíveis com a hora moral que passa, consta d’O Livro. Ora, como nos disse o Senhor Carlotti, esse trabalho, de síntese e coordenação, foi discretamente iniciado e concluído, dentro de poucos meses, por um trabalhador da undécima hora. E esse trabalhador, que é chamado a desoras, recebeu a tarefa maior e a findou antes dos Pioneiros.

— Perdão! Apenas a comecei — diz Rivail.

— Sou testemunha que o ilustre Autor d’O Livro não recorreu a nenhum documento, a nenhum informe pessoal, a nenhum livro similar, mas, somente, aos ensinoss colhidos, diretamente por ele, nas sessões especiais do Senhor Baudin e do Senhor Japhet, e às inspirações que recebeu nesta casa amiga, vindas em grande parte, do Espírito Verdade.

— Apoiado! — exclama Baudin.

— Se os Espíritos, que iluminaram essa obra, não fossem os primeiros a reivindicar-lhe a inspiração, bastaria uma rápida leitura de qualquer de suas linhas, para logo se verificar, não só a transcendência, mas a originalidade d’O Livro. Sei que vou ferir de perto a modéstia de nosso caro Professor ao dizer-lhe, após estas considerações, que discordo de si num ponto: Não considero generoso nem precipitado o julgamento do Senhor Carlotti.

— Obrigado! — diz Carlotti.

— Tenho, além disso, as minhas razões. O Senhor Carlotti guardou bem, de memória, o ano de 1850, em que deixou de ser Animista. Quero, todavia, acrescentar alguns pormenores que esclarecem a narrativa do estimável Magnetista. Até 1847 eu era, como Rivail, Fortier, Clément, Roger, Japhet, dentre os presentes, adepto da Escola Naturista, dirigida pelo Barão Du Potet, desde a morte do saudoso amigo Deleuze. Ao fundar, com outros companheiros, a Sociedade de Filantropia Magnética, em 1842, cujo nome se mudou, em 1845, para Sociedade Filantrópico e, em 1849, sob a minha direção, para Sociedade Magnetológica, nosso propósito foi praticar o Magnetismo como ciência positiva, visando a saúde dos necessitados de cura e sem recursos pecuniários. Mas, no fundo, eu era Animista. Não me parecia possível desprezar a revelação das sonâmbulas sobre a atividade da nossa Alma no fenômeno magnético. Todavia hesitava em pronunciar-me, pois outras sonâmbulas, afirmavam ver o fluído magnético sair em raios coloridos das mãos, do cérebro, dos olhos e também, do

coração do Magnetizador. Mantinha-me em reserva, observando e estudando as duas escolas, na esperança de fundir-lhe os princípios fundamentais numa escola eclética. Em 1849 minha atenção foi chamada por um amigo, Senhor Charles Renard, para a plausibilidade dos ensinamentos místicos de Swedenborg, que então, eu tinha como um gênio alucinado. O Senhor Renard, após ouvir certa conferência minha sobre a ação magnética à distância, proferida em Rambouillet, onde ele morava, falou-me ser ele sensitivo e ter conseguido, como o Vidente Sueco, entrar em contato com os Gênios que povoam o Espaço e se acotovelam invisivelmente conosco. Duvidei, prontamente, da integridade mental do Senhor Renard, mas, como cientista que me julgava ser, concordei a visitá-lo no dia seguinte, para uma experiência. E testemunhei, com espanto, durante seu estado de êxtase, alguns fenômenos bem estranhos e jamais esperados numa sessão naturista, quais o toque repetido em meu braço por mão invisível, e um sussurro arrepiante em meus ouvidos, por lábios imateriais. Esses fenômenos não vinham do Senhor Renard nem de sua esposa, sentados do lado oposto da mesa. Eu os podia vigiar perfeitamente, pois operávamos à luz do dia. E o extático me ia explicando quem me tocava e falava ao ouvido. Voltando a Paris, trouxe do Senhor Renard uma carta de apresentação ao Senhor Alphonse Cahagnet, que ele, segundo me disse, havia convertido do Materialismo ao Swedenborguismo, e possuía excelentes sonâmbulos, capazes de provocar os mesmos fenômenos. O Senhor Cahagnet proporcionou-me uma experiência diferente: A evocação das Almas de Defuntos. Como se pode ver do 2º volume dos *Arcanos da Vida Futura Desvendados*, pedi a presença de meu pai François-Xavier Roustan. Adèle Maginot, em êxtase, descreveu-me o querido evocado, tal como era em vida: De minha altura, cabelos grisalhos, fronte ampla, olhos grandes e fundos, nariz de largas ventas, ombros largos e um tanto curvado de tórax. Impressionou-me essa revelação de conservar a Alma, noutra Mundo, os característicos do corpo humano. Era uma ideia nova brilhando em minha imaginação. À medida que a sonâmbula me ia descrevendo o vulto do querido Invisível, eu, como que o ia sentindo, fluidicamente, a meu lado. E ouvi, de novo, o sussurro à minha orelha e o toque delicado em meu braço. Adèle, num luxo de provas de identidade, falou-me ainda, de outros sinais corpóreos de meu pai, como uma chaga aberta na perna esquerda e deu-me a causa da morte: Insulto cerebral. Disse-me, transmitindo as palavras de meu pai, não ser a primeira vez que ele se manifestava a mim "de maneira positiva", como desejavam os Naturistas. A primeira fora em Rambouillet. Tornei-me, então, francamente Espiritualista, como Cahagnet e Renard, e continuei, cheio de entusiasmo, as minhas experiências com outras sonâmbulas e extáticas, obtendo resultados

cada vez mais claros e surpreendentes. Chamado, nessa altura, a tratar magneticamente, a Senhorita Ruth Japhet, então com doze anos de idade, se tanto, notei ser ela excelente sonâmbula, não passando seu mal nevrótico de pura influência das Almas desencarnadas. Empenhei-me daí, em desenvolver os dons preciosos dessa inteligente mocinha que reputo, sem elogio, superiores aos de Adèle Maginot.

— Apoiado! — intervém Carlotti.

— As almas de defuntos principiaram a manifestar-se, por ela, após algumas sessões. Disseram-me a natureza de seu nervosismo e indicaram-me os meios de curá-la. Inteiramente restabelecida, tornou-se uma admirável sonâmbula. Recebi, por intermédio dela, muitas revelações, tal Como Cahagnet tem obtido com Adèle. Com uma notável diferença, que me faz colocar os dotes de Ruth acima dos de Mademoiselle Maginot: Por meio de Ruth os Espíritos sustentaram sempre, a reencarnação múltipla neste Mundo, dogma que a escola de Cahagnet repele e combate.

— Repele, intransigentemente — acrescenta Carlotti. Foi o motivo por que deixei a Sociedade dos Magnetizadores Espiritualistas.

— O Senhor Renard, porém, é reencarnacionista. Convenci-me disto, quando, em Paris, num sessão com a sonâmbula Angeline De Burlet, esta Senhora se referiu a minhas vidas anteriores, destacando uma delas. O Senhor Renard, entrando em crise, reiterou-me a mesma revelação, aduzindo pormenores: Havia sido meu companheiro numa de minhas existências remotas e não fora casual nosso encontro em Ramhouillet. Alphonse Cahagnet, porém, fundado nas afirmativas categóricas de Adèle, que ainda não pode sacudir suas amarras místicas ao Catolicismo, nega a reencarnação, sem qualquer motivo plausível. Foi a Senhorita Ruth, com quatorze anos de idade, quem, um dia, me tirou, inteiramente, a dúvida.

— Como, também, a minha — sustentou Carlotti.

— Igualmente a minha — afirmou Rivail.

— Sabendo por esse tempo, graças a unia publicação do Doutor Benoit Mure<sup>53</sup>, ter o haxixe, em certa dose, o poder de levar uma pessoa ‘sensitiva’ ao êxtase artificial e a visões do passado e do futuro, submeti-me a experimentos na presença de diversos Magnetistas, entre os quais Renard, Cahagnet e Japhet: E minhas alucinações haxixianas confirmaram-me, de maneira simbólica, mas impressionante, a série de existências que tive como habitante da Terra. Foi por divergência de opinião sobre o dogma reencarnacionista que Renard, Japhet Carlotti, eu e muitos outros Magnetizadores Espiritualistas nos separamos desse

---

<sup>53</sup> O já referido nosso Bento Mure.

admirável pioneiro que é Alphonse Cahagnet, verdadeiro introdutor das evocações dos Mortos nas sessões magnéticas.

— De pleno acordo — sustentou Japhet.

Desta forma eu era, em 1850, sincero crente na Comunicação dos Mortos por intermédio dos sonâmbulos quando adverti o prezado Amigo Carlotti que a realidade, na ação magnética, estava mais positiva na Escola Espiritualista.

— Exato — sustentou Carlotti.

— Achava-me ainda, na direção da Sociedade Magnetológica, em fins de 1850, quando, certa noite, fui procurado pelo Barão De Guldenstubbé. Contou-me o ilustre Esloveno que existia nos Estados Unidos da América, em franco sucesso, uma nova seita religiosa que cultuava os Mortos, evocando-os por meios puramente mecânicos, independentemente dos sonâmbulos e dos extáticos, sob exclusiva ação mesmeriana. Disse ainda, que já havia falado a respeito com o Barão Du Potet e o Cavalheiro Herbert, diretores da Escola Naturista, e ao Marquês Du Planty, da Escola Animista, sem merecer a devida atenção. Julgaram-no, talvez, um sonhador. Perguntei-lhe, um tanto ansioso, o que era preciso para realizar, em França, um ensaio igual ao dos Americanos. Respondeu-me: “Um círculo de doze pessoas, seis positivas e seis negativas”. Acrescentou poder contar com quatro ou cinco. Prometi-lhe arranjar as restantes dentro duma semana. Após alguns contratempos fizemos a primeira experiência em casa do Conde D’Ourche, no começo de 1851. Tomaram parte nela, dentre os presentes, o Senhor Japhet, a Menina Ruth e minha Senhora. Decorrido algum tempo, em que nossas experiências chegaram a elevado nível de positividade, verifiquei não só que o número de pessoas, na corrente magnética não precisava ser doze exatamente, como ainda podia conseguir os mesmo efeitos, tendo como ‘sensitiva’ a Senhorita Japhet. Passei, desde então, a realizar em casa dela, as sessões que perduram até hoje e datam da Primavera de 1851. Sou, por isso, um Veterano, como disse o Professor.

— Um pioneiro — aparteu Rivail.

— Ora, desde as primeiras comunicações das Almas de Defuntos, na Rue Tiquetonne, em casa do Sr. Japhet e do Sr. Cahagnet, até as atuais manifestações dos Espíritos Superiores, por várias vezes o Invisível nos anunciou que o Mundo vai, dentro em breve, entrar em profunda transformação social, política e religiosa, cabendo à América, como pátria da Liberdade e Igualdade em face da Lei, e à França, como herdeira principal da tradição espiritualista da Gália, papéis relevantes e conjugados no drama dessa metamorfose histórica, que terá, por base, a descoberta dos meios anímicos e físicos de comunicação entre os homens e as Almas desencarnadas. Todos nós, conhecedores desses recursos, já

ouvimos tais avisos e estamos..., atrevo-me a falar no plural, convencidos de aproximar-se a hora duma revolução mais imponente do que a de 1789. Segundo as revelações, o Movimento Reformador iniciado na América e na França, abrangerá a Inglaterra, a Alemanha, a Rússia, os Países Eslavos e Baixos, e repercutira nas Colônias. A modificação social será notável: Não haverá mais escravos, nem servos, mas homens livres, iguais perante a Lei, irmãos perante Deus. Não haverá mais discriminações dos homens por sua raça. A mulher terá ao lado do Homem o papel de companheira e não de serva, reinando entre marido e esposa a compreensão de suas missões e não a obediência do sexo fraco.

— Assim seja! E, ainda, para os nossos dias — aparteu Fortier, que se conservara silencioso até o instante.

— Certa noite, em casa do Senhor Japhet, quando meia dúzia de amigos conversávamos sobre os próximos acontecimentos, a Menina Ruth-Celine, caindo em transe, tomou da Corbelha e escreveu importante mensagem, na qual, entre outros avisos estava a novidade auspiciosa, referida pelo Senhor Carlotti, de ser, o Professor Rivail, o homem “já encarregado pelos Espíritos de promover a reforma religiosa”. Sem dúvida, a Reforma Religiosa do Mundo é a mais importante de quantas se vão operar fundadas nela, inspiradas pelos Espíritos missionários, prepostos por Deus para o levantamento moral, social e científico da Humanidade. Esse aviso revelador, que nos apresentou o Professor sob as veste morais do seu alto sacerdócio, foi dado há precisamente um ano, em abril de 1856, e, daí por diante, em várias oportunidades, sobretudo na ausência do Senhor Rivail nos foi confirmado. Os Espíritos, quer na casa do Senhor Baudin, quer na do Senhor Japhet, quer na minha, quer, enfim, na de quase todos os prezados companheiros que me ouvem, jamais desmentiram ser o Senhor Rivail o homem ‘escolhido’ para a alta e santa miss que começa hoje a desempenhar.

— Muito bem! — sustentou Baudin.

— Apoiado! — acrescentou Japhet.

— Minha indiscrição não passa, portanto, de segredo de Polichinelo — aparteu Carlotti.

— A narrativa do Senhor Carlotti veio somente corroborar uma assertiva dos Espíritos, já divulgada entre numerosos Crentes. Marchamos para as grandes transformações anunciadas. Estou convencido..., ousou mesmo dizer ‘estamos convencidos’, que os homens marcados para as tarefas reformadoras, na América e na Europa, já se acham em trabalho preparatório, inclusive militar. Se, portanto, os princípios morais da nova religião, que o Professor missionário acaba de batizar com o nome de "Religião do Futuro", se encontram, em germe,



em O Livro hoje publicado; se os Espíritos, que consideramos Superiores pela moral, afirmam competir ao Senhor Rivail o encargo de coligir e divulgar as novas doutrinas religiosas, não me parece generoso nem precipitado o julgamento de nosso Amigo, Senhor Carlotti, que adoto, para não dizer 'que adotamos todos'. Nós, que acreditamos sinceramente, na revelação dos Espíritos, temos certeza que Rivail é um Missionário. Cumpre-nos, em consequência, cerrar fileira em torno dele, como seus fiéis colaboradores, a fim de lhe facilitar o exercício da missão dada por Deus, a mais gloriosa de quantas deverão ser executadas por outros nos próximos tempos, visto ser a de mais profundo e extenso alcance na marcha evolutiva da Humanidade. A exemplo do Senhor Carlotti, saúdo o Professor Rivail como Missionário.

Palmas. Aplauso geral.

## 10

Solicitado por alguns amigos, Baudin levantou-se e disse:

— Não sei fazer discurso e confesso-lhes o constrangimento de falar após oradores consumados.

— Mas estamos em família — diz Rivail. Entre Irmãos da mesma Crença.

— Entre camaradas do mesmo batalhão — aduziu Carlotti.

— Bem sei — continuou o orador. Não me atrevera, entretanto, se não me sentisse no dever social de agradecer ao Professor as expressões de amizade e carinho dirigidas à minha família. Desejo, outrossim, acrescentar alguns informes, ignorados de muitos, para completar as narrativas históricas que tivemos a alegria de ouvir. Contando fatos, fico mais à vontade, pois tiro à minha palavra o caráter de discurso.

— Você é ótimo causer — diz Roustan.

— Fui educado no Catolicismo. Não tive jamais inclinação por mistérios nem assuntos religiosos. Passei a meninice no campo ajudando meu pai, e me tornei, muito moço, chefe de família. Continuo fazendeiro e industrial numa ilha distante, onde nasci e pretendo morrer. Ora, em 1853, meus labores agrícolas e comerciais absorviam todo o meu tempo. Da manhã à noite meu pensamento e ação iam dos canaviais para a usina de açúcar, dos cafezais para as tulhas e máquinas, da sede para os armazéns de embarque, mal tendo vagar de ler os jornais e revistas do Continente que nos chegavam com grande atraso, às vezes dum semestre. Em fins de 1853 a nossa Ilha da Reunião ardeu na febre da Mesa Rotante, que os jornais de Paris e doutras cidades lhe levaram como a grande novidade dos tempos. Toda a gente cuidava do misterioso fato, até mesmo os padres. Clémentine teve ensejo de assistir a uma experiência em casa de amigas, em Saint-Paul, e, de volta, reproduziu-a na fazenda perante mim, as meninas e diversos crioulos marrons, alforriados em 1848, mas nossos servidores ainda. Impressionei-me, confesso-lhes. Mas a explicação dos "sábios", segundo os mesmos jornais, era de tratar-se dum fenômeno puramente "magnético" e, em

consequência, de ordem nimamente física. Como o tempo não me sobrava para distrações dessa espécie e não vi, no caso, outra utilidade que a do divertimento de salão, deixei Clémentine e minhas filhinhas dedicarem-se, quase todos os dias, à Mesa Rotante. Numa tarde de domingo, morna e docemente ventilada, deitei-me como de costume, numa rede da varanda, para descansar um pouco da labuta e tomar conhecimento dos jornais da França. Estava enfronhado nos enredos políticos, quando a crioula Martinique, ama das meninas, me veio dizer que a ‘patroa’ me chamava à Mesa Rotante com urgência. Mandei-a de volta com o recado de achar-me, no momento, entretido com a leitura de assunto que me interessava, e por isso, esperava ser dispensado de acudir ao chamado. E permaneci em suave balanço, fumando meu cachimbo, sem desviar a mente da leitura. Não havia porém, terminado o artigo quando me veio à lembrança o meu carregamento de açúcar, em mar alto, naquele instante; se a viagem corra bem, já livre dos terríveis escolhos do Cabo da Boa Esperança, rumando em pleno Atlântico na direção de Nantes. Eis quando surgiu Caroline à porta da varanda, dizendo-me: “Papai, venha depressa!”. Sentei-me na rede, dum salto, mas sem mostrar desejo de apressar-me. Caroline, vindo a mim, disse-me carinhosamente, sem o seu sorriso costumeiro: “Paizinho, o Espírito quer falar-lhe com urgência. Diz ser negócio muito sério. Traz-lhe notícias do Bois-Rouge”. Ora, era justamente nesse barco que eu estava pensando ao ser interrompido pela Menina. E imaginei, de pronto, como todo Magnetista: “Quem sabe se meu pensamento foi captado pelo cérebro de Clémentine, que muita vez tem vibrado, uníssono, com o meu? Ou pelo de Caroline, muito afinada comigo, ou mesmo de Martinique, a minha velha Mãe Preta?”. Disfarçando a suposição, mas querendo apurá-la para meu governo futuro, respondi a minha filha: “Bem, querida, vamos ver se tal Espírito sabe mesmo alguma coisa do nosso navio”. E, segurando-a pela mão, em silêncio, ganhei a sala de costuras onde estava reunido o grupinho familiar. Ninguém articulou palavra. Guardavam um silêncio fúnebre. Sentei-me ao lado de Clémentine, depois de colocar ao meu uma cadeira para Caroline. E dando-me ares de condescendência com a brincadeira, filei à mesinha de junco: “Então, caro Espírito, que me quer contar que eu não saiba?” E a Mesa bateu, rapidamente: “Sou o Capitão Regnier, Comandante do Bois-Rouge”. Repliquei-lhe: “Muito bem. Que veio fazer aqui, meu Comandante? Deixou seu corpo dormindo, no navio?”. E o Espírito rebateu com a perna da Mesa: “O Bois-Rouge foi a pique nos recifes. de Simon’s Bay há dez dias. Perecemos todos. Não pudemos salvar o navio apesar da bravura de meus marinheiros. Assim Deus quis...”. Malgrado meu inveterado incredulismo, sempre na suposição de blagues, fiquei apreensivo. Contudo, mantendo espírito forte, respondi: “Se isso é

verdade, deploro o acontecido, lastimo profundamente sua morte e a dos bravos marinheiros. Não me leve, porém, a mal se, para rezar por sua alma e pela de nossos marinheiros, eu aguardar a notícia oficial do desastre”. Respondendo-me, bateu o Espírito estas palavras: “A notícia oficial só lhe virá daqui a quatro meses. Então, se Deus mo permitir, voltarei cá, se chamado, para lhe dar pormenores do naufrágio, caso isso lhe seja ainda interessante”. E a Mesa foi tomada, em seguida, por outro Espírito, que tratou de novos assuntos. Não é difícil, Senhoras e Senhores, calcular como vivemos durante a falta de notícia exata do Bois-Rouge. Digo "exata" por oficial. Minha mulher a sustentar o naufrágio com uma intuição firme, e eu, a duvidar, cada vez menos, das palavras do Comandante. A Martinique, indiscretamente, incumbiu-se de espalhar a novidade pela fazenda, convidando os pretos a rezarem pelos nossos homens do mar. Dada a nossa posição de relativo destaque, não exagerei dizendo que toda a Ilha, e mesmo a de Maurice, tiveram conhecimento do ‘aviso espiritual’ dado pela nossa Mesa. Indagada, por gente amiga, minha família e eu próprio nos vimos forçados a narrar a revelação. E cada ouvinte, apoiado em nossas palavras, levava a nova a outros acrescida de boatos infundados e fantasistas. O Vigário de ‘Saint-Paul’, nosso velho amigo, veio em pessoa, à fazenda certificar-se do caso, e, paternalmente, como de seu hábito, ponderou-nos ser bem possível uma artimanha do Demônio para me desmoralizar perante a sociedade, levando minha família ao ridículo: “Já se sussurra, por aí, que vocês estão meio loucos...”. No seu parecer paternal, convinha-nos deixar de brincar com a Mesa, mesmo porque, argumentava: “Os Bispos, no Continente, já interditaram aos Católicos a prática do espiritualismo americano. Imagine-se, pois, o espanto da Ilha quando, quatro meses após, nos chegou a notícia oficial do naufrágio do Bois-Rouge, verificado na época e no lugar precisamente indicado pelo Espírito! Não era, de maneira nenhuma, possível ter alguém na Ilha conhecimento de tal fato dez dias depois da ocorrência, em ponto quase inavegável e quase tão distante de nós como de Paris. Desde aí, profundamente abalado, levei a sério o espiritualismo contra a opinião católica da Ilha, que passou a olhar minha família de soslaio, como gente danada. Esse fato ocasionou grande mudança no ritmo corriqueiro de nossa vida insular, razão por que o considero providencial. Com o Vigário à frente, que nos indigitava paternalmente como possessos e fregueses desobedientes, principiamos a ser alvejados das mais duras críticas pelos devotos obedientes, que constituíam a maioria da população. Pessoas injustas chegaram, por mera deslealdade comercial e desejo de afastar-me da concorrência, a acusar-me de responsável pelo naufrágio, provocado intencionalmente por mim com o fito de lesar uma companhia de seguros

marítimos. Não, hesitaram em dizer que eu havia pago ao Comandante Regnier para meter o barco a pique a fim de receber o seguro de mercadoria inexistente nos porões do navio. Um jornaleco da Ilha foi mesmo a insinuar que, segundo os entendidos, o Bois-Rouge estava ‘caindo de pobre’ e fora seguro por preço três vezes superior ao real. Dentro da própria fazenda os ex-escravos, desconfiados da sanidade mental de minha família, faziam rezas batuqueiras no terreiro, com danças e cantos idólatras à volta de fogueiras, para afastar as Almas dos marinheiros mortos e sedentos de vingança. A professora das meninas, que vinha um dia sim outro não à fazenda, despediu-se amedrontada, e espalhou a nova de que Clémentine e Martinique eram bruxas. Enfrentando, resolutamente, a hostilidade geral, entrei a dirigir, pessoalmente, as sessões de espiritualismo, e a pregar, aos meus interpelantes, a verdade sobre os Mortos.

\* \* \*

— Foi então que, nessa nova fase de nossos trabalhos, se nos apresentou, pela primeira vez, em substituição a outros Espíritos familiares, o nosso Guia atual, cujo verdadeiro nome em qualquer de suas encarnações jamais obtivemos. A Ilha da Reunião, como vocês sabem, é uma terra dotada do melhor clima do Mundo. Segundo o nosso Guia, é uma insulândia que sobrerrestou ao continente imergido da Lemúria<sup>54</sup>, dando razão aos nossos poetas crioulos, que acreditam haver, realmente, existido um Paraíso Terrestre. Os ventos, ali, sopram constantemente e com suavidade própria dum Edem. Os mais frios alternam-se com os mais quentes, mesmo nas curtas estações não inverniais. Durante o dia, o mar de prata e esmeralda, que cinge aquele jardim flutuante, envia seus alíseos à terra, que sobem até as altas montanhas de neve. Durante a noite, desce dos montes nevados e corre pelas ravinas e campos o hálito perfumado das selvas, o qual penetra o mar até altas distâncias. Os flautas e passageiros que demandam a Ilha sentem, de longe, essas ondulações aéreas carregadas do aroma calmante das flores de laranjeira ou dos odores melosos que emanam das usinas de açúcar. Pela nossa vez recebemos até os picos das florestas a maresia, que se aromatiza de nossas essências à medida que passa pelos canaviais e sobe as encostas de cafeeiros. Esse ritmo respiratório de nossa insulândia criou lendas e inspirou poetas, e levou os geógrafos primitivos a dividi-la em duas partes, a zona dos ventos montantes e a zona dos ventos cadentes, zonas que variam de posição segundo prevalece por maior tempo, durante o ano, a brisa do mar,

---

<sup>54</sup> Nome dado a um continente que alguns sábios supõem ter existido ao sul da Ásia e à qual estaria ligado, bem como, por Madagascar, à África sul-oriental. É a terra dos antigos Rutás, conforme se referem as tradições iniciáticas. Emmanuel, em *A Caminho da Luz* também se refere a esse continente.

sempre úmida e plena de chuva, ou a brisa da terra, sempre untuosa e repleta de essências aromáticas. Ora, precedendo a aragem, que desce em ondas invisíveis para o oceano encrespado, passa pelos nossos campos, na curta calmaria que marca a mudança de direção dos ventos, um sopro ameníssimo que a Ilha, pela boca de seus poetas, denomina Zéfiro. Foi esse o apelido dado por Clémentine ao nosso Espírito Familiar, porque, interrogado a respeito dum nome pelo qual o pudéssemos evocar, respondeu-nos: “Chamam-me pelo que sou: O Zéfiro da Verdade. Anuncio a próxima descida dos eflúvios celeste que a Verdade irradiará pelo Mundo”.

\* \* \*

— Uma noite, inesperadamente, disse-nos Zéfiro: “Vocês irão brevemente para Paris. Baudin arrumará os seus negócios; Emile entrará na Escola Naval; Caroline e Julie tomarão professoras mais competentes e... encontrarão seus noivos; e, eu, Zephyr, procurarei contato com um velho amigo e chefe desde o nosso tempo de Druidas”. Naquele instante, nem por sonhos, cogitávamos de vir à França. Meus negócios e afazeres na Ilha exigiam assídua vigilância pessoal. Não tinha ninguém competente e de confiança absoluta a quem entregar a administração da usina e da fazenda. Dada a distancia e a morosidade da travessia, apesar de já termos navegação moderna com maquinaria de vapor, minha ausência não poderia ser menor de um ano. A ideia de tal viagem era, portanto, inviável. Todavia, a partir dessa comunicação espiritual, nosso desejo de vir ao continente se tornou contínuo, crescente, obsedante. Poucos dias depois do aviso de Zephyr chegou-me, de Paris, uma proposta de negócio que me ensejava essa viagem: A concorrência do café e do açúcar brasileiros aumentava dia a dia, ameaçando tornar o Havre um rival cada vez mais forte de Nantes. O Governo de Sua Majestade estava interessado em ouvir a opinião de alguns produtores coloniais, e eu, estava nominalmente, apontado entre eles. E aqui chegamos, em abril de 1855, há dois anos justos. Trouxemos conosco Zephyr ou, como diz Clémentine, Zéfiro nos trouxe consigo. A bordo, durante a longa travessia, fizemos alguns prosélitos entre passageiros e oficiais, que vinham à nossa cabine palestrar com o Guia. O Comandante, que já era meu velho conhecido, ficou meu amigo e proporcionou-me, em Paris, o conhecimento de Madame De Plainemaison, sua parenta. Depois desta exposição, verdadeira maçada para vocês...

— Não apoiado! — aparteou Carlotti. Interessantíssima.

— Ao contrário! — afirmou Rivail. Muito curiosa e instrutiva. Eu ignorava



tais pormenores.

— Podem os bons amigos que me ouvem aquilatar do valor dado por nós ao episódio Seguinte: Certo dia de sessão, Zephyr se fez esperar um pouco e Caroline, com os dedos sobre a tupia, aguardava-o cantarolando a Marselhesa. Ao se manifestar, o Espírito começou a bater com o bico do lápis sobre a ardósia, o ritmo do Hino Nacional Francês, como a acompanhar a Menina, que assim entusiasmada, entrou a cantá-lo em voz alta, em cooperação com Julie. Nós acompanhamos em coração a marcha triunfal e, terminado o último verso, o lápis escreveu: “Nosso dia de glória já chegou”. Não compreendendo o alcance da preposição, que permitia vários sentidos, pedi a Zephyr se explicasse. E o “Roc”, rabiscou “Vamos ter afinal o convívio de nosso velho Chefe Druídico”. Perguntei ao Espírito: “Aquele que você esperava encontrar em Paris”. Resposta: “Sim, ele mesmo, em pessoa. Você vai trazê-lo aqui. Caroline vai atraí-lo...”. Nosso guia gostava de pilheriar. Supusemos que seria ali pretendente da Menina. Insisti: “Pode anunciar-me nome dele para meu governo?”. E o “Roc” escreveu, destacando, sílaba por sílaba, entre hífen: “AL-LAN –KAR-DEC” O nome era tão estranho que continuamos a duvidar da seriedade da comunicação. Por isso, perguntei: “Arabismo ou pilhéria?”. Resposta: “A Verdade”. Quando, dias depois, tive a satisfação de convidar Monsieur Rivail a frequentar nossos trabalhos espirituais, eu estava absolutamente longe de imaginar que ia franquear minha casa humilde ao antigo Pontífice Druídico que ele foi. Parece-me, portanto, caros amigos, em face de tais fatos, não haver precipitação nenhuma em Carlotti quando considera, desde já, o Professor Rivail, como um missionário.

A sociedade aplaudiu o orador com carinhosa salva de palmas.

A noite ia avançando para o meio. Alguns convivas pensaram em partir, levantando-se as Senhoras. Mas, Ermance Dufaux, mediunizada, pondo-se de pé, na saleta de visitas, ergueu o braço num gesto elegante e autoritário de atenção. Um movimento de curiosidade cercou a mocinha. Muitas sabiam que ela era médium. Ermance, quando o silêncio se fez, falou de voz clara, pausada:

— Caros Companheiros: Paz e alegria! Ouvimos, atentamente, as palavras de mútua informação e amizade trocadas aqui, nesta noite memorável para nós os Espíritos. Rejubilamo-nos por vê-los comungando o sentimento de solidariedade não só em torno da Filosofia nossa, que O Livro dos Espíritos hoje inaugura na Terra, como em volta da pessoa que recebeu de nós a missão de publicá-la. Minha voz interpreta, neste instante, o pensamento e o afeto coletivos de muitos Espíritos, que compartilham desta comemoração. Todos estamos contentes. E, em nome deles, que, *data venia*, entramos no debate. Ouvimos, anunciada e comprovada com clareza, a exposição duma tese que, embora

antiga, não deixa de ser avançada no momento que passa, e que nos permitimos emitir desta forma: Onde impera a Mão da Providência não age a do Acaso, e a Providência se manifesta pelos acontecimentos. Eis, ai, uma tese que muita gente, mesmo entre os espiritualistas, repele por inverossímil. No entanto, admite-se, em geral a tese da Profecia que, na aparência material, é fato mais incrível por mais inexplicável. Ora, se um evento futuro, isto é, remoto no tempo, pode ser previsto pelo homem, em dadas condições mediúnicas ou magnéticas, é porque o evento obedece a leis. Leis que presidem aos acontecimentos. Admite-se, igualmente, entre os espiritualistas, a tese da Providência. É lógico o que ela, existindo, só se pode manifestar pelos acontecimentos. Daí a procedência da primeira tese, por nós enunciada e defendida nesta reunião, com bastante discernimento. Nos eventos da vida cotidiana o verdadeiro sábio, que é em nossa opinião o homem de Fé, e o verdadeiro cientista, que é o homem da Técnica, podem, querendo, descobrir sempre o fio de uma Causa Providencial, embora aparentemente, material: Todo evento vem dum antecedente que por sua vez procede doutro na cadeia ininterrupta que vai à Causa Providencial. O homem imaturo, célula da Massa Ignara, tem dificuldades no seu processo primário de compreensão. Contudo, não ignora, pelo sentimento, que tudo quanto nos acontece vem da Vontade Divina. Vocês, porém, mais avançados na compreensão, já entreveem as leis que regem os acontecimentos. Já sabem que, na observação dos eventos diários, é indispensável não se olvidarem principalmente duas: Dum lado, a do Livre Arbítrio e, doutro lado, a do Progresso. É, de fato, imprescindível, ter sempre em vista, esse dois fatores que condicionam os acontecimentos. No caso debatido por vocês, o do missionário, não raro o homem, pelo livre arbítrio, passa a outrem a tarefa que, pela Lei do Progresso, lhe caberia em justiça. Isso acontece quando, por exemplo, pedindo e obtendo na Vida Invisível certa experiência carnal, o homem, voluntariamente, recua, na hora da prova, por medo ou fraqueza de vontade. Não há crime no recuo. Há, porém, atraso, no progresso espiritual. Todavia, e nisto está a importância da tese, o recuo jamais constitui surpresa para a Providência Divina e o conhecimento dele vem pela cadeia espiritual, segundo uma disciplina hierárquica, até o Guia do homem que vai falir. A força moral de cada criatura é, cientificamente, conhecida de seu Guia. E é, justamente, com recuos e avanços dos homens, sob a vigilância dos Guias, que se opera a complicadíssima rede dos Desígnios de Deus, rede que, no Mar da Vida, arrasta os homens para o eu destino, que é o aperfeiçoamento da Alma. Para nós, que tivemos, por força dos acontecimentos, de comungar com vocês na mesma tarefa de aperfeiçoamento na hora que passa, é motivo de satisfação verificar que não houve, entre vocês,

que aqui se acham, nenhum recuo nas missões que lhes foram confiadas. Cada qual no seu posto importante — pois não houve, diga-se-lhes, posto algum insignificante entre vocês, cada qual, repetimos, usando do livre arbítrio sem temor nem tibieza, todos aceitaram tarefas e fizeram jus à Lei de Progresso. Todos correspondem às nossas expectativas como entre nós estava previsto. Nestas palavras não vai elogio, mas o beneplácito dos Guias que nos propomos interpretar. Contudo, como vocês mesmos percebem, o que foi realizado até hoje está muito longe do fim que lhes cabe atingir. Ainda lhes resta muito a executar até o limite preestabelecido para cada qual. Uma só existência não lhes bastará. Até aqui aprenderam. E usamos o verbo no sentido platônico de recordaram. Daqui por diante, cumpre-lhes apostolar. E empregamos o verbo no sentido cristão. É imperioso à divulgação da Filosofia dos Espíritos, ora delineada em O Livro, que vocês morram como homens velhos e se reencarnem como homens novos, nesta mesma existência. Os Apóstolos do Espiritismo devem renascer mental e moralmente. Só os assim renascidos podem titular-se Espíritas. Se vocês não se gerarem de novo na mentalidade e na moral não implantarão o Reino dos Espíritos na Terra, em substituição ao Reino dos Deuses. Não lhes precisamos, felizmente, lembrar que foram chamados, com muitos; a testemunhar a passagem do Espírito Verdade pelo nosso planeta, Mas; é mister dizer-lhes, por pura advertência, que foram escolhidos, com poucos, para esse testemunho. Ora, para testemunhar a Verdade, não basta ser escolhido, é impreterível ser marcado. E isso não depende da nossa vontade. Vocês é que devem querer ser marcados. Por outras palavras: Cada qual precisa tornar-se aos olhos do Mundo um ser novo, uma entidade regenerada, afim de que os homens, que vão ser chamados e escolhidos pelo O Livro dos Espíritos, vejam, no exemplo vivo dos seus Apóstolos; que o Espiritismo vem para gerar de novo Filhos da Verdade. Portanto, resta-lhes o mais difícil da prova que aceitaram: "Viver como Espíritas". Cumpre-lhes encarnar na vida cotidiana a Filosofia revelada pela Verdade. Tem, por isso, razão o Professor Rivail: Não basta o que foi feito até hoje. Coligir e compendiar ensinamentos, preciosos por verdadeiros é, sem dúvida, serviço relevante, merecedor de graças espirituais, que são os salários das Almas de Fé, as quais não faltarão jamais, nos ajustes de contas dos homens, perante o Tribunal da Providência. Mas, assim como à Mulher não basta a gestação e o parto para a glória de ser Mãe, na alta expressão do termo, pois só é verdadeira mãe a mulher que cria o filho, também ao Apostolado Espírita não bastam a elaboração e o lançamento da Filosofia dos Espíritos. É-lhe necessário, para não falir na missão, praticar essa Filosofia, predicando os seus ensinamentos não só por palavras mas sobretudo por exemplos. E nós lhes anunciamos; caros

Companheiros, que esse Apostolado não será uma batalha de flores e sim de espinhos. Apresentar A Verdade, através dum livro, é uma coisa; defendê-la, em campo de luta, é outra. Vamos agora, vocês e nós outros, para a arena, como lhes falou o Professor Rivail. Vamos defrontar; na Terra e no Espaço, feras e gladiadores. Os homens e Espíritos; que nos ouvem dentro desta casa, foram todos convocados ou convidados para a luta que será chamada, na História, a Batalha da Verdade. Não devemos temê-la nem fugir-lhe, mas saber que a batalha será terrível e que venceremos afinal. Venceremos o que? A pergunta é fútil. Sabemos que nos cumpre vencer o principal inimigo de A Verdade: O Materialismo. À luta, pois! Cada um de nós em seu setor, combatamos todos; sem hesitação, o Rancor oposicionista. Batalhemos todos; sem temor, a Rotina retardatária. Guerreemos todos; sem arrefecimento, a perseguição. Mas; na luta, empreguemos somente as armas nobres dos Cavalheiros d'A Verdade: A Humildade, a Prudência, a Tolerância, a Persistência. Sim, essas as nossas armas. Na batalha da Luz contra a Treva outras não são permitidas que as do Evangelho. Voltando ao tema debatido nesta reunião, dizemos: aquele dentre vocês que mais vivo tornar os Espiritismo entre os homens; esse será o verdadeiro missionário d'A Verdade na Terra. Portanto, ainda não foi marcado. Convidamos a dar o primeiro passo à frente aquele que há pouco nos prometeu ficar na vanguarda dos soldados; aquele que recebeu e aceitou a incumbência de redigir em linguagem humana e universal a primeira página da Filosofia dos Espíritos; que será, realmente, a base da Religião do Futuro, que começa nesta hora. Se aquele o der; como contamos; se marchar com denodo, como almejamos; se não titubear como esperamos; terá, por certo, nosso apoio de flanco e retaguarda para lhe poupar o ataque invisível dos Espíritos Atrasados. E se chegar triunfante até o último alento da vida material logrará a Bênção da Providência e o Reconhecimento da Posteridade. Com ele, marchem resolutos; os que nos ouvem! Não é uma ordem retórica a que lhes transmitimos. Vocês sabem que, nos eventos a nós confiados; não é o Acaso que comanda. Cavalheiros d'A Verdade, para frente!

\* \* \*

Um curto silêncio ocorreu. Ermance derramou duas lágrimas na face quente e rósea, após a veemência das ultimas palavras. Seus lábios tremeram quando voltou a falar:

— A prece erguida há pouco por vocês tocou profundamente, nossos corações. Nós a acompanhamos com fervor; acrescentando-lhe pensamentos

que lhes vamos resumir nestas palavras.

"Senhor! Sabemos que fomos convocados na Terra e no Espaço para a grande Batalha d'A Verdade. Reconhecemos qual é o nosso dever; mas somos fracos e a tarefa é ingente. Encoraja-nos o propósito de servir-Te! Se desfalecermos, por um momento, reanima-nos! Se tombarmos, por um descuido, reergue-nos! Não nos deixe cair mais no cativeiro da Soberba, da Cobiça e do Egoísmo! Liberta-nos, Senhor, desses negros grilhões do Mal, ainda que pela Dor! Senhor, aleluia!"

— Assim seja! — exclamou Rivail.

— Assim seja! — repetiram todos.

— Agora, caros Camaradas, despeço-me desejando-lhes coragem e êxito. E nomeou-se: Luís de França.

\* \* \*

Quando os últimos convidados partiram, após onze horas, Gabi apagou as luzes do apartamento e recolheu-se logo ao leito, deixando Rivail no escritório, sentado à escrivaninha de carvalho, sob a luz bruxuleante duma vela. Ele apanhou um caderno, já em parte escriturado e com o título *Memórias* e principiou a escrever: "Hoje, finalmente, 18 de abril de 1857, posso dizer que lancei a público o trabalho mais importante de minha vida pelo enorme benefício que, certamente, espalhará. E isto devo..." Susteve a pena por instante e, tirando da gaveta central um dossiê de couro marrom, bojudado de papéis escritos, desatou-o e foi rebuscando entre folhas soltas a comunicação que lhe viera à lembrança ao escrever "devo". Tinha esta nota à margem: "De Zéphir, em 5 de janeiro de 1857, data em que entreguei o manuscrito d'O Livro dos Espíritos a Madame Dentu". Evocando, mentalmente, o Espírito amigo que lhe dera, continuou a escrever após a palavra devo: "... Em primeiro lugar a ti, caro Amigo, prezado Companheiro de outrora. Quero deixar aqui transcritas, em destaque, as tuas palavras": "Mas qual! A Verdade não será conhecida tão cedo, nem acreditada pela maioria antes que decorram muitos anos".

"Você não verá nesta existência senão a aurora do sucesso desta obra".

"Terá que voltar à Terra, reencarnado noutro corpo, para completar o que está apenas começando a fazer".

"Só então verá em plena messe os primeiros frutos da sementeira que O Livro dos Espíritos vai espalhar pelo Mundo".

"Agora você terá somente invejosos e competidores que procurarão denegri-lo e contradizê-lo. Não se desencoraje, porém! Nem se inquiete com o

que disserem ou fizerem contra! Prossiga na tarefa! Continue incessantemente a trabalhar pelo progresso da Humanidade!”

“Enquanto perseverar na via do Bem, onde entrou, você será sustentado fortemente pelos Espíritos bondosos e servos d’A Verdade”.

“No começo do ano passado, prometi minha amizade aos que durante o curso dos Ensinos se portassem convenientemente em todas as circunstâncias. O ano acaba de findar. Quero cumprir a minha promessa, anunciando-lhe: Você foi o escolhido”.

\* \* \*

Rivail apôs, em seguida, estas palavras:

— Obrigado ainda uma vez caro Amigo. Não fiz mais do que o dever para ser digno de sua estima e da confiança de meu Guia. Se agi convenientemente, devo-lhe muito, prezado Irmão. Você guiou-me nos primeiros passos. Trouxe-me os primeiros instrutores. Apresentou-me ao Espírito Verdade. Mostrou-me algumas páginas antigas de meu passado. E agora nesta mensagem fraternal ao fim de nosso curso, me desvenda um pouco do meu futuro. Obrigado por tudo, mil vezes obrigado! Creio, como você, que não viverei bastante neste corpo já alquebrado, para ver o triunfo da verdade espírita. Ficarei satisfeito se puder resistir, como você me anuncia, ao desenvolvimento germinativo da Filosofia que começamos a plantar hoje na Terra. A seara é de uns, a colheita é de outros. Assim diz o Evangelho. Mais de cem exemplares do O Livro dos Espíritos já se foram neste primeiro dia, doados ou vendidos. Cada volume será um grão de vida nova lançado ao coração dum homem velho. Se algumas sementes caírem em corações maduros haverá, por certo, gloriosas ressurreições Mil e duzentas sementes da A Verdade serão lançadas no terreno da Opinião. Se uma só frondejar, nosso esforço não foi em vão. Você prometeu, no começo das Instruções, ajudar os que se esforçam. Sabe que esforcei. Rejubilo-me em ver que, também Você cumpriu a promessa de estimar os que se esforçam. Guardarei como preciosa a sua estima... Está ouvindo? O relógio soa meia-noite. Sinto alguém alertar-me em surdida. Adeus caro Amigo!

\* \* \*

Rivail fechou a pasta de couro marrom sobre o caderno escrito e, levantando-se, ouviu uma voz:

— Até logo, Amigo!



— Até breve — respondeu ele.

E, de castiçal em punho, rumou para o leito, na ponta dos pés, para não despertar Gabi.

